



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CURSO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL**

**NAILTON NEGREIROS RIBEIRO**

**AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES DA FAMÍLIA NEGREIROS EM LAGOA DE FORA,  
SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ: Mapeamento, materialidades e narrativas**

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI**

**2023**

**NAILTON NEGREIROS RIBEIRO**

**AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES DA FAMÍLIA NEGREIROS EM LAGOA DE FORA,  
SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ: Mapeamento, materialidades e narrativas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Linke Salvio

**SÃO RAIMUNDO NONATO-PI**

Ribeiro, Nailton Negreiros

R484p As primeiras ocupações da família Negreiros em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato - Piauí / Nailton Negreiros Ribeiro. - São Raimundo Nonato-PI, 2023.

168 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Linke Salvio.

1. Autoetnografia. 2. Parentesco. 3. Narrativa oral. 4. Lagoa de Fora – Piauí. I. Salvio, Vanessa Linke. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF  
Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CURSO DE GRADUAÇÃO ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO  
PATRIMONIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

NAILTON NEGREIROS RIBEIRO

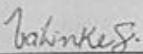
AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES DA FAMÍLIA NEGREIROS EM LAGOA DE  
FORA, SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ: Mapeamento, materialidades e  
narrativas

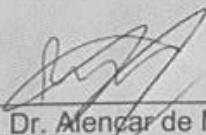
Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal do Vale do São Francisco  
– UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como  
requisito para obtenção do título de Bacharel em  
Arqueologia e Preservação Patrimonial.

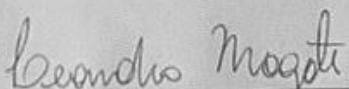
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Linke Sálvio

Aprovado em 19 de julho de 2023.

Banca Examinadora

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Linke Sálvio – Orientadora  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

  
Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral – Examinador  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

  
Leandro Elias Canaan Mageste - Examinador  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Aos meus pais, Angélica Alves de Negreiros e Pedro Hilton Paes Ribeiro.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, que nos momentos que precisei, foi ele a minha força!

Aos meus pais Pedro Hilton e Angélica, meus irmãos Andréia e Anderson, meu pequeno Théo, agradeço o apoio nessa caminhada.

Aos meus avós, principalmente a minha avó Alzira, que sempre com um sorriso no rosto me encoraja nos estudos, tecendo sempre as mais lindas palavras de incentivo.

Agradeço a Vanessa Linke pelo companheirismo profissional, pela amizade, e orientação desse trabalho, desenvolvido com muita sensibilidade e dedicação.

À Henrique Alcântara, pelo companheirismo profissional e parceria na realização dos campos, no processamento de dados, e pelo caminhar na pesquisa.

Aos colaboradores desse trabalho, agradeço o tempo concebido: Angélica Alves de Negreiros, Inez Maria de Negreiros, Antônio de Negreiros Paes, Alzira Paes Landim, Bartolomeu Paes Landim, João de Negreiros Sobrinho, Amélia de Negreiros Paes, Maria Delza de Negreiros, Luzineide Maria de Negreiros, Agnelo Alves de Negreiros, Berílio de Negreiros Paes.

Aos professores do colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial (CARQUEOL), agradeço pelo conhecimento a mim repassados e pela dedicação em ensinar.

Aos servidores, técnicos e terceirizados da UNIVASF, agradeço pela prestação de serviço e pelo apoio quando solicitado.

Agradeço a oportunidade de estagiar no Laboratório de Arqueologia Histórica (LAH), coordenado pelos professores Waldimir Neto e Vivian de Sena.

Aos meus amigos e colegas de turma que caminharam comigo nessa jornada, meu muito obrigado! Vencemos essa fase/etapa que passamos por tudo isso juntos!!! Em especial à Taís Ketlyn, Jainy Mendes e Larissa Aragão, pelos afetuosos laços construídos ao longo dos anos de parceria e amizade!!!

Para ser grande, sé inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes.

*Fernando Pessoa.*

## **RESUMO**

A comunidade de Lagoa de Fora, essencialmente rural, localizada a aproximadamente 10 km da cidade de São Raimundo Nonato, no sudeste do estado do Piauí, foi fundada na transição do século XIX para XX, por Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina das Virgens, onde constituíram uma família de treze filhos (algumas narrativas da comunidade colocam esse quantitativo em quatorze filhos), dos quais oito deles se estabeleceram na comunidade. Este trabalho teve por objetivo mapear e caracterizar a partir da materialidade e das narrativas memoriais de membros da comunidade as primeiras unidades domésticas, dos filhos de Serapião, na comunidade, a fim de se compreender a conformação inicial da paisagem e as relações estabelecidas com a mesma no seu desenvolvimento. Através de postulações da arqueologia do presente, da arqueologia colaborativa, da paisagem e da arquitetura, verifica-se a construção da comunidade vinculada ao parentesco e acesso a recursos, sobretudo hidrológicos. Observa-se ainda a aplicação e manutenção de técnicas vernaculares na construção das unidades domésticas.

**Palavras-chave:** comunidade Lagoa de Fora; família Negreiros; arqueologia do presente; São Raimundo Nonato; unidade doméstica.

## ABSTRACT

The Lagoa de Fora community, essentially rural, located approximately 10 kilometers of São Raimundo Nonato, in the southeast of the state of Piauí, was founded during the transition of 19th to 20th century, by Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina das Virgens, where they constituted a family of thirteen children (some community narratives place this number at fourteen children), of which eight of them settled at the community. This text aimed to map and characterize the first domestic unities that were built and occupied by Serapião and Ana Rosalina's children, using the materiality and memorial oral narratives from members of the community, in order to understand the initial conformation of the landscape and the relations established with it during its development. Using the postulates of the Archaeology of the Present, Collaborative Archaeology, Archaeology of Landscape and of Architecture, was possible to understand that the establishment of the community is linked to kinship and the access to some kind of resources, especially hydrological. We can also observe the application and maintenance of vernacular techniques in the construction of the domestic unities.

**Key-words:** community Lagoa de Fora; Negreiros's family; archeology of the present. São Raimundo Nonato; domestic unit.

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.....	16
Figura 2 - Mapa topográfico (datado de 1817) contemplando as capitâncias do Piauí, Maranhão e parte das capitâncias circundantes .....	55
Figura 3 - Serapião José de Negreiros.....	60
Figura 4 - Mapa de localização da casa de Serapião e a lagoa que nomeia a comunidade.....	62
Figura 5 - Lagoa que nomeia a comunidade (Lagoa de Fora) .....	63
Figura 6 - Relação de bens presentes no inventário de Serapião datado do século XX (1953).....	64
Figura 7 - Relação de bens presentes no inventário de Serapião datado do século XX (1953).....	65
Figura 8 - Caderno n° 6, p. 3 constando o registro de casamento de Serapião e Ana Rosalina .....	66
Figura 9 - Caderno n° 6, p. 3 constando o registro de casamento de Serapião e Ana Rosalina .....	66
Figura 10 - Ocupação de Serapião, listada no Diário Oficial da União do dia 28 de maio de 1910 .....	68
Figura 11 – Fragmento de cerâmica utilitária encontrado na área que correspondeu a ocupação de Serapião e sua família em Lagoa de Fora .....	69
Figura 12 - Fragmentos de louça encontrada na área que segundo as narrativas seria o quintal da casa .....	69
Figura 13 - Babosa (Aloe vera) encontrada na área da casa de Serapião José de Negreiros.....	70
Figura 14 - Configuração do território de Lagoa de Fora com suas subdivisões internas .....	71
Figura 15 - Cactáceas (Coroas de frades) sob rochas na região da comunidade Lagoa de Fora.....	73
Figura 16 - Igreja católica de São Serapião .....	81
Figura 17 - Imagem sacra do padroeiro São Serapião.....	81
Figura 18 - Rodas de São Gonçalo na Comunidade Lagoa de Fora.....	82
Figura 19 - Rodas de São Gonçalo na Comunidade Lagoa de Fora.....	82
Figura 20 - Reisado na Comunidade Lagoa de Fora .....	83

Figura 21 - Área correspondente a casa de Aquilina Virgem da Conceição .....	85
Figura 22 - Pisoteio do terreno por animais.....	85
Figura 23 - Fragmento de telha evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem .....	86
Figura 24 - Fragmento de tijolo evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem .....	86
Figura 25 - Material metálico evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem .....	86
Figura 26 - Estacas em madeira na área que corresponderia a casa de farinha da unidade doméstica .....	87
Figura 27 - Bloco de arenito evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem .....	87
Figura 28 - Área da casa com leve elevação topográfica e com presença de árvores nativas da região .....	90
Figura 29 - Fragmentos de cerâmica utilitária e telha presentes na área da casa ....	91
Figura 30 - Fragmento de um utilitário de cozinha presentes na área da casa.....	92
Figura 31 - Frasco de vidro encontrado na área da casa de Bruno José de Negreiros .....	93
Figura 32 - Material metálico evidenciado na área da casa de Bruno José de Negreiros .....	93
Figura 33 - Fragmento de louça evidenciado na área da casa de Bruno José de Negreiros.....	94
Figura 34 – Área do terreno correspondente a casa de Cornélio José de Negreiros	96
Figura 35 - Espaço doméstico construído sobre os restos estruturais da casa de Cornélio José de Negreiros .....	97
Figura 36 - Fragmento de material construtivo (telha) no terreno de Cornélio José de Negreiros.....	97
Figura 37 - Fragmento de material construtivo (telha) no terreno de Cornélio José de Negreiros.....	98
Figura 38 - Bloco de micaxisto encontrado no terreno onde corresponderia a casa de Cornélio José .....	98
Figura 39 - Concentração de telhas (inteiiras e fragmentadas) no terreno de Marcelino José de Negreiros .....	100

Figura 40 - Concentração de telhas fragmentadas no terreno de Marcelino José de Negreiros.....	101
Figura 41 - Concentração de tijolos de adobes no terreno de Marcelino José de Negreiros.....	101
Figura 42 - Concentração de blocos em micaxisto (lajes de pedra) no terreno de Marcelino José de Negreiros.....	102
Figura 43 - Área que correspondeu a casa de Petronília Virgem da conceição.....	104
Figura 44 – Restos estruturais em barro na área da casa de farinha de Petronília Virgem da Conceição .....	104
Figura 45 - Materiais construtivos presentes na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	105
Figura 46 - Concentração de fragmentos de telhas no terreno de Petronília Virgem da Conceição .....	105
Figura 47 - Fragmento de cerâmica utilitária evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	106
Figura 48 - Fragmento de cerâmica utilitária evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	106
Figura 49 - Fragmentos de louças evidenciadas na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	106
Figura 50 - Material ferroso evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	107
Figura 51 - Material vítreo evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição .....	107
Figura 52 - Petronília Virgem da Conceição e Avelino de Negreiros Sobrinho .....	108
Figura 53 - Corredor central interligando cômodos na casa de João Gualberto de Negreiros.....	111
Figura 54 - Quarto na casa de João Gualberto de Negreiros.....	112
Figura 55 - Configuração arquitetônica da casa de João Gualberto de Negreiros..	112
Figura 56 - Espaço doméstico – cozinha – na casa de João Gualberto de Negreiros .....	113
Figura 57 - Vista para a sala e exterior da casa de João Gualberto evidenciando aspectos arquitetônicos.....	113
Figura 58 - Detalhes arquitetônicos da lateral esquerda (a frente do jardim) da casa de João Gualberto.....	113

Figura 59 - Detalhe arquitetônico contemplando o encurtamento das paredes e o telhado .....	114
Figura 60 - Detalhe arquitetônico evidenciando partes do telhado sob madeiras ...	114
Figura 61 - Oratório e quadros de santos na sala da casa de João Gualberto e Joana Maria .....	115
Figura 62 - Tecendo afetos e bordando laços: A manta de dona Nanzinha.....	116
Figura 63 - Parte do jardim cultivado pelas “marias” no quintal da casa de João Gualberto.....	117
Figura 64 - Bisnetos de João Gualberto e Joana Maria brincando no quintal/jardim da casa.....	117
Figura 65 - João Gualberto de Negreiros e Joana Maria de Negreiros .....	119
Figura 66 - Detalhe arquitetônico na lateral esquerda evidênciia a técnica da sobreposição de tijolos .....	120
Figura 67 - Detalhe arquitetônico em tijolos na janela da lateral esquerda da casa	120
Figura 68 - Vista externa da casa contemplando a janela (do quarto) com intensas modificações arquitetônicas .....	121
Figura 69 - Vista interna do quarto evidenciando as intensas modificações arquitetônicas ao longo dos anos.....	121
Figura 70 - Vista frontal da casa de João Gualberto de Negreiros.....	122
Figura 71 - Detalhes das portas e janelas frontais da casa de João Gualberto de Negreiros.....	122
Figura 72 - Vista frontal da entrada para a antiga dispensa - hoje - quarto interligado pela cozinha .....	122
Figura 73 - Vista para o antigo paio – na atualidade um espaço (cozinha) .....	124
Figura 74 - Vista interna para o antigo paiol da casa de João Gualberto de Negreiros .....	124
Figura 75 - Vista parcial da área da casa de Joana Batista da Conceição .....	125
Figura 76 - Área da casa de farinha com a presença de materiais construtivos .....	126
Figura 77 – Fragmentos telhas na área que corresponderia a casa de farinha .....	126
Figura 78 - Traçado e delimitação em tijolos da área da casa de Joana Batista.....	127
Figura 79 - Tijolos de barro da casa dispostos em técnica de sobreposição e duplicidade .....	127
Figura 80 - Batedor “mão de pilão” em seixo rolado de quartzo utilizado para processar alguns alimentos .....	128

Figura 81 - Fragmentos de louças evidenciados na área que correspondia a casa de Joana Batista da Conceição.....	128
Figura 82 - Angélica Negreiros e seus avós Joana Batista e Pedro Alves .....	129
Figura 83 - Farinhada na casa de farinha comunitária de Lagoa de Fora .....	131
Figura 84 - Entrada de acesso a Casa de Farinha Comunitária de Lagoa de Fora	132
Figura 85 - Parte interna da casa de farinha com a presença de dois fornos a lenha .....	133
Figura 86 - Parte externa da casa de farinha contemplando os acessos para inserção da madeira (lenha) .....	133
Figura 87 - Materialidades/ferramentas (facões de madeira) empregadas nas farinhadas.....	133
Figura 88 - Materialidades/ferramentas (cuias e pratos) empregadas nas farinhadas .....	134
Figura 89 - Cochas em madeira para armazenamento de massas obtidas no processo das farinhadas.....	134
Figura 90 - Materialidades/ferramentas (vassouras) empregadas nas farinhadas..	134
Figura 91 - Distribuição das primeiras casas/espaços domésticos na comunidade Lagoa de Fora .....	139

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>20</b>
2.1	Arqueologia do Presente .....	20
2.2	Autoenografia: uma “Arqueologia de dentro” .....	27
2.3	Arqueologia da Paisagem .....	32
2.4	Arqueologia da Arquitetura .....	35
2.5	Arqueologia Pública e Colaborativa.....	39
<b>3</b>	<b>PERCUSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>45</b>
<b>4</b>	<b>“ÀS FORA” À LAGOA DE FORA: CONTEXTUALIZANDO HISTÓRICAMENTE, SOCIALMENTE, AMBIENTALMENTE E ECONOMICAMENTE A COMUNIDADE.....</b>	<b>54</b>
4.1	Serapião e suas andanças: De Jacobina/Ba à São Raimundo Nonato/PI .....	59
4.2	Serapião e a fé Católica: A presença dos oratórios, rezas e manifestações culturais .....	80
<b>5</b>	<b>MATERIALIDADES E NARRATIVAS: AS PRIMEIRAS CASAS EM LAGOA DE FORA.....</b>	<b>84</b>
5.1	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Aquilina Virgem da Conceição.....	84
5.2	Narrativas Memoriais.....	87
5.3	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Bruno José de Negreiros .....	90
5.4	Narrativas Memoriais.....	94
5.5	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade Doméstica Cornélio José de Negreiros .....	96
5.6	Narrativas Memoriais.....	98
5.7	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Marcelino José de Negreiros .....	100
5.8	Narrativas Memoriais.....	102
5.9	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Petronília Virgem da Conceição.....	103
5.10	Narrativas Memoriais .....	107

5.11	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica João Gualberto de Negreiros .....	111
5.12	Narrativas Memoriais .....	118
5.13	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Joana Batista da Conceição.....	124
5.14	Narrativas Memoriais .....	128
5.15	Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Ursulino José de Negreiros .....	130
5.16	Narrativas Memoriais .....	134
<b>6</b>	<b>DISCUSSÕES DE DADOS .....</b>	<b>138</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>144</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>
	<b>ANEXO A – LIVRO Nº 6 CONTENDO A CERTIDÃO DE CASAMENTO DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGREIROS E ANAROSALINA DAS VIRGENS .....</b>	<b>154</b>
	<b>ANEXO B - PROCURAÇÃO DA RELAÇÃO DE BENS PRESENTE NO INVENTÁRIO DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGREIROS (SÉCULO XX – 1953).....</b>	<b>155</b>
	<b>ANEXO C – RELAÇÃO DOS HERDEIROS DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGRERIOS – NOMINATA.....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICE A – PESQUISA DE CAMPO – ARQUIVO DOCUMENTAL - CÚRIA DIOCESANA DA IGREJA MATRIZ DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PIAUÍ .....</b>	<b>157</b>
	<b>APÊNDICE B – ATIVIDADE DE CAMPO – PROSPECÇÕES NAS ÁREAS DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NA REGIÃO DA COMUNIDADE LAGOA DE FORA .....</b>	<b>158</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMOS DE AUTORIZAÇÕES PARA COLETA DE INFORMAÇÕES ORAIS, DIRETOS DE IMAGEM E DADOS ETNOGRÁFICOS...159</b>	

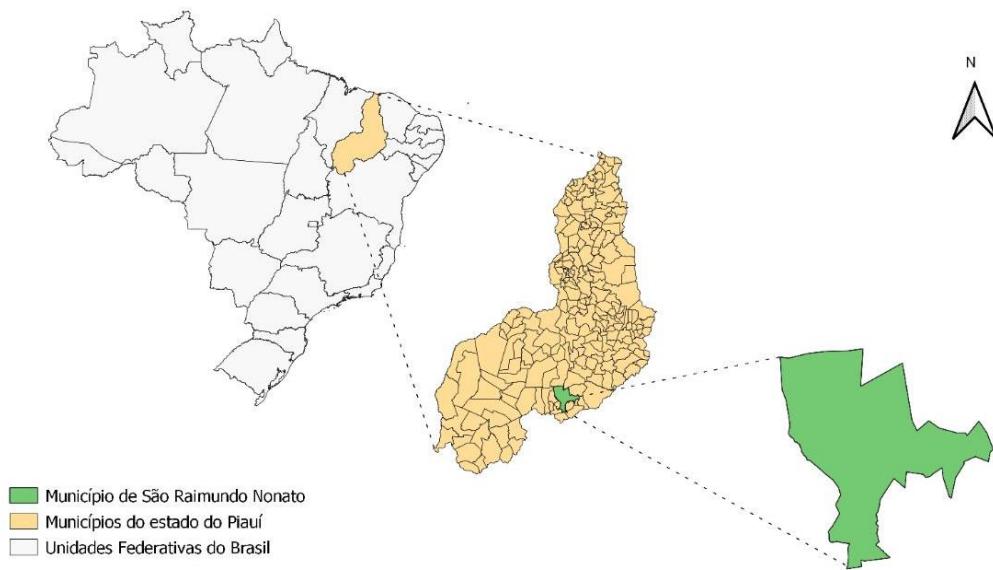
## 1 INTRODUÇÃO

[...] o meu desejo é de cuidar até quando não puder mais, e a casa ficar aí para os outros. Ficarem vendo. Meu desejo é esse" (PAES, 2023).

A referida pesquisa centra-se em um modelo colaborativo na construção de um trabalho no qual as bases da autoetnografia direcionam e dão certames nas relações entre o “eu” enquanto morador/pesquisador e a comunidade. A pesquisa em tela desenvolveu-se na Comunidade Lagoa de Fora, essencialmente rural, localizada no interior do município de São Raimundo Nonato, no sudeste do estado do Piauí, aproximadamente 12 km do centro urbano (Figura 1).

Seu povoamento inicial configura-se na pessoa do senhor Serapião José de Negreiros - mais conhecido por “Pai Pião” e sua família - que segundo as narrativas locais - ao campear por essa região em busca de um animal perdido, e ao longo das suas andanças pela região, depara-se com os potenciais recursos que esse espaço os possibilitaria, caso se fixasse ali. Após a sua escolha de povoar essa que era uma região até então pouco frequentada e habitada, fez dela parte do início da descendência Negreiros no estado do Piauí.

**Figura 1** - Localização do município de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil



Elaboração cartográfica: Nailton Negreiros Ribeiro (2022) Fontes: Limites municipais e unidades federativas (IBGE, 2020) Sistemas de Coordenadas Geográficas, datum SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE (2020), editado pelo autor (2022).

Enfatizando esse processo inicial de ocupação da comunidade, a pesquisa envereda-se pelas materialidades e narrativas acerca das unidades domésticas (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001; NASCIMENTO, 2011) envolvidas na construção paisagística de Lagoa de Fora, tomando para isso os descendentes diretos de Serapião e sua esposa Ana Rosalina das Virgens, no caso, seus filhos e filhas. Percebendo como e por onde essas materialidades se articulam e constituem como elementos possíveis da reconstituição ocupacional, direcionados por dinâmicas sociais e familiares, tramadas assim pela família Negreiros na comunidade.

Minha inserção nesse contexto enquanto morador e pesquisador se estabelece na condição de tataraneto de Serapião e Ana Rosalina. Nessa perspectiva as bases desse trabalho consolidam-se em uma autoetnografia, alimentadas pelos laços de afeto e afeições (MAGESTE; AMARAL, 2022) entre pesquisador/morador e a comunidade - as gentes - que fazem e transformam esse lugar.

Ao ingressar no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial na Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus Serra da Capivara* no ano de 2019, me deparei com os grandes potenciais e possibilidades que esse campo me proporcionaria enquanto estudante e pesquisador da área. Sempre e desde o início da graduação me propus em estudar e debruçar-me sobre algo íntimo da minha existência na “minha” comunidade, mesmo que ainda nessa época inicial do curso não tinha os objetivos claros e o tema definido.

Com o afunilamento dos conceitos, com andar do curso e com meu ingresso na Iniciação Científica (IC), pude acessar de fato como se constrói uma pesquisa, os passos que devem ser seguidos, e o caminhar com projeto “*Histórias, memórias, pessoas, seres e coisas: uma biografia de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí*”<sup>1</sup>, me proporcionou uma vivência com as arqueologias na “minha” comunidade, por isso, se justifica as atribuições e contribuições teóricas e metodológicas da autoetnografia.

Sob o âmbito do projeto, coordenado pela prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Vanessa Linke, e com as pesquisas de arqueologia sendo desenvolvidas na comunidade, pude ao longo desses anos, com as relações, redes de trocas de saberes e as atividades de campo, definir e alinhar meu foco de pesquisa, estabelecendo a materialidade das unidades/espaços

---

<sup>1</sup> Projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) com o número 3958 e aprovado no edital I05/20 (PIBIC/PIVIC-CNPq-UNIVASF).

domésticos (as casas e áreas de produção da vida rural a elas associadas) dos filhos de Serapião e Ana Rosalina e as memórias comunitárias sobre as mesmas como propostas de estudo.

O presente trabalho se justifica pelo interesse de pesquisa a respeito de contextos rurais do semiárido nordestino, que em certas medidas não são privilegiadas nas histórias e narrativas oficiais as vivências e recordações de atores sociais tidos como “comuns” frente a outros coletivos, que na sua essência são exatamente e profundamente estudados.

Com tudo isso, a pesquisa em tela se debruça sobre aspectos arquitetônicos vernaculares do contexto da comunidade Lagoa de Fora, território estabelecido como essencialmente rural. Assim, a importância do referido trabalho se alicerça na investigação de características arquitetônicas da zona rural do município de São Raimundo Nonato, contribuído com tudo isso na valorização e consolidação dos patrimônios na comunidade, além de ouvir as vozes de atores sociais a respeito das materialidades que historicamente são silenciados pelas narrativas oficiais.

Compreender como se desenvolveram e distribuíram as casas/espaços domésticos no contexto do final do século XIX e XX é aprofundar-se nas técnicas construtivas vigentes para esse tempo, assim percebendo como as pessoas e coletivos lidavam com a gerência, manutenção e utilização desses mecanismos.

Com isso, assim como a autoetnografia, outras inspirações teóricas permeiam este trabalho, servindo de aporte para consolidação dessas justificativas, como as importantes percepções e postulações que a arqueologia da Paisagem (INGOLD, 1993; ACHA, 2022; KORMIKIARI, 2014) possibilitam, enquanto pesquisador, compreender como os aspectos fisiográficos, promovidos por questões sociais, simbólicas e culturais, moldam e transformam a paisagem, não longe disso, a comunidade se atrela a essas questões.

Outra possibilidade interpretativa e conceitual que nos promove reflexões e discussões que encaminham para debates atuais, são os campos da arqueologia do presente (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006; 2008; 2009), arqueologia pública e colaborativa (BEZERRA, 2003; 2017), arqueologia da arquitetura (NAJJAR, 2002; 2011).

Elenca-se ainda o problema de pesquisa, que foram as bases norteadoras da pesquisa, ou seja, assim como ainda estão presentes vestígios materiais da Casa de

Serapião José de Negreiros em Lagoa de Fora, seria possível identificar materialidades das habitações de seus primeiros descendentes e como a distribuição dessas habitações na paisagem se articulam?

Para resolução dessa problemática, as narrativas e oralidades, constituem os grandes pilares na elaboração desse trabalho, com isso os moradores da comunidade munidos das suas relações com as materialidades e paisagens, além de todas as “**histórias do Pai-Pião**”, desempenham e direcionam para os objetivos centrais do trabalho, à medida que elenca-se como objetivos específicos, a identificação e mapeamento dos locais das antigas habitações dos filhos de Serapião José de Negreiros e sua esposa Ana Rosalina das Virgens, a caracterização da materialidade presente nas áreas ocupadas pelos descendentes do fundador da comunidade, e o registro das narrativas locais sobre as estruturas habitacionais e materialidades presentes e ausentes hoje nos espaços identificados.

A presente pesquisa estrutura-se em cinco seções, sendo estas a introdução, a primeira sessão destacada para a fundamentação teórica, para qual são definidas as correntes e campos teóricos e metodológicos que direcionam os certames da pesquisa, como a autoetnografia, arqueologia do presente, arqueologia pública e colaborativa, arqueologia da paisagem e arqueologia da arquitetura.

Em um segundo momento se discute os aspectos e percursos metodológicos aqui escolhidos como propostas para obtenção dos objetivos elencados, como a pesquisa documental, bibliográfica, o mapeamento de estruturas, prospecções oportunísticas com membros da comunidade, observação participante, descrição de áreas, métodos autoetnográficos. Na terceira parte versa-se sobre a discussão a respeito da contextualização histórica, econômica, social e ambiental da comunidade Lagoa de Fora.

Apresenta-se em um quarto momento os dados produzidos e obtidos em campo, com as prospecções arqueológicas e as narrativas coletadas para compressão das unidades domésticas, além das discussões de dados dispostas em um quinto momento, além das considerações finais, amarrando-as com as correntes teóricas, dados produzidos e resultados obtidos ao longo da pesquisa.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para esta pesquisa e visando atender os objetivos propostos, adota-se correntes teóricas que, com seus aportes, proporcionam a compreensão geral do campo da pesquisa, bem como sua sustentação dada do ponto de vista teórico.

### 2.1 Arqueologia do Presente

A arqueologia do presente/passado recente/passado contemporâneo surge como campo teórico simétrico quando lança mão de discussões que transcendem o campo da etnoarqueologia, ao mesmo tempo surgem novas inquietudes sobre como as culturas, como a sociedade e o registro arqueológico são trabalhados, e, de certa forma, entendidos.

Ao estudar e debruçar-se sobre contextos contemporâneos e toda sua carga simbólica, social e nas mais diversas esferas, Gonzaléz-Ruibal nos diz que a arqueologia do presente “[...] se funda em um processo não dicotômico entre passado e presente e que ao compreender as sociedades contemporâneas através de metodologia e teorias de cunho arqueológico se diferencia da *Etnoarqueologia* (SOUZA, 2020, p. 18).

Gonzaléz-Ruibal (2006), principal expoente dessa temática, discorre que “[...] há um desconforto entre muitos arqueólogos hoje pelo afastamento da disciplina das coisas, um movimento que exacerba muitos dos problemas associados aos dualismos cartesianos”<sup>2</sup> (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.110, tradução nossa).

Gonzaléz-Ruibal (2006) ao propor esse projeto de uma arqueologia do presente que se preocupasse sobretudo com os questionamentos acerca da separação e por vezes oposição entre “coisas e pessoas”, “passado e presente”, foge das proposições de uma arqueologia baseada e direcionada por “dualismos cartesianos acerbados” “[...] propondo, agora uma maneira simétrica de raciocinar e agir [...] o que implica, entre outras coisas, que pessoas e coisas são construídas simultaneamente [...], não como entidades separadas e que passado e presente são realmente misturados” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.110, tradução nossa).

---

<sup>2</sup> Tradução livre de: “There is a discomfort among many archaeologists today for the discipline’s movement away from things, a movement that exacerbates many of the problems associated with Cartesian dualisms”. (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.110).

Segundo o autor, esse tipo de abordagem se consolida em uma arqueologia que se compromete com a “trama” envolta das pessoas vivas com as suas histórias e seus usos, na medida que:

[...] trabalha com comunidades vivas, ao admitir essa perspectiva de que a arqueologia do presente lida com pessoas ou “sociedades vivas”, estuda coletivos compostos por humanos, animais e coisas, investiga as texturas da vida cotidiana e avalia a natureza complexa do tempo, enredado nas coisas e na paisagem (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.122, tradução nossa).<sup>3</sup>

Ao admitir que o campo da arqueologia do presente lida com sociedades vivas, o autor salienta que esse tipo de abordagem “[...] aceita que todo presente se encontra emaranhado com uma diversidade de passados que estão permeados no tempo” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.110).

De acordo com Gonzaléz-Ruibal (2006), a arqueologia do presente utiliza como aparato para investigar e interpretar sociedades e contextos vivos, abordagens metodológicas e teóricas que em suma diferem dos princípios da etnoarqueologia.

O campo da etnoarqueologia e da arqueologia do presente/arqueologia do passado contemporâneo são entendidas de certa forma como análogas entre si, e essas similaridades se dão pelo fato dessas duas abordagens serem “[...] entendidas enquanto modos de produzir conhecimento a partir de uma circunstância presente [...] toda e qualquer arqueologia produz conhecimento a partir do presente, uma vez que essa é uma condição imposta a nós” (TRAMASOLI, 2017, p. 200).

“[...] Segundo, ao contrário do que uma arqueologia do contemporâneo supõe, a etnoarqueologia serve-se do contexto local a fim de prover raciocínios analógicos que ofereçam subsídio às postulações da Arqueologia” (TRAMASOLI, 2017, p. 200).

Assim, embora, em certa medida, consideradas análogas, elas guardam uma diferença fundante: a etnoarqueologia surge interessada pelo presente para compreender o passado, o registro arqueológico pretérito; já a arqueologia do presente se interessa pelo presente e os emaranhados de relações que este estabelece com o passado na construção das conexões socioculturais que existe entre pessoas, lugares, coisas, seres etc.

Esse respectivo campo se aprofunda em aspectos divergentes da etnoarqueologia, estabelecidos, assim, pelos focos de estudos não serem efetivamente análogos, ao mesmo tempo que os resultados obtidos podem ser utilizados em outros contextos

---

<sup>3</sup> Tradução livre de: “[...]This archaeology works with living communities, studies collectives composed of humans, animals and things, investigates the textures of daily life, and assesses the complex nature of time, as enmeshed in things and landscape”. (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006, p.122).

e sociedades, e que não há limitação de foco de estudo, ou seja, toda e qualquer sociedade pode ser estudada pelos pressupostos da arqueologia do presente, e que não cabe ou se aplica qualquer tipo de segregação ou distinção entre grupos e entre passado e presente (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008).

Com tudo isso, seu objetivo se pauta em admitir não somente a história dos objetos, ou seja, a biografia por ela mesma, mas se permitir analisar outros parâmetros, compreender outras relações históricas, sejam elas quais forem - entre pessoas e coisas.

Logo se torna necessário voltar os olhos e estudos para distintas dinâmicas sócio-culturais para assim compreender melhor a/as comunidades em uma vertente mais ampla (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008, p. 20). Estabelece-se, assim, como uma corrente arqueológica que busca sobretudo “[...] articular a materialidade ao contemporâneo, que provê serventia ao contexto local” (TRAMASOLI, 2017, p. 200).

Segundo Gonzaléz-Ruibal (2008), a arqueologia se enveredou nos últimos anos em uma *etnografia da materialidade*<sup>4</sup>, desenvolvida para que não deixassem em segundo plano o objeto pelo objeto, a carga material que ele carrega, coisas que o campo da antropologia muitas vezes relega a um segundo momento.

É envolto nessa perspectiva que a arqueologia se debruça, no estudo das coisas por elas mesmas e nesse aspecto as “[...] casas, tumbas, cerâmicas, machados, celeiros e enxadas são muito mais que meros índices sociais: são partes fundamentais e inseparáveis da vida da gente” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008, p. 20, tradução nossa).<sup>5</sup>

Para Nascimento (2011), o projeto de arqueologia defendido por Gonzaléz-Ruibal, revela-se e “[...] pode ser uma fonte de reflexão, contribuindo tanto para os arqueólogos quanto para antropólogos, para uma prática reflexiva, simétrica e materialmente consciente” (NASCIMENTO, 2011, p. 34).

Como salienta Brandão (2017) a respeito da atuação da arqueologia do presente, a autora aponta que essa área busca investigar um período ou tempo em que

<sup>4</sup> Nesse sentido o objetivo central da arqueologia do presente seria “[...] transcender a biografia do artefato e analisar as intrínsecas relações históricas entre pessoas e coisas. Para fazer isso, é necessário entender as comunidades em perspectiva e em um contexto mais amplo. As culturas que estudamos não permaneceram isoladas e imperturbáveis por milênios, por mais arcaicos que nos pareçam os trajes, as cerâmicas ou as habitações. A arqueologia do presente tenta entender a mudança, o contato cultural e a hibridização” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2009, p. 20, tradução nossa).

<sup>5</sup> Tradução livre de: “[...] Casas, tumbas, cerámicas, hachas, graneros, caminos y azadas son mucho más que meros índices sociales: son una parte fundamental e inseparable de la vida de la gente (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008, p. 20).

“nós” estamos e carregamos em nosso íntimo, para qual ele (tempo/período) interfere e age de forma significativa e atuante, em nossas ações e vivências, o que possibilita e conduz a uma investigação de um passado mais recente, conduzido pela cultura material.

A despeito disso a autora argumenta ainda sobre a arqueologia do presente, apontando que a sua importância “[...] está no seu papel político em produzir histórias alternativas sobre eventos recentes, mediando e mantendo viva a sua memória (BRANDÃO, 2017, p. 213).

Ao passo que se pretende “[...] uma forma menos colonial e mais comprometida com o trabalho etnoarqueológico [...] e preocupada em compreender as culturas locais, o seu contexto histórico e seus problemas políticos no presente” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008, p. 26, tradução nossa).<sup>6</sup>

Em eco as colocações de Gozaléz-Ruibal (2008), Thiesen (2013) salienta que a arqueologia do presente desempenha um papel ativo e primordial em questões de cunho social, algo que, por exemplo, não se observa em períodos mais recuados no tempo, como o passado pré-colonial estrito, e que:

[...] se a sociedade ocidental contemporânea tem como uma de suas principais características a destruição e o consequente esquecimento de si mesma, creio que o arqueólogo do passado recente tem uma importante contribuição a fazer: documentar a vida presente para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, essa arqueologia pode ter o importante papel de desbanalizar o passado recente, mostrando, escancarando, o drama, os traumas e, por que não, as soluções da nossa vida cotidiana (THIESEN, 2013, p. 225).

O campo da arqueologia do presente engajada nos debates contemporâneos busca sobretudo o comprometimento com os contextos locais, e particularidades, ao passo que a sua configuração demonstra que ao articular e promover entendimentos e trocas entre a materialidade e suas agências, nos permite permear em questões como:

Nossas memórias, mas a rede social de memórias na qual fomos educados e socializados que conta, incluindo as histórias e experiências transmitidas por nossos pais e avós. [...] é a arqueologia de nós que estamos vivos (nenhuma outra arqueologia pode alegar isso) mas, também, mais do que qualquer outra, é a arqueologia do trauma, da emoção e do envolvimento íntimo (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008, p. 3).

---

<sup>6</sup> Tradução livre de: “[...] una forma menos colonial y más comprometida de llevar a cabo trabajo etnoarqueológico [...] se preocupa por comprender las culturas locales, su contexto histórico y sus problemas políticos en el presente. (GONZALÉZ-RUIBAL, 2008, p. 26).

Essas memórias sociais são construídas no campo da arqueologia do presente através de temporalidades que podem ser fluidas e como consequente não lineares (BRANDÃO, 2017). Pensando e trabalhando com essas “sociedades vivas”, é que diversas pesquisas são construídas versando com os embasamentos de uma arqueologia do presente, como os trabalhos de Brandão (2017) e Paes (2022).

No trabalho intitulado “Escavando Temporalidades” de Juliana Brandão, a autora discute sobre o viés da arqueologia do presente o “passado” manicomial. Em sua pesquisa a noção de tempo (passado, presente e futuro) aqui é entendida e trabalhada sobre outras perspectivas, através do modo como essas percepções de tempo influenciaram/influenciam as interpretações arqueológicas.

Logo ao analisar com detalhes as memórias, as materialidades e os discurso envoltos aos Manicômios<sup>7</sup>, locais esses de deliberadas arquiteturas que foram em gênese tramadas com o objetivo claro de isolar e suprimir os cidadãos tidos como “inaptos” ao convívio social, carregados pelas suas dificuldades, eram assim acometidos pelo “poder manicomial”, caso presentes em vários contextos sociais.

Ao estudar o contexto manicomial de Barbacena/Minas Gerais, Brandão (2017), mergulha nas histórias, narrativas e materialidades envoltas nessa instituição psiquiátrica, a autora entra nos meandros de um “passado” que até hoje é manipulado, vivido e sentido de certa forma pela sociedade que a conhece e reconhece. Esse espaço (Manicomial), foco da sua pesquisa, (hoje) não mais funciona como nos moldes de anos atrás, mas ainda manipula e carrega nas histórias e vivências de ex-internos, da própria materialidade, como arquitetura, a oralidade e a materialidade jornalística que circunscrevem a história social deste contexto. Brandão (2017) discorre que:

Uma das grandes particularidades da Arqueologia que trata de períodos históricos é a possibilidade de trabalhar com fontes documentais e, por vezes, também com fontes orais. Não se trata apenas de um amplo leque de informações ou de diferentes frentes de pesquisa. Trata-se, também, de distintas perspectivas temporais sendo manipuladas no presente; isto é, há a temporalidade dos objetos, dos documentos, das memórias e dos relatos. Tudo isso somado, forma aquilo que no *métier* arqueológico poderia se chamar de estratigrafia perturbada/bagunçada — no entanto, uma “estratigrafia” repleta de potencial (BRANDÃO, 2017, p. 215, grifo da autora).

---

<sup>7</sup> A pesquisa de Brandão (2017) se desenvolveu a respeito do manicômio pertencente ao Hospital Colônia, de localização no município de Barbacena, estado de Minas Gerais. Seu trabalho pode ser acessado pelo endereço eletrônico: [https://www.academia.edu/35488680/Escavando\\_temporalidades](https://www.academia.edu/35488680/Escavando_temporalidades).

Ao voltar os estudos para questões que envolvem tempo e memórias presentes, a autora demonstra e busca lidar com os mais diversos discursos construídos por aqueles que fizeram e manipularam a realidade desse local/espaço/lugar.

Ao manipular as mais diversas fontes que possibilitam tratar a materialidade nos discursos como algo inerente ao indivíduo, e que carregam diferentes vertentes do que chamamos de tempo, e envolvidos com as “[...] diferentes concepções de tempo de forma concomitante e complementar” (BRANDÃO, 2017, p. 215), a pesquisa se faz.

Nesse sentido, fazemos um comparativo de contextos, que por mais diversos e amplamente diferentes, se condicionam a princípio único: a manipulação das suas memórias, materialidades e narrativas. As formas como as “sociedades vivas” lidam e significam suas memórias e os mais diversos condicionantes de histórias.

Seguindo as contribuições que a arqueologia do presente desempenha nos estudos das sociedades mais recentes e seus contextos, Paes (2022)<sup>8</sup>, aborda em sua pesquisa como a população da comunidade Lagoa de Fora, lida historicamente com os recursos hídricos, e gere seu uso, tanto para consumo próprio como dos animais.

A autora, como membro desse contexto comunitário, pode através das narrativas locais interpretar e compreender como essa gerência de recursos se desenvolveu ao longo do tempo, seja na utilização das cacimbas, dos barreiros, das cisternas, ou com os poços artesianos.

Na construção da sua pesquisa Paes (2022), percorre as mais diversas narrativas, na busca de uma melhor compreensão do seu “objeto” de interesse, possibilitando lidar com os meandros que certos agentes sociais empregavam no enfrentamento dos longos períodos de estiagem, típicos do bioma caatinga, e sobretudo no semiárido.

Essa manutenção dos recursos possibilita, entre outras a coisas, a consolidação dos saberes envoltos na gerência desses mecanismos.

---

<sup>8</sup> A pesquisadora Samara de Negreiros Paes, desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na comunidade Lagoa de Fora, zona rural de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí. Seu trabalho teve como título: “Essa Água Não Via Pesinho” - Estruturas Materiais e Narrativas Sobre Coleta de Água em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí. Integra da sua pesquisa: <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000026/000026aa.pdf>.

Paes (2022), ao aprofundar-se em um Arqueologia do Presente que lida com narrativas, memórias e materialidades, envolve-se em questões que enraízam os saberes locais e como a utilização de mecanismos são agentes que conduzem certos e demais atores sociais a manipularem suas dinâmicas, sejam elas quais forem.

Acerca das contribuições e inferências dos autores citados, que ao buscarem uma arqueologia que lidasse com o presente e com as transformações que dele são acarretados, e assim não somente se prendendo a uma investigação do passado, mas que carregasse na sua essência, narrativas, histórias, vivências.

Com isso promoveria trabalhados com distanciamentos de uma noção de tempo e linearidade que muitas vezes silenciam e não contemplam histórias, seres e coisas. Nessa perspectiva:

[...] o fazer arqueológico e as narrativas que dele resultam vão além do enfoque temporal no passado. Por vezes, trata-se do presente (lugar a partir do qual construímos nossas análises e narrativas) e do futuro (quando nossos objetos de estudo trazem implicações políticas que nos fazem (re) pensar a sociedade) (BRANDÃO, 2017, p. 217).

Para o contexto da comunidade Lagoa de Fora, estudar as materialidades sob a ótica da arqueologia do presente é entender os processos de uma “sociedade viva”, capaz de manipular suas histórias, narrativas, e construir suas identidades, os processos históricos e sociais. É entrelaçada pelas memórias, narrativas e experiências relacionais que, nesse caso, se fundam a comunidade de Lagoa de Fora e sua paisagem, baseadas, em sua essência, na figura de Serapião José de Negreiros.

Em suma, é na perspectiva da arqueologia do presente, campo que lida e privilegia sociedades, narrativas e histórias de processos que corroboram na construção das histórias de ocupação, e dinâmicas, essas sociais, simbólicas e estruturais, que esta pesquisa se alicerça. E, neste sentido, tem como diretriz teórico metodológico a etnografia arqueológica, método que propõem seus direcionamentos nas análises e nas considerações dos objetos baseando-se na compreensão de toda extensão do contexto sócio-cultural, meio em que os objetos permeiam, assim agindo e circulando (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006; 2008).

Para a experiência etnográfica desta pesquisa, e sendo parte da comunidade com a qual esta pesquisa se imiscui, me debruço sobre as discussões da autoenografia.

A autoetnografia enfatiza as narrativas internas, na qual as considerações se desenvolvem a partir das vivências, memórias, narrativas, e demais processos culturais.

## 2.2 Autoenografia: uma “arqueologia de dentro”

A pesquisa se embasa nos conceitos e argumentações da autoetnografia. Sua justificativa se faz pela minha ligação direta com a comunidade Lagoa de Fora, aqui como foco de estudo, ligada e retroalimentada pelos laços de parentesco, consanguinidade, afeto e afeições. Esse último aspecto é o norte direcionador desse trabalho, desenvolvido sob uma perspectiva pautada na troca de relações substanciadas pela construção da minha pessoalidade perante o foco de estudo, para qual se trata de uma comunidade essencialmente rural.

Meus laços enquanto descendente de Serapião, se fazem pela consanguinidade, do qual me encaixo no parentesco de tataraneto<sup>9</sup> do casal Serapião e Ana Rosalina. Desde minha infância fui tocado e convivi com as histórias do “Pai-Pião”, descrito por muitos e por minha família, como sendo um homem de fé, rígido em alguns aspectos, mas muito admirado por sua “simples” existência.

“Pai Pião” permaneceu no meu imaginário, e mesmo “eu” sendo a algum tempo criança, ouvi muitas das suas histórias, dos seus “feitos”. Me insiro nesse contexto como uma pessoa “filha da terra”, envolvido em laços afetivos estabelecidos entre o “eu”, enquanto residente/morador da “minha comunidade”, pela qual possuo acesso diferenciado ao contexto da pesquisa.

A motivação pessoal para realização da referida pesquisa se baseia no interesse de estudar minhas raízes, minhas origens. Estudar sobre a comunidade Lagoa de Fora, para “mim” é uma realização, pois desde que iniciei na graduação de Arqueologia e Preservação Patrimonial, sempre o meu foco de interesse foi me dedicar a pesquisar meu contexto. Meus laços comunitários, minhas relações sociais e familiares são promovidas e existentes em longos anos e por essas circunstâncias a autoetnografia é a base norteadora desse trabalho.

---

<sup>9</sup> Pertenço a “categoria” de tataraneto de Serapião, a medida que meus avós pela linhagem materna (Ornelina Alves de Negreiros e Tomaz José de Negreiros, ambos são netos de Serapião e Ana Rosalina, onde a primeira é filha de Joana Batista de Negreiros (filha de Serapião); e Tomaz é filho de Ursulino José de Negreiros (filho de Serapião). Angelica Alves de Negreiros (“minha” mãe), é neta de Serapião, pela linhagem materna e paterna, logo “eu” pertenço a “categoria” de tataraneto de Serapião e Ana Rosalina pelas duas linhagens maternas.

Nesse sentido e motivado por essas razões, a pesquisa se encaixa em uma autoetnografia comunitária à medida em que ela usa “[...] experiências pessoais de pesquisadores em um processo de pesquisa colaborativa para mostrar como certas práticas socioculturais se manifestam em uma comunidade”<sup>10</sup> (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p. 349, tradução nossa).

A respeito dessa perspectiva que a proposta construtiva desse trabalho se envereda por uma autoetnografia, criada e mantida por longos anos de experiência com o contexto em tela, pelas vivências, pelas histórias de infância e nas trocas relacionais, entre o autor e seu contexto de estudo, entre o autor e os seres que compõem e fazem com que seu foco de pesquisa não caia no esquecimento, e não se perca pelos caminhos de novos aparatos sociais e dispositivos outros.

O campo da autoetnografia surge nos debates nas ciências sociais, a exemplo do campo antropológico, seja nas interpretações e estudos de David M. Hayano (1979), onde a partir do final da década de 1970, o autor descreve esse termo como condizente para as ações de pesquisadores, como os antropólogos, que, sobretudo, realizam ações e atuam em processo em contextos próprios e pessoais.

Esse movimento de pesquisa em contextos “particulares” e suas relações, tem como objetivo articular as suas ligações e intermediações com o contexto, que em sua essência debruça na investigação do social do grupo a quem pertence (SANTOS, S., 2017, p. 221).

A autoetnografia desde a década de 1980 vem sendo trabalhada por pesquisadores que buscam compreender seus contextos e seus “objetos” de estudo, voltando assim seus olhares para a construção de pesquisas comprometidas não somente com o “outro”, mas preocupada em se tornar uma vertente que interliga laços afetivos na construção de narrativas sensíveis que contemplem toda as potencialidades de um território, uma área, ou seja, o contexto no qual “você” enquanto pesquisador se insere e é inserido.

É com todo o desenvolvimento dessa abordagem teórica que surgem discussões que envolvem a subjetividade e a reflexividade do pesquisador perante seu “objeto” de estudo, onde:

---

<sup>10</sup> Tradução livre de: “[...] von Forscher/innem in einem kollaborativen Forschungsprozess, um aufzuzeigen, wie sich bestimmte soziale/kulturelle Praktiken in einer Gemeinschaft manifesteren” (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p. 349).

[...] pesquisadores de sociologia, antropologia, comunicação e estudos de gênero começaram a escrever e defender a narrativa pessoal, a subjetividade e a reflexividade na pesquisa, embora não tivessem o costume de usar o termo autoetnografia (SANTOS, S., 2017, p. 222).

É quando o campo da autoetnografia no final dos anos de 1980 abandona, de certo modo, teorizações que limitam os seus estudos e deslocam o sujeito atuante das pesquisas e centralizam, além de defender uma posição de que pesquisadores começassem “[...] a se incluir como parte dos seus estudos, muitas vezes sobre suas experiências pessoais” (ADMAS; ELLIS; JONNES, 2015, p. 17).

Envolto nessas discussões que podemos ter, nas possibilidades que abarcam as trocas relacionais em Lagoa de Fora, a compreensão dos emaranhados de histórias que foram e seguem sendo construídas ao longo do tempo, mantidas pelas narrativas acerca de Serapião e sua família. Esse campo teórico preocupado com a localização íntima do sujeito desenvolve-se sobretudo no estudo do “objeto” - foco da pesquisa - e o pesquisador movido pelas tecituras colaborativas entre o sujeito pesquisado e o pesquisador.

O fazer autoetnográfico possibilita para o sujeito, enquanto pesquisador, mergulhar profundamente nas (suas) vivências, histórias, e nas possibilidades interpretativas que isso ocasiona. Esse saber construído e comprometido com as nuances de uma história “**de dentro**”<sup>11</sup> não invalida ainda a subjetividade da pesquisa, e nem tão pouco o lugar do pesquisador enquanto agente do seu contexto, da sua pessoalidade. Isso tudo conduz a construção de um trabalho comprometido com todo o processo de surgimento e desenvolvimento do foco de estudo.

Segundo Santos (2017), a autoetnografia seria a construção de um estudo a partir das suas vivências sobre um determinado grupo do qual você (como pesquisador) pertenceria, ou seja, reside no ato de transformar suas experiências em relatos. Santos, S. (2017), salienta que:

[...] o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. Tudo isso tem uma conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala (SANTOS, S., 2017, p. 219).

---

<sup>11</sup> Entendo como uma “arqueologia de dentro”, o fato da minha inserção dentro de um contexto (no caso rural em Lagoa de Fora), alicerçar-se, como pesquisador, no campo da arqueologia, usando dos seus métodos e teorias, fazendo e manipulando o “fazer arqueológico” aplicado ao contexto em tela.

Servindo de conexão para trazer à tona novas discussões e temáticas, que com toda sua carga histórica possibilitam a interpretação do objeto de interesse. De acordo com Magalhães (2018) esse campo de abordagem permite ainda o “[...] envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa” (MAGALHÃES, 2018, p. 18). É com essa perspectiva que esse campo teórico dialoga, na mesma medida que outras pesquisas desenvolvidas, obedecendo e enveredando por outros objetivos e propostas, mas seguindo as contribuições da autoetnografia, a exemplo do trabalho de Macêdo (2020).

Pesquisas com a desenvolvida por Macêdo (2020)<sup>12</sup> revelam por exemplo como são os processos de construção das relações de pertencimento, reconhecimento e sobretudo os conhecimentos que as pessoas da Comunidade São Braz do Piauí revelam sobre os patrimônios arqueológicos.

A autora permeando nesse caminho mergulha nos conceitos da autoetnografia arqueológica para entender como essas populações constroem seus discursos sobre o patrimônio, usando para isso seu acesso ao contexto em tela, aliando suas vivências, suas demandas sociais, sua visão de mundo, e não se excluindo ou deixando de lado a sua subjetividade na construção dos conhecimentos.

A respeito disso, e embasada em uma metáfora de tecidos, tecituras e retalhos, Macêdo (2020) utiliza de uma arqueologia “decolonial” que quebra os princípios e foge de estilos e questões colonialistas, além do mais se integra nas discussões acerca dos discursos e patrimônios autorizados.

Toda essa construção social de privilégios de vozes e atores determinados gera problemáticas acerca da colonialidade empreendida nos contextos sociais mais diversos. E quando autores das diversas áreas buscam construir seus saberes, suas pesquisas e interpretações embasados em modelos que rompem com os princípios de uma ciência colonialista, e direcionam suas atuações em um modelo de ciência comprometida com as minorias, buscam ao final de tudo suprimir, na sua essência, a carga histórica de silenciamento.

---

<sup>12</sup> Dissertação de mestrado intitulada: Retalhos afetivos de tecidos coletivos; vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. Endereço eletrônico da pesquisa na íntegra: <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000026/00002654.pdf>.

Neste enlace crítico é preciso “[...] focar na construção da ciência pelo prisma sócio-histórico dos impactos estruturais do colonialismo” (MORAES; HARTMANN, 2018, p. 12), o que “[...] torna-se crucial e premente para compreendermos as dinâmicas atuais de produção de conhecimento e, como esperamos, poder transformá-las criticamente (MORAES; HARTMANN, 2018, p. 12).

Ao dialogar com um modelo decolonial e com a autoetnografia, os autores, versam com o estudo do seu contexto, da qual sua experiência se constrói no estabelecimento de um amplo diálogo com as pessoas, com os seres e as “coisas” com as quais mantém relação íntima, social e afetiva.

Com toda a construção da pesquisa, os autores puderam entrar nos meandros dos seus contextos, e se reconhecerem nos discursos, por ser algo tão íntimo e particular de suas existências. Sendo pesquisadores, no seu lugar de fala e de vivências, não escolheram se posicionar de forma neutra e esquiva nas relações.

Direcionado por essa linha teórica da autoetnografia que busca o distanciamento do pensamento neutro e objetivo, é que temos a noção do enraizamento do pensamento que privilegiou por muito tempo o distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo, tornando-os assim herdeiros de uma tradição que revela as facetas de uma ciência de cunho objetiva, para qual o entendimento:

[...] sugere a proposição de que sujeito e objeto não podem corresponder-se, criando-se, então, a distância que dá a garantia necessária ao sujeito que inquire o objeto e tem como produto a verdade. Essa relação de distanciamento, no pensamento arqueológico, pode ser entendida a partir de dois modos: um que incorre em um distanciamento espacial e outro que incorre em um distanciamento temporal (TRAMASOLI, 2017, p. 188).

É com o campo da autoetnografia, e engajados em um ideal de trabalho e pesquisa que na sua essência rompa com certas perspectivas que até então eram majoritariamente privilegiadas socialmente, colocando assim em evidência o não distanciamento entre categorias como *sujeito* e *objeto*.

Nessa condução coloca-se em tela uma aproximação direta entre essas duas vertentes, em que, na condição de pesquisador, essa lacuna, seja ela temporal e espacial, é preenchida, enveredando pela proximidade entre ambos, e o estabelecimento de um modelo de ciência que fuja em certa medida da objetividade e neutralidade.

O papel social da autoetnografia conduzida na pesquisa embasa-se em um modelo que versa com a agência estabelecida entre pesquisador/morador e comuni-

dade, ao passo que seja possível entrelaçar experiências acadêmicas e não acadêmicas, assim como vivências, saberes e memórias. Tudo isso visando evidenciar narrativas e papéis sociais e culturais acerca das primeiras ocupações da comunidade e como se construiu todo esse processo histórico, ampliando a gama de conhecimentos sobre esses processos ocupacionais do século XIX e XX na paisagem da comunidade Lagoa de Fora, em um contexto entendido com amplo e socialmente desenvolvido.

### **2.3 Arqueologia da Paisagem**

As discussões acerca da paisagem no campo da arqueologia não são algo que se estabelece como recente, segundo Fleming (2006, p. 267) “O termo ‘arqueologia de paisagem’, ao que parece, começou a ser usado na Grã-Bretanha em meados da década de 1970”. Com esse campo estabelecido, novas interpretações e questões acerca dessa temática são lançadas, logo as conceitualizações desse termo “paisagem” passa por diversas áreas, seja com suas influências, seja pelas mais diversas atuações e campos.

De acordo com Bailão (2016), que destaca a respeito das argumentações e conceitos de paisagem desenvolvido por Ingold (1993):

[...] Paisagens estão intimamente relacionadas à temporalidade; são histórias e nos oferecem modos de contar histórias mais profundas sobre o mundo. Mas “temporalidade” não se confunde com “cronologia”, sucessão regular de um tempo vazio e quantitativo, ou com a “História”, entendida como série variada de eventos qualitativos que nunca se repetem (BAILÃO, 2016, p. 1).

Sobre isso, e ainda sobre as provocações e debates pertinentes da arqueologia da paisagem, Ingold (1993), na sua obra intitulada *Temporality of the landscape*<sup>13</sup>, discorre como se construiu a dicotomia entre natureza e cultura, e como essa oposição direcionou muitas das discussões no campo das ciências sociais, colocando a paisagem como uma parte integrante nas interpretações. Para os arqueólogos:

[...] quanto para o morador nativo, a paisagem conta – ou melhor, é – uma história. Abrange a vida e os tempos dos predecessores que, ao longo das gerações, nela transitaram e desempenharam o seu papel na sua formação. Perceber a paisagem é, portanto, realizar um ato de rememoração, e lembrar não é tanto evocar uma imagem interna, armazenada na mente, como se engajar percentualmente com um ambiente que está prenhe do passado<sup>14</sup> (INGOLD, 1993, p. 152-153).

<sup>13</sup> Tradução livre: “Temporalidade da Paisagem”.

<sup>14</sup> Tradução livre de: “[...] for both the archaeologist and the native dweller, the landscape tells - or rather is - a story. It enfolds the lives and times of predecessors who, over the generations, have moved around in it and played their part in its formation. To perceive the landscape is therefore to carry out an act of remembrance, and remembering is not so much a matter of calling up an internal image, stored in the

Com relação a produção de uma paisagem ativa e movida pelas dinâmicas sociais e culturais, Kormikiari (2014), assegura que:

[...] a abordagem da paisagem é relevante para o objetivo de a Arqueologia de explicar o passado humano por meio de sua habilidade em reconhecer e avaliar as relações interdependentes e dinâmicas que as pessoas mantêm com as dimensões física, social e cultural de seus meio-ambientes ao longo do tempo e do espaço (KORMIKIARI, 2014, p. 6).

Fazendo eco a essas colocações, Acha (2021) discorre que:

[...] a paisagem sempre é considerada a partir de um valor representacional em relação aos conteúdos que a integram. Por ser representativa, não há como se falar de paisagem sem retratar a intervenção humana, pois é a partir da ação humana que se cria, representa e se reproduz a paisagem a partir dos componentes integrados – humanos, extra-humanos e ambientais – os quais são também rearranjados e reinterpretados de acordo com as intenções e os múltiplos significados (ACHA, 2021, p. 222).

O campo da arqueologia da paisagem vem há muito buscando conceitualizar afirmações acerca do que vem ser paisagem, e essa produção de intencionalidades acarretadas pelas relações e intervenções humanas.

Ao refletir sobre esse cenário Boado (1999) afirma que a paisagem pode ser concebida como sendo “[...] um produto sócio-cultural criado pela objetificação, no meio e em termos espaciais, da ação social, tanto material como imaginária” (BOADO, 1999, p. 5). Todo esse enfoque recai sobre as dinâmicas de interação do material com o “não material”.

Como afirma Ingold (1993), a paisagem não é algo que em sua gênese se encontra e é dado de forma acabada, formatada e suficiente a si, mas se desenvolve com a manutenção dos dinamismos existentes entre humanos, não humanos e sua própria existência, o que é construído sobretudo pela lógica das relações rotineiras e cotidianas. Assim a paisagem pode ser entendida:

[...] como aquilo que se vê e o que os grupos reconhecem por meio das práticas cotidianas. Diante disto, é fundamental romper com os conceitos que caracterizam a paisagem como estática e imutável e buscar compreender a paisagem pelo seu todo, considerando a sua fluidez, a mobilidade e os movimentos, tanto para o que se refere à noção de espaço como a de lugar dentro dos conceitos e interpretações de cada grupo (ACHA, 2021, p. 223).

Ingold (1993) salienta ainda que a arqueologia da paisagem versa com os seres que se entrelaçam nas suas relações com o mundo, e como eles estabelecem significados com essas paisagens, usando esse espaço de ponte para manutenção e re-

---

mind, as of engaging perceptually with an environment that is itself pregnant with the past” (INGOLD, 1993, p. 152-153).

troalimentação das suas teias sociais, e como elas utilizam de mecanismos para manipular certos contextos, tendo aspectos como seus arredores e seu deslocamento como base.

Conceitua-se ainda o campo da arqueologia da paisagem como algo que em suma “[...] engloba diferentes perspectivas, de acordo com características teóricas dos pesquisadores. Porém, ressaltam a necessidade de relacionamento com estratégias de poder” (WOLF; MACHADO, 2018, p. 270), versando sobre isso com a ideia de uma paisagem que:

[...] não pode ser vista como neutra, é ideologicamente construída e está em constante mudança. Nesse processo de construção social, a apreensão da paisagem implica em uma relação identitária com o meio. Assim, meio e humanos são integrados e a paisagem passa a ser um elemento ativo na dinâmica da vida (ACHA, 2021, p. 222-223).

Segundo Ashmore e Kanapp (1999) “[...] uma paisagem incorpora mais do que uma relação neutra e binária entre pessoas e natureza, ao longo de qualquer dimensão” (ASHMORE; KANAPP, 1999, p. 9). Nessa perspectiva a arqueologia da paisagem engloba todas essas discussões e debates, sendo vista “[...] como uma entidade viva e muito mais complexa em relação às vidas humanas” (ASHMORE; KANAPP, 1999, p. 9).

Entender como essas relações entre homem/natureza foi algo que se constituiu a muito tempo, e muitas vezes tais dicotomias existentes revelam por vezes e são colocadas em arenas e campos distintos. A arqueologia da paisagem tem se preocupado então em laçar-se mão dessas interpretações e distinções, colocando no mesmo campo de possibilidades agentivas e experienciais os humanos e suas coisas, e os demais seres que coabitam seus ambientes.

Esse campo preocupado em compreender como se desenvolvem os processos culturais existentes entre esses agentes sociais, se constitui com um dos grandes papéis da arqueologia da paisagem. De acordo com Pellini (2011) a paisagem não se constitui somente como:

[...] materialidades inertes que estão esperando para serem exploradas, da mesma maneira que uma casa não é construída apenas para abrigar as pessoas. Elas são contextualizadas, sentidas, cheiradas, tocadas, utilizadas nos termos da identidade individual e coletiva a partir de um conhecimento cognitivo (PELLINI, 2011, p. 21).

Souza (2020) argumenta que “[...] os espaços construídos sejam eles nas mais diversas camadas (simbólicas, ideológicas, fantásticas ou “materiais”) podem ser

compreendidos utilizando perspectivas analíticas diferentes” (SOUZA, 2020, p. 21). Em síntese o campo da arqueologia da paisagem viabiliza uma:

[...] análise macro-espacial do objeto de pesquisa, contemplando as diferentes esferas de interação [...] proporcionando desta maneira a identificação de um enorme potencial de pesquisa cujo foco se insere nas áreas de arqueologia, cultura material e patrimônio histórico-cultural (LINO, 2012, p. 66).

Sobre a percepção do que seria a paisagem e qual o papel que a humanidade estabelece com ela, Pellini (2011) discorre que existe uma relação que a:

“Paisagem é um diálogo que o homem estabelece com mundo externo por meio de uma linguagem simbólica. Nessa conversa, o homem percebe o mundo em constante construção” (PELLINI, 2011, p. 22).

A arqueologia da paisagem nesse sentido se firma como uns campos teóricos de diálogo com essa pesquisa, pois a história da ocupação do território da comunidade está diretamente relacionada à história de percepção e transformação de sua paisagem.

A paisagem de Lagoa de Fora é construída e formatada pela história da família Negreiros em suas chapadas, baixas, lagoas. É a partir da chegada de Pai Pião em suas terras que a caatinga experiencia a manipulação de seus barros, drenagens, pedras na conformação de um lugar em que as histórias e afetos familiares se delineiam, em que a vida das pessoas se produz e se reproduz em relação com o solo, com plantas, com os animais... É na e com a paisagem em que se estabelecem as primeiras unidades domésticas, pertencentes aos herdeiros daquele que funda às margens da lagoa que dá nome à comunidade.

## **2.4 Arqueologia da Arquitetura**

A arqueologia da arquitetura surge como um campo da arqueologia histórica estabelecendo-se como uma metodologia capaz de compreender as construções (edições) em uma proposta arqueológica. Podendo ser definida como:

Um campo interdisciplinar que lida com a edificação. Identificando as amplas possibilidades de estudo do construído, no sentido lato. Dentre seus focos estão as questões sociais, a leitura de elementos arquitetônicos como indicadores do desenvolvimento técnico ou a compreensão da paisagem cultural do processo (SANTOS, 2009, p.43).

Nesse sentido o campo da arqueologia da arquitetura estabelece como uma área para qual se delineia objetivos claros que envolvam sobretudo o conhecimento da:

[...] evolução arquitetônica presente num determinado edifício; (2) a configuração e funcionalidade dos seus diversos espaços; (3) as técnicas e materiais

empregues em diferentes zonas e diferentes épocas ou até mesmo (4) esclarecer, comprovar ou refutar hipóteses de interpretação fornecidas pelos dados de uma intervenção no subsolo ou por fontes documentais e/ou iconográficas (SANTOS, 2015, p. 62).

As contribuições da arqueologia da arquitetura são fundamentais para compreendê-la como parte integrante para a investigação arqueológica. Segundo Mattos (2009) essa parte se faz presente no momento que consideramos que outros mecanismos como “[...] as estruturas de alvenaria também são documentos da memória coletiva e podem ser utilizadas para se conhecer as comunidades e suas culturas” (MATTOS, 2009, p. 25).

São essas partes que compõem o fazer arqueológico, dessa forma Santos (2009) assegura que outras materialidades como os “elementos enterrados como fundações, valas, porões, cisternas são tão importantes como os que estão acima do solo e fazem parte da paisagem como casas, edifícios, fortés, celeiros, fontes, ruínas” (SANTOS, 2009, p. 40).

Zarankin (2001), define o campo da arqueologia da arquitetura, como “[...] uma corrente de pesquisa que abarca todos aqueles trabalhos direcionados ao estudo da arquitetura de um ponto de vista arqueológico, quer dizer, centrados na análise de sua materialidade” (ZARANKI, 2001, p. 52).

Nessa perspectiva a arquitetura se consolida como “[...] uma linguagem e os elementos físicos do objeto arquitetônico nos fornecem instrumentos de comunicação através dos quais outras ideias, alheias ao universo escrito dos ajustes formais, podem ser transmitidas” (CORRÊA, 2005, p. 16 *apud* COLLIN, 2000, p. 76). A materialidade arquitetônica constitui-se como um elemento que “[...] transmite uma ideologia, portanto, ela pode indicar mudanças sociais e culturais” (CORRÊA, 2005, p. 17).

Na comunidade Lagoa de Fora, as relações sociais e os saberes podem ser percebidos em elementos da própria conformação do território, dos espaços domésticos, como por exemplo as narrativas apontarem para uma comunidade essencialmente rural fundada às margens de uma lagoa, que carrega esse simbolismo comunitário, e mediante a isso configurações podem ser percebidas.

Conforme assegura Santos (2009), o campo da arqueologia da arquitetura comprehende uma diversidade de vertentes nas suas investigações, podendo contemplar “[...] diferentes fundamentos teóricos, às vezes contraditórios e/ou opostos. Esses trabalhos podem pretender, aparentemente, apenas a análise formal e funcional da arquitetura tal como vimos” (SANTOS, 2009, p. 43).

Najjar (2002, p.11) argumenta que “[...] uma edificação é um *superartefato*<sup>15</sup>, construído pelo homem que, necessariamente, está inserido num dado tempo e espaço e, deste modo, carregado de valores e simbolismos. A autora salienta que essas edificações se constituem como sendo:

[...] **produto e produtoras** de relações sociais, as quais pretendemos desvelar para melhor conhecermos o bem que temos o dever de preservar. A partir deste conhecimento, poderemos melhor realizar o nosso papel de *contadores* da história do Brasil (NAJJAR, 2002, p. 11, grifo da autora).

Nesse sentido o campo da arqueologia da arquitetura volta seus estudos para o que se estabelece como popular ou vernacular<sup>16</sup>, por exemplo, além de outras áreas como a arquitetura religiosa, entre outras. Assim a arquitetura vernácula por muitos defendidas como uma *arquitetura sem arquitetos* (LIMA, 2010), se debruçaria e caracterizaria como:

[...] uma obra com características constantes, que possui autenticidade na sua expressão, e, ao mesmo tempo complexa e conservadora, uma construção adaptada ao entorno, auto-suficiente, baixo conteúdo energético, autêntica, estrutura pequena, pode ser um sistema disseminado, resultado de produção coletiva e integração de trabalho. As formas mais elementares de que se tem conhecimento em arquitetura tinham, antes de tudo, a função de abrigo/proteção contra os efeitos indesejáveis do clima (LIMA, 2010, p. 4).

De acordo com (SILVA,1994 *apud* LIMA, 2010, p.4) a **arquitetura vernácula** seria uma “[...] arquitetura sem arquitetos, anônima, também denominada de espontânea ou popular. Mais que isso, revela e apresenta-se como uma arquitetura autóctone<sup>17</sup>, com expressiva identidade e resultante de uma produção coletiva de trabalho” (LIMA, 2010, p.4).

Pelo fato de serem construções que na sua essência se baseiam nas relações das pessoas com o ambiente e com o regionalismo, desenvolve-se como uma “[...] forma de compreensão de dinâmicas, já que [...] essa *tecnologia* se constrói através

<sup>15</sup> O conceito de superartefato trabalhado por Najjar (2011) ao debruçar-se estudos sobre as edificações do período de ocupação jesuítica, entende o panorama das edificações e construções como uma dimensão localizada em uma temporalidade carregada de sentidos e simbolismos, levando-se em conta toda a dimensão material das edificações, e não somente e exclusivamente as particularidades e fragmentos, considerando a esse respeito a contextualização, territorialização e o espaço socialmente construído. Nesse bojo a espacialidade “[...] pode e deve ser visto como produto e produtor de uma sociedade, refletindo, portanto, o jogo de poder, a fricção social existente entre os grupos envolvidos, e gerando mudanças no seio da sociedade” (Ibidem, 2011, p. 82).

<sup>16</sup> Designado como uma forma de “[...] solucionar problemas através das tipologias das construções e uso dos materiais que estão presente no dia-a-dia que tenha ligação com a cultura” (SILVA; ALENCAR, 2019, p. 2).

<sup>17</sup> “Que é natural da região ou do território em que habita; nativo”. Fonte: <https://www.dicio.com.br/autóctone/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

dos engajamentos em diferentes níveis desses processos construtos” (GLASSIE, 1990, grifo do autor *apud* SOUZA, 2020, p. 19).

Esses processos construtos fazem da arquitetura vernacular um aspecto social e que revela as dinâmicas culturais, espaciais, arquitetônicas, sendo essa arquitetura um contraponto que em suma revelaria e consequentemente se tornaria o “[...] reflexo das próprias pessoas comuns” (TAKAMATSU, 2013, p. 20), e nesse sentido o povo sertanejo, nordestino, imprime na sua arquitetura, nas suas casas (unidades habitacionais) elementos e a própria arquitetura vernacular.

O ambiente residencial, com as casas constituem como um “[...] espaço físico e simbólico que reflete e orienta a vida em grupo, além da educação, família, crenças. A casa faz parte da formação do homem dentro da sociedade, em síntese uma forma de comunicação do ser com o espaço” (TEIXEIRA; SALCEDO, 2019, p. 2), nessa perspectiva os elementos que constituem uma construção, são envoltos em aspectos, que por exemplo não se restringem as questões climáticas e tecnológicas.

As edificações/construções, como as casas (espaços domésticos), casas de farinhas e demais estruturas, configuram-se como características da arquitetura vernacular, expressando com isso particularidades, que carrega uma “[...] qualidade aditiva, ou seja, não está totalmente encerrada após a sua construção, podendo ser modificada de acordo com a necessidade de cada família ou condições geográficas” (MAIA, 2022, p. 24-25).

As casas de farinhas, entendidas e tratadas aqui como espaços domésticos que carregam consigo um carga social e histórica, são exemplos claros dessa cultura popular dos saberes repassados de geração em geração, tornam-se parte fundamental desse modo de fazer e dessa *arquitetura sem arquitetos*, constituindo-se como espaços que se estabelecem como “[...] unidades produtivas que executam o beneficiamento da mandioca para a fabricação de farinha e, em alguns casos, produtos derivados” (ANDRADE; BESSA; REZENDE, 2022, p. 3).

Mesmo entendendo as casas de farinhas como espaços/unidades produtivas, seja carga histórica de subsistência, entende-se esses espaços ainda como elementos que configuram como unidades domésticas, à medida que elas carregam simbolismos sociais para os grupos em tela, e que agem para além desse mecanismo envoltos na renda e subsistência, assim, as casas de farinha são entendidas na pesquisa em tela como parte diretamente ligada a outros espaços, como a casa, currais, plantações,

logo, seu papel como agente nesses processos fogem, na perspectiva da pesquisa de serem somente espaços produtivos.

As construções vernaculares, mas especificamente as casas sertanejas, sobre tudo as do nordeste brasileiro, são edificações que na maioria das vezes são conhecidas por:

[...] casa de pau-a-pique ou casa de barro elas possuem uma íntima história ligada com a do povo nordestino do sertão do Brasil, tornando-se não só uma construção funcional para o bioma da caatinga como também uma preservação física da memória do povo do Sertão (SILVA; ALENCAR, 2019, p. 3).

Nesse sentido a arqueologia da arquitetura torna-se uma importante aliada das pesquisas arqueológicas, atuando por meio dos seus métodos, o que torna possível centralizar-se nas interpretações das materialidades (SOUZA, 2020). Possibilitando dessa forma o direcionamento dos estudos das materialidades conduzindo a uma “[...] a nova perspectiva de análise para discussão de elementos vinculados à conformação da paisagem” (ZARANKIN, 2001, p. 52).

É com as contribuições da arqueologia da arquitetura que se espera compreender os aspectos arquitetônicos trabalhados no âmbito da pesquisa, levando-nos a perceber como a existência ou não de “padrões” construtivos, técnicas, e questões, que envolvam perspectivas construtivas em Lagoa de Fora.

Nesse viés teórico-metodológico demonstra-se que o recorte geográfico e material podem ou não estar intimamente correlacionado por similaridades e diferenças. Enxerga-se nesse sentido que o fazer arqueológico utilizando a corrente teórica – arqueologia da arquitetura possibilitará em certas medidas e proporções abarcar os objetivos de antemão propostos pela pesquisa em tela.

## **2.5 Arqueologia Pública e Colaborativa**

A pesquisa em tela busca se pauta em um trabalho embasado na Arqueologia Pública e Arqueologia Colaborativa. A arqueologia pública surge como uma proposta que versa sobre a interação mais próxima entre a sociedade, seus patrimônios e suas narrativas.

Ao longo dos debates que emergem nas sociedades contemporâneas, assim como em outros campos das ciências sociais que buscam-se inserir frente as essas discussões que colocam a sociedade mais próximas dos seus bens, dos seus patrimônios, como por exemplo, o campo da museologia, a arqueologia não se isenta desses debates.

Assim discussões sobre uma arqueologia comprometida com a construção social de maior comprometimento com pessoas, coletivos e grupos, enraíza-se e desenvolvesse com a participação da sociedade, baseada em uma arqueologia que servisse e olhasse para todos (CARVALHO; FUNARI, 2007), e que fortalecesse os elos e diminuisse consequentemente a distância existente entre as populações e seus patrimônios, englobando para com isso:

[...] um conjunto de ações e reflexões que objetiva saber a quem interessa o conhecimento produzido pela Arqueologia; de que forma nossas pesquisas afetam a sociedade; como estão sendo apresentadas ao público, ou seja, mais do que uma linha de pesquisa da disciplina, a arqueologia Pública é inerente ao exercício da profissão (BEZERRA, 2003, p. 276).

Todas essas discussões sobre arqueologia pública têm como cerne a publicação da obra intitulada “*public archaeology*”, do arqueólogo norte-americano Charles Robert Mc Gimsey, no ano de 1972. A partir desse momento e no bojo desses debates, décadas seguintes foram fundamentais para consolidação desse campo, proporcionando com isso “[...] uma expansão semântica que levou a discussões críticas sobre as múltiplas posições dos arqueólogos e da arqueologia nos conflitos derivados dos processos de interpretação do passado<sup>18</sup>” (SALERNO, 2013, p. 8-9, tradução nossa).

É nessa perspectiva que surge uma arqueologia pública engajada, e capaz de transformar de todo modo as informações a respeito da arqueologia, saindo do campo apenas divertido e pouco envolvidos, para uma arqueologia de possibilidades, carregadas de comprometimento com questões como memória, identidade (BEZERRA, 2001).

A arqueologia pública se insere como uma posição de não somente abranger detalhes e questões relacionadas ao passado, mas dentro da arqueologia se consolidar como um campo - uma disciplina “[...] capaz de atuar de modo a promover o pensamento reflexivo sobre a própria *práxis* arqueológica em todos os níveis” (SOUZA, L., 2018, p. 82). Dessa forma, a arqueologia pública dialoga e:

[...] refere-se à atuação com pessoas, proporcionando diálogos e discussões a respeito das simbologias e das representações constituídas através da cultura material. Para tanto, o enfoque da Arqueologia Pública consiste na busca

---

<sup>18</sup> Tradução livre de: “[...] una ampliación semántica que propició discusiones críticas sobre los múltiples posicionamientos de los arqueólogos y la arqueología en los conflictos derivados de los procesos de interpretación del pasado” (SALERNO, 2013, p. 8-9).

de uma maior interação e compartilhamento com o público sobre o conhecimento arqueológico, promovendo a sensibilização na sociedade em relação à preservação do patrimônio. (SOUSA; SILVA, 2017, p. 69).

Assim como as demais ciências se consolidam como produtoras de saberes, sejam elas quais forem, e sua missão é externaliza-los (BEZERRA, 2003). Uma das questões latentes da arqueologia pública versa com os objetivos de uma arqueologia comprometida com a interação social, em que os produtos advindos dos meios acadêmicos não se restrinjam aos mesmos, mas o seu alcance extrapole os muros das universidades e contemplam as mais diversas camadas (SOUSA; SILVA, 2017, p. 71).

Um exemplo dessa proximidade (entre meio acadêmico e social) são os trabalhos de Márcia Bezerra, autora que desenvolve pesquisas em diferentes áreas e contextos - Brasil à fora - buscando aproximar e entender as relações das pessoas com os patrimônios arqueológicos.

Seu trabalho na região amazônica (2017), mais especificamente os desenvolvidos com as comunidades de Vila de Joanes, ilha de Marajó, reverberam sobretudo no íntimo estabelecimento de trocas relacionais entre os moradores desse contexto com seus patrimônios, é possível perceber nas nuances dos discursos como são construídas e mantidas as relações entre pessoas e “coisas”. Sobre isso Macêdo (2020), argumenta que:

[...] Essas percepções permitem identificar práticas cotidianas em que os objetos estão inseridos e nem sempre situados no escopo de práticas autorizadas, mas que revelam uma intensa utilização e produção de significados para as evidências arqueológicas no presente, sejam eles de colecionamento, apropriação do patrimônio ou na conexão com o mundo espiritual (MACEDO, 2021, p. 56).

Esses discursos a respeito dos patrimônios vividos e experenciados pelos moradores, pelas gentes e pelos que fazem e dão sentidos diariamente aos objetos e seres, direcionado para uma arqueologia que se enveredava pelo estudo das [...] relações *entre pessoas e coisas*, a partir das biografias de um grupo de narradores e seus *artefatos memoriais*, considerando a agência humana sobre os objetos e dos objetos sobre os humanos (BEZERRA; RAVAGNAGI, 2013, p. 355, grifo dos autores). Essas agências de manipulações e trocas entre pessoas e coisas, desperta sobretudo percepções acerca de:

[...] nuances das relações das pessoas com objetos e sítios arqueológicos que desafiaram as minhas perspectivas sobre o estatuto do patrimônio na vida delas. Inicialmente, percebi que as pessoas sempre demonstravam algum tipo de relação com as coisas do passado, ainda que fosse uma “não relação”. Isso refutava o discurso criado pelo Estado, e repetido por muitos de nós, de que “o patrimônio local não é valorizado (BEZERRA, 2017, p. 12).

Em sua obra, autora aprofunda-se nas discussões que envolvem essas nuances permeadas de significados e atuações, nessa temática a pesquisadora admite a ideia desenvolvida por Miller (2013)<sup>19</sup>, a respeito das “coisas, trecos e troços”, referindo-se aos objetos e a materialidades, e como essas relações entre/e como “coisas” servem e consolidam-se como mecanismos para se interpretar significados, agências e entender processos, sejam eles histórico e sociais.

Ao entender as trajetórias particulares entre pessoas e coisas, Márcia Bezerra (2017), analisa a possibilidade de estabelecer uma arqueologia comprometida e que se estabeleça uma relação entre os que significam e ressignificam as coisas do passado no presente, viabilizando com isso, segundo a autora, uma:

[...] arqueologia da memória e do afeto das pessoas vivas na Amazônia, estabelecendo a configuração de um espaço de diálogo entre todos os envolvidos nos processos de explicar o mundo e permitindo que nossas histórias transbordem umas sobre as outras, em algum ponto além da arqueologia (BEZERRA, 2017, p. 14).

Percebe-se que as discussões envoltas no escopo da arqueologia pública, vista na perspectivas, por exemplo dos trabalhos de Márcia Bezerra, que quando a ciência arqueológica direciona seu olhar crítico e conceitual para novas discussões que privilegiam atores e conhecimentos sociais, voltada para o diálogo com diversos contextos, e não paralisando em questões relativas a um passado, mas dialogando e envolvendo-se com ele, permanecendo assim no campo das interpretações de cunho arqueológicas (SOUZA, L., 2018).

É no sentido de uma interação entre seres/coisas, pesquisador/pesquisado, que se firma a partir do ano de 1990, o subcampo da arqueologia pública - a arqueologia comunitária -, que se preocupa com mais afinco com as relações entre arqueólogos e as comunidades.

Permeada pelos intensos debates contemporâneos nos anos 2000, ecoam novas percepções e inquietudes de alguns pesquisadores que acreditavam ser a **arqueologia colaborativa** um campo capaz de suprir e atender as demandas das trocas relacionais entre pesquisador e pesquisado. Embalados com essa perspectiva esse campo se estabeleceria não como oposto a arqueologia comunitária, mas sim compartilhando:

---

<sup>19</sup> Miller, D. 2013 **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar. (Trad. de “Stuf” por Renato Aguiar). DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2015.0i38.a41690>. Acesso em: 13 mar. 2023.

[...] dos objetivos transformacionais, métodos inovadores e interpretações multivocais da arqueologia comunitária, mas questionava que “comunidade” implicava (intencionalmente ou não) um foco em delinear posicionamentos, geografias e pertencimentos a grupos (COLWELL; LOPES, 2020, p. 44).

Esse objetivo estabelecido faz com que esse campo se firme como uma “[...] prática arqueológica que visa estabelecer a colaboração e o envolvimento de diferentes coletivos nas questões relativas à pesquisa e gestão do patrimônio cultural” (MARSHALL, 2002; MERRIMAN, 2004; TULLY, 2007 *apud* SILVA; BESPALEZ; STUCHI, 2011, p. 37). Porém um dos grandes desafios da arqueologia colaborativa reside na problemática de:

[...] flexibilizar a pesquisa arqueológica para incorporar diferentes visões sobre o passado, não de forma a produzir um discurso homogêneo e estável, mas sim trazendo a complexidade e diversidade de ideias sobre o passado, sobre cultura material e sobre o patrimônio como um todo (MACHADO, 2013, p. 76).

Conforme salientado, a arqueologia colaborativa necessita amplamente do diálogo e ação dos pesquisadores (arqueólogos) com a comunidade que interessa e versa com seus propósitos de estudos e pesquisa, constituindo assim de tal forma como uma “[...] investigação arqueológica/etnoarqueológica participativa que envolva a comunidade e os coletivos para além da mera consulta na condução da pesquisa ou fonte de informação para a busca de dados” (BANDEIRA, 2018, p. 7).

No tocante as discussões apresentadas a respeito da arqueologia pública e colaborativa, compreendemos que o contexto inserido na pesquisa, a comunidade Lagoa de Fora, é plausível de aplicação dessas duas correntes teóricas, visto que a relação estabelecida entre o patrimônio, os seres e coisas são construídos mediante os usos e ressignificação dos lugares e espaços ao longo do tempo.

A centralidade da pesquisa se embasa em um modelo colaborativo de trocas entre o pesquisador/morador e os membros da comunidade, cujo plano de fundo são e se fundamentam nas trocas relacionais e de narrativas. Essa última é a ponte de acesso as memórias, as histórias e como os patrimônios ou o que entendemos deles se construíram e delinearam na então comunidade. Aqui, o fazer arqueológico versa com a convivência íntima do autor da referida pesquisa com o seu “objeto” de estudo.

Apresentados os campos da arqueologia pública, comunitária e colaborativa, percebe-se nas reflexões sobre cada aporte teórico que as similaridades dos seus arcabouços são aplicáveis e percebidos no âmbito da pesquisa, assim os laços que conectam e costuram ambas são as relações sociais, que foram, seguem e permanecem sendo construídas entre o “eu” pesquisador/morador e a comunidade, além das

trocas relacionais, seja construção das etapas da pesquisa, os laços e histórias desenvolvidas ao longo do tempo movidos pela consanguinidade, afetos e afeições.

Assim, a arqueologia colaborativa se justifica e alinha-se a pesquisa em tela pela consolidação de agentes da comunidade que fizeram parte das ações de campo, as entrevistas, os precisos diálogos, e as informações que serviram de base e construto da pesquisa.

### 3 PERCUSOS METODOLÓGICOS

O fio condutor dessa pesquisa centra-se nas unidades/espaços domésticos dos descendentes de Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina Virgem da Conceição. Para isso os conceitos e atribuição desses espaços de sociáveis dinâmicas são conduzidos na perspectiva de compreender essa categoria como nas propostas trabalhadas e desenvolvidas por González-Ruibal (2001) e Nascimento (2011).

Segundo González-Ruibal (2001), o estudo das habitações, ou melhor, unidades domésticas, “[...] reflete, e ao mesmo tempo condiciona, os vários comportamentos sociais de um grupo e a sua percepção do mundo” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001, p. 1, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Nesse sentido, Nascimento (2011), aponta que “[...] as atividades realizadas nesses espaços são responsáveis pelo registro material e podem dar conta da história do grupo, do uso da terra e das mudanças na paisagem” (NASCIMENTO, 2011, p. 40).

Sobre as unidades domésticas, González-Ruibal (2001), argumenta ainda que as casas/unidades domésticas, são dispositivos capazes de “[...] encapsular significados (identidade, poder, cosmológico [...] e condicionar o comportamento cultural dos indivíduos” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001, p. 2).

As metodologias adotadas nesse campo, buscam inferir e compreender como (e) a partir das unidades domésticas se configuraram as primeiras ocupações da comunidade Lagoa de Fora ao logo do tempo e sua formação histórica.

Para a compreensão das dinâmicas tramadas e vividas pelos primeiros descendentes, e obedecendo os objetivos propostos e analisando aspectos que compõem as unidades domésticas, possibilitam ainda a interpretação das camadas que perpassam as narrativas, mas ainda ocorrendo a fusão desses dois artifícies (materialidade e narrativas).

A despeito disso, González-Ruibal (2001), argumenta que a casa, na maneira em que é concebida, configura-se como sendo:

[...] o centro da geografia mítica, ou o espaço humano por excelência, ou o centro da vida, onde se nasce e onde se morre: o lugar onde se materializam os mistérios da existência e onde o mito (corporificado). É o primeiro referente

---

<sup>20</sup> Tradução livre de: “[...] refleja, y a la vez condiciona, los diversos comportamientos sociales de un grupo y su percepción del mundo” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001, n.p.).

espacial de um indivíduo e ao qual ele está mais afetivamente ligado (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001, n.p., tradução nossa)<sup>21</sup>.

Para condução dessa pesquisa e visando atender os objetivos propostos, em amplitude que concerne toda a conjuntura de formação do território de Lagoa de Fora, a partir das unidades domésticas, adotou-se a utilização de aparatos metodológicos, como a arqueologia etnográfica, e a partir da autoetnografia, a realização de prospecções oportunísticas, a utilização da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Conceituando a pesquisa em etnografia arqueológica, alguns autores como Yannis Hamilakis (2011), definem esse campo como sendo:

[...] um campo transdisciplinar emergente [...]. A etnografia arqueológica é aqui definida como um espaço transcultural de múltiplos encontros, conversas e intervenções, envolvendo investigadores de várias disciplinas e públicos diversos, centrado na materialidade e na temporalidade (HAMILAKIS, 2011, p. 399).<sup>22</sup>

Com caráter emergente, e embasada em um modelo de arqueologia menos colonialistas, positivista e de cunho científico, a arqueologia etnográfica envereda-se por um campo, que segundo Hartemann e Moraes (2018), é de consolidação do protagonismo comunitário<sup>23</sup>.

Nesse sentido esse campo, muito associado a arqueologia do presente (GONZALÉZ-RUIBAL, 2006), se firma como um método que em suma se objetiva na relação direta com os objetos, encaminhando-se em uma perspectiva comunitária.

Para Hamilakis (2011), o seu foco vai muito além das questões latentes da arqueologia praticada em modo convencional, propondo questionamentos dos princípios ontológicos, para quais são estabelecidas em tempos modernistas, seguindo assim uma linearidade progressiva.

<sup>21</sup> Tradução livre de: “[...] el centro de la geografía mítica, el espacio humano por antonomasia, el centro de la vida, donde se nace y donde se muere: el lugar donde tienen lugar los misterios de la existencia y donde el mito se encuentra materializado (*embodied*). Es el primer referente espacial de un individuo y al que se encuentra más afectivamente ligado” (GONZALÉZ-RUIBAL, 2001, n.p.)

<sup>22</sup> Essa corrente teórica centra-se “[...] na materialidade e na multitemporalidade e tenta superar as incertezas da arqueologia convencional ao questionar princípios ontológicos, fundada na temporalidade modernista, linear e sucessiva” (BANDEIRA, 2018, p. 37-38).

<sup>23</sup> Para Hartemann e Moraes (2018), a dicotomia ainda existente entre sujeito e objeto, afasta com tudo isso a ciência arqueológica de outros coletivos, como os comunitários. As autoras reforçam ainda mais a necessidade de uma arqueologia que se proponha em ser menos colonialista, e caminhe para uma arqueologia “[...] menos violenta, pois ela é feita com pessoas, por isso tem sido inevitavelmente levada a se transformar” (HARTEMANN; MORAIS, 2018, p.13).

Ao trabalhar com uma arqueologia de viés colaborativo e comunitário, são proporcionados diversos artifícies que promovem a compreensão das diversas materialidades e temporalidades. Hamilakis (2011) salienta que esse modo de se trabalhar arqueologia vai além das barreiras de um simples técnica ou método.

A respeito disso González-Ruibal (2006, 2009), apresenta e discuti sobre uma arqueologia do presente dedicada ao estudo das sociedades vivas e contemporâneas, desse modo esse campo se constituiria como pertencente a uma etnografia, campo que se debruça sobre as (in) materialidades.

A utilização desses métodos para composição dos arcabouços metodológicos e teóricos da pesquisa, embasam-se nas relações sociais tramadas entre os agentes que fazem, significam e ressignificam a comunidade Lagoa de Fora, e que atribuem significados e sentidos aos seres e coisas (BEZERRA, 2017).

Com os aportes da etnografia arqueológica, trabalhamos com a **observação participante**, sendo uma teoria e método que engajam atores com seu foco de estudo, permitindo que o pesquisador acesse os meandros dos aspectos sociais, dos discursos e modos de convívio com suas materialidades e histórias produzidas. Não posso dizer que esta técnica se estabelece ou é aplicada em um momento específico da pesquisa. Aqui, no caso, e considerando minha inserção como parte da família Negreiros e habitante de Lagoa de Fora, digo que a observação participante faz parte da minha experiência no mundo da comunidade, desde a minha infância até o momento, como pesquisador comunitário.

Segundo Shah *et al.* (2020), esse arcabouço metodológico se constitui como “[...] uma forma de produção de conhecimento através do ser e da ação; é práxis, o processo pelo qual a teoria é dialeticamente construída e realizada em ação” (SHAH *et al.* 2020, p. 376).

Para essa pesquisa, a observação participante, se delineia como sendo de longa duração, cabendo o “[...] (envolvimento de longo prazo); **desvelamento das relações sociais de um grupo de pessoas** (compreensão de um grupo de pessoas e de seus processos sociais)” (SHAH *et al.* 2020, p. 381, grifo do autor).

Mediante a utilização dos aportes teóricos e metodológicos da autoetnografia, que são subsidiados a “minha” inserção no contexto em tela, a observação como artifício se justifica e consolida no “lidar” com as gentes que fazem e transformam esse

território. A consolidação de uma experiência ao longo prazo, movidas pelas dinâmicas de afetos, afeições e consanguinidade, visto ser uma comunidade essencialmente rural e transformada pelas relações ocupacionais de Serapião José de Negreiros.

Os procedimentos metodológicos, seguiram, sendo utilizado como recurso inicial e em todo o desenvolvimento da pesquisa, a utilização da **pesquisa bibliográfica**, fazendo uso de dispositivos como: artigos nas mais diversas revistas eletrônicas e sites, como o Google Acadêmico, teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias, anais de revistas.

Toda essa investigação por meio desses mecanismos possibilitou contextualizar a área da pesquisa, argumentar e corroborar com as discussões propostas no trabalho, como por exemplo as reflexões acerca das correntes teóricas, aqui escolhidas para embasar e conduzir a pesquisa em tela, como a arqueologia do presente, arqueologia pública e colaborativa, a autoetnografia, arqueologia da arquitetura e a arqueologia da paisagem.

Adotou-se como recurso, a **pesquisa documental**, que se constitui na análise de documentos em repartições públicas ou não. No caso do contexto pesquisado, utilizou-se a pesquisa nos arquivos e registros presentes na Cúria Diocesana da Catedral de São Raimundo Nonato, sendo analisados documentos como as certidões de casamento e batismo, além dos arquivos documentais presente no Laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Tal procedimento se deu a fim de se tentar buscar elementos que preenchessem lacunas das narrativas comunitárias, ajudando a construir uma história mesclada de informações documentais e memoriais.

Para compreender a distribuição espacial de Serapião, Ana Rosalina e seus descendentes diretos pela comunidade Lagoa de Fora, foram realizadas **prospecções oportunísticas**, com a colaboração de Senhor Berilo Negreiros, que indicou os locais das primeiras ocupações. Houve a execução de diversas idas de campo nas áreas que compõem os elementos dessa distribuição espacial das primeiras unidades domésticas. Nas áreas em que se encontram as casas foram aplicados o caminhamento prospectivo sistemático percorrendo as áreas de potenciais arqueológicos, com objetivo da evidenciação e caracterização de estruturas, materialidades, artefatos e restos estruturais, feições, e as próprias dinâmicas de deslocamento e inserção dessas unidades/espaços domésticos na comunidade.

As narrativas dos colaboradores conduziram às áreas residenciais e de manutenção das dinâmicas de deslocamento e fixação da família Negreiros na comunidade, na gênese da formação espacial e paisagística do contexto estudado. Para o mapeamento das unidades habitacionais utilizou-se de mecanismos como, aparelho GPS, caderno de anotações e registro fotográfico.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa centra-se em um modelo colaborativo, na qual a comunidade, representada por determinados atores sociais do contexto, conduziram as narrativas e a contextualização da área. Essa etapa foi desenvolvida seguindo alguns requisitos que a priori contemplasse as memórias vívidas nos espaços (unidades domésticas) em uma amostragem que contemplaria um e/ou dois interlocutores e mediadores de conhecimento para cada respectiva unidade doméstica.

Os diálogos, seguiram de forma aberta e, para alguns dessas conversas utilizou-se de gravações com dispositivos móveis, ocorrendo de forma total ou parcial, em acordo com os interlocutores quando se sentiam à vontade para tal. Adotou-se para essa pesquisa a substituição do termo “entrevista”, por “conversa”, percebendo que os caminhos que conduzem à pesquisa na sua essência são os princípios de uma autoetnografia engajada, e menos preocupada com os objetivos por si só, e deixando espaços para um fluxo dialógico na construção das narrativas sobre as unidades domésticas.

A priori estas conversas poderiam ser entendidas como entrevistas semiestruturadas, típicas de uma análise qualitativa em ciências humanas, mas aqui, pelas relações estabelecidas entre mim e os interlocutores colaboradores da pesquisa, minhas vivências prévias com nossas histórias comunitárias, os momentos de acesso às memórias e narrativas são entendidos como mais dialógicas e íntimas do que uma entrevista.

#### **Os colaboradores selecionados para o recorte da pesquisa foram:**

- Angélica Alves de Negreiros (54 anos);
- Alzira Paes Landim (78 anos);
- Antônio de Negreiros Paes (74 anos);
- Agnelo Alves de Negreiros (69 anos);
- Berilo de Negreiros Paes (70 anos);
- Bartolomeu Paes Landim (69 anos);

- Maria Amélia de Negreiros Paes (71 anos);
- Maria Delza de Negreiros (64 anos);
- João de Negreiros Sobrinho (76 anos);
- Inez Maria de Negreiros (68 anos).

Todos os interlocutores sociais fazem parte do contexto de Lagoa de Fora, naturais desse lugar e residentes atualmente, na qual seguem transformando e ressignificando paisagens, lugares e espaços.

Os laços que vincula o “eu” enquanto agente e pertencente a esse território de Lagoa de Fora, me possibilita acessar certos contextos, e narrativas. As minhas relações e trajetórias pessoais com os entrevistados se dão em sua maioria pelos laços consanguíneos, visto sermos descendentes diretos ou indiretos de Serapião e Ana Rosalina. Angélica Alves de Negreiros (é) “minha” mãe, e descendente direta de Serapião, minha avó Alzira Paes Landim, meu tio Bartolomeu Paes Landim, meus parentes, como os tio “mais distantes”, como senhor Berílio de Negreiros Paes, Inez Maria de Negreiros, Maria Amélia de Negreiros Paes, a senhora Maria Delza de Negreiros, o senhor João de Negreiros Sobrinho, e o seu Antônio de Negreiros Paes.

Esses interlocutores me conduziram e permitiram, “eu” enquanto pesquisador/morador, acessar entendimentos, narrativas, histórias e lembranças das áreas relacionadas as primeiras ocupações da Comunidade Lagoa de Fora.

Após vários encontros, conversas e escutas, chega-se a um quantitativo, que evidenciados pelas narrativas onde soma-se em oito casas (espaços/unidades domésticas). Com essa informação, onde oito dos treze filhos de Serapião e Ana Rosalina residiram e estabeleceram unidades domésticas nesse território a pesquisa se enveredou na proposta da realização de um mapeamento, aliado a identificação de materialidades, estruturas e feições desse quantitativo - oito - de habitações, tomando as narrativas, a escuta ativa e participativa como ideal de pesquisa.

Para o estabelecimento desses diálogos, se desenvolveu um roteiro de potenciais questões, que a *priori* atenderiam as demandas da pesquisa, salientando ainda que a ideia dessas conversas não eram e se desenvolveram seguindo unicamente o viés exploratório. Esse roteiro serviu como direcionamento em algumas questões, sendo os pontos trabalhados nos diálogos:

- **Qual a história da casa?**
  - *De quem era casa?*
  - *Quando foi construída?*
  - *Quem a construiu?*
  - *Quem morou na casa?*
  - *Quando foi abandonada?*
  - *Quando foi desmanchada?*
  - *Para onde foi material do desmanche?*
  - *Uso na atualidade da casa ou terreno*
- **Como era a casa?**
  - *Quantos cômodos? Quais materiais?*
  - *Reformas ou mudanças de locais?*
- **Além da casa, quais outras estruturas tinham no terreno?**
  - *Existiam roças?*
  - *Existia Casa de farinha?*
  - *Existia os “munturos”<sup>24</sup>*
  - *Existia canteiros/hortas?*
  - *Existiam Árvores?*
- **Qual a sua história e vínculo com a casa?**

Por toda essa conjuntura, que recaia sobre a importância de se estudar e entender as configurações, distribuições e histórias envoltas nas unidades domésticas, escolhe-se e delimitou-se alguns colaboradores para a pesquisa, que com suas narrativas (oralidades), servem de (e) como “ponte” para se tecer inferências sobre o processo de ocupação na comunidade Lagoa de Fora, no final do século XIX e XX.

Como dito, foram mapeadas e caracterizadas a partir da materialidade e narrativas, oito habitações e para cada uma delas interlocutores colaboradores foram de suma importância para execução e desenvolvimento da pesquisa. No quadro abaixo busca-se sintetizar a distribuição dos colaboradores entre as unidades domésticas e os membros comunitários que compartilharam seus saberes e memórias (Tabela 1).

---

<sup>24</sup> Compreende-se por “monturos” ou “monturos” na referida pesquisa a designação de áreas, geralmente aos fundos de quintais, que em sua maioria são colocadas e deixadas os “trecos, troços e coisas” das unidades domésticas, assim como nas narrativas são nos fundos de quintais que em alguns casos são plantadas culturas como o milho.

**Tabela 1-** Distribuição dos interlocutores /colaboradores por cada unidade doméstica

<b>Unidades/espaços domésticos</b>	<b>Interlocutor/colaborador</b>	<b>Interlocutor/colaborador</b>	<b>Interlocutor/colaborador</b>	<b>Parentesco entre Interlocutor/colaborador e proprietário da unidade doméstica</b>
Unidade doméstica - Aquilina Virgem da Conceição	Alzira Paes Landim	Bartolomeu Paes Landim	Berílio de Negreiros Paes	Alzira = neta; Bartolomeu: neto
Unidade doméstica - Bruno José de Negreiros	Berílio de Negreiros Paes			Berílio = sobrinho de segundo grau
Unidade doméstica - Cornélio José de Negreiros	Agnelo Alves de Negreiros			Agnelo = sobrinho de segundo grau
Unidade doméstica - Marcelino José de Negreiros	Berílio de Negreiros Paes			Berílio = sobrinho de segundo grau
Unidade doméstica - Petronília Virgem da Conceição	João de Negreiros Sobrinho	Inez Maria de Negreiros	Berílio de Negreiros Paes	João = filho; Inez Maria = filha
Unidade doméstica - João Gualberto de Negreiros	Maria Amélia de Negreiros Paes	Maria Delza de Negreiros		Maria Delza = filha; Maria Amélia = filha
Unidade doméstica - Joana Batista da Conceição	Angélica Alves de Negreiros	Berílio de Negreiros Paes		Angélica = neta; Berílio = sobrinho de segundo grau
Unidade doméstica - Ursulino José de Negreiros	Berílio de Negreiros Paes	Maria Amélia de Negreiros Paes		Berílio = sobrinho de segundo grau; Maria Amélia = sobrinha de segundo grau

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Para a etapa de campo, se buscou em certas medidas e proporções analisar alguns elementos diagnósticos das materialidades presentes nas áreas de interesse arqueológicos.

Os elementos observados em campo para compreensão e caracterização das unidades domésticas e suas materialidades foram: distribuição da materialidade nas áreas domésticas; definição das tipologias, sejam elas cerâmicas, metálica, vítreas, louça, análises, interpretações e medições dos montículos nas áreas das casas, e como eles se articulam com outras elementos da paisagem, as árvores em suas dimensões e vínculos com as casas sejam nas dimensões, seja nas oralidades, em alguns casos se observa a presença de marcos divisórios dos terrenos que se relacionam com os processos ocupacionais das casas.

Se propôs como maneira interligar e correlacionar com as materialidades presentes nas áreas, assim como o cruzamento dos dados vistos, percebidos e vividos em campo com as narrativas, e como essas características se consolidaram na construção de inferências que corroborasse com as interpretações de como se configuraram e se desenvolveu esses processos ocupacionais na comunidade Lagoa de Fora.

#### **4 “ÀS FORA” À LAGOA DE FORA: CONTEXTUALIZANDO HISTÓRICAMENTE, SOCIALMENTE, AMBIENTALMENTE E ECONOMICAMENTE A COMUNIDADE**

A fim de desenvolver a contextualização da Comunidade Lagoa de Fora, se discutirá nessa seção um apanhado de informações e dados, centrados e tomando como foco de interesse a figura de Serapião José de Negreiros<sup>25</sup> e sua família no município de São Raimundo Nonato, contemplando aspectos como o processo de colonização do estado do Piauí, com enfoque na região sudeste do estado, e sua fixação na comunidade e toda carga histórica de parte da família Negreiros em São Raimundo Nonato.

Em comum com diversos contextos Brasil à fora, o estado do Piauí<sup>26</sup>, não se distancia do mapa da colonização. A região sudeste, que passou pelos processos de dominação do colonizador, é considerada “[...] o último reduto nordestino a ser colonizado pelo homem branco” (ASSIS, 2015, p. 2).

Descrito por Oliveira, A. (2007), como uma área que mesmo por uma ocupação demasiadamente forçada e tardia, a região permaneceu por longos dois séculos de contato, provendo lastros de desocupação de populações indígenas.

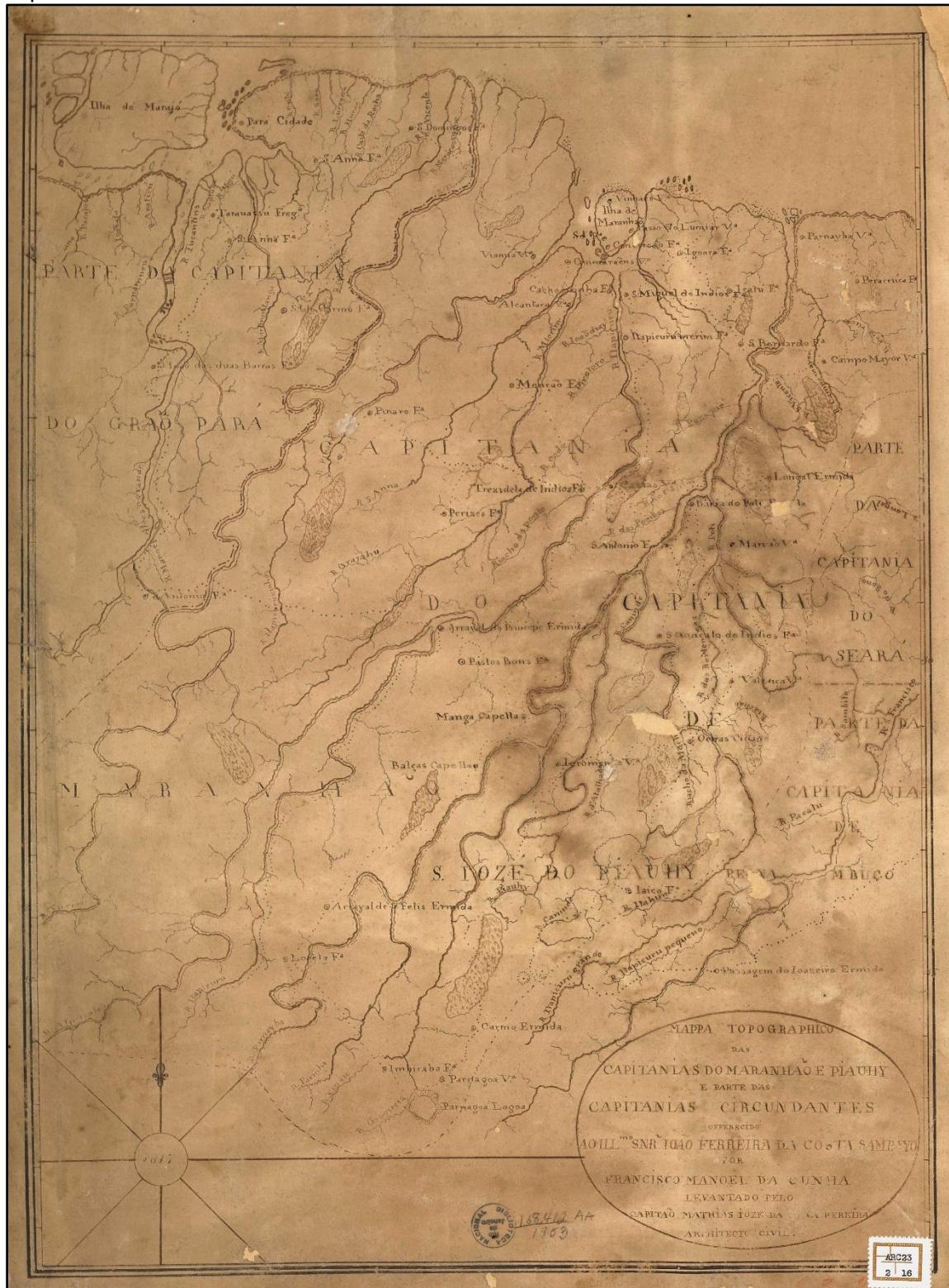
Esses avanços ocupacionais por parte de colonos ocasionaram entre outras demandas, os avanços nas criações de gado pelo território, no qual essa região concentrava-se entre os dois pontos de grande importância comercial, no que diz respeito aos fluxos da pecuária no Brasil, sendo esses dois importantes pontos, a “corrente baiana” e a “corrente pernambucana”, espalhando suas concentrações iniciais de fixação e manejo com o gado nos vales dos rios Gurguéia, Parnaíba, Canindé (Figura 2).

---

<sup>25</sup> Serapião José de Negreiros, nasceu em 1871.

<sup>26</sup> “[...] O processo de colonização do Piauí resultou na dizimação de várias etnias e a formação de uma estrutura social, política e econômica nos moldes mercantil e escravista” (LIMA, 2020, p. 10).

**Figura 2** - Mapa topográfico (datado de 1817) contemplando as capitâncias do Piauí, Maranhão e parte das capitâncias circundantes



Fonte: “[cartográfico] de Pereira, Matias José da Silva”. <http://biblioteca.interpi.pi.gov.br/Terras-war/mapa-historico.xhtml>.

O processo de colonização (nas) das terras piauienses, tem como uma das figuras centrais os bandeirantes, representados pela família D'Ávila, encarregados e comprometidos com o projeto de consolidação da exploração do território e consequentemente escravização dos nativos para obtenção de mão de obra dos, sendo esse grupo os fundadores da Casa da Torre<sup>27</sup>. Outra força motriz da colonização das terras piauienses, foi Domingos Afonso Mafrense, essas duas importantes figuras são consideradas um dos grandes personagens desses cenários de dominação e poder, movidos pelos seus poderios, como a posse de sesmarias e os volumosos rebanhos (LIMA, 2020).

As hostis investidas dos colonos pela posse e domínio do território, e a forte resistência das populações indígenas fizeram com que hoje a então cidade de São Raimundo Nonato fosse uma das últimas regiões do estado a passar por esse moroso processo de invasão e dominação. Um dos grupos indígenas que fizeram parte desse contexto de domínio foram os denominado Pimenteiras<sup>28</sup>, descritos por Oliveira (2007), como um povo indígena que na “[...] segunda metade XVIII [...] período em que os primeiros conflitos [...] [se desenvolveram no estado, foram esses os] últimos povos indígenas em guerra com o colonizador na Capitania do Piauí” (OLIVEIRA, A., 2007, p. 26). Considerados ainda como o [...] último reduto dos povos indígenas do Piauí” (OLIVEIRA, A., p. 136).

Os povos indígenas Pimenteiras<sup>29</sup>, após anos de confrontos com os colonos, afirmindo lutas e resistências pela manutenção no território piauiense, foram derrotados no “[...] início do século XIX [...] [com essa carga histórica de combate ao longo]

<sup>27</sup> “[...] O povoamento do território piauiense possui uma relação direta com a expansão e a conquista de terras empreendidas pela Casa Torre, instituição fundada e administrada pela família Ávila, da Bahia, cujo principal objetivo era financiar aventureiros, um misto de apresadores de índios e conquistadores de terras destinadas à pecuária, para que eles desbravasse os Sertões” (ALVES, 2003, p. 58).

<sup>28</sup> Segundo Oliveira (2007), o grupo Pimenteiras seria um [...] etnônimo [...] para os grupos que fugiram da voracidade das frentes pastoris que avançaram pelo rio São Francisco no período compreendido entre o final do século XVII e início do XVIII”, e que corresponderia a uma diversidade de grupos étnicos que encontraram reduto na região. (OLIVEIRA, A., 2007, p. 18).

<sup>29</sup> Para aprofundamento e melhor conhecimento a respeito do grupo indígena Pimenteiras, ver as pesquisas desenvolvidas por: OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência.** 2007. 201 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife-PE, 2007; ASSIS, Rafael da Silva. **Os Índios do Território Serra da Capivara: História, memória e ensino.** 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Universidade Federal do Tocantins – UFT. Araguaína – TO, 2016; NEGREIROS, Rômulo Macêdo Barreto de. **As Trilhas da Morte no Sertão das Pimenteiras – PI (1769-1815): caracterização e reconhecimento arqueológico de um Território.** 2012. 134 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife-PE, 2012.

desse processo, muitos índios haviam morrido ou sido escravizados" (VIANA, 2018, p. 16-17). Com a derrota desse coletivo indígena, consolida-se assim a expansão da colonização em massa por todo o território.

Nessa perspectiva, os trâmites escravistas fazem parte e firmam-se como "política pública" em todo o estado, envolto nessas novas configurações. Com as fortes investidas nesse projeto de colonização, Viana (2018), destaca a esse respeito sobre a conformação do que viria a ser atualmente o município de São Raimundo Nonato, onde na:

[...] segunda metade do século XIX, período de transformações administrativas, econômicas e populacionais em São Raimundo Nonato. No decorrer das primeiras décadas do século, sobretudo com o fim dos conflitos entre os colonos e os indígenas, ocorreu um aumento da população da região e o desenvolvimento dos primeiros núcleos populacionais, tais como Confusões, Ponta de Serra e Genipapo. Em 1832, foi criada a Freguesia de São Raimundo Nonato, que, a princípio, foi instalada em Confusões (hoje, cidade de Caracol do Piauí), dois anos mais tarde, transferida para Genipapo. Com a transferência da sede da freguesia, a povoação passou a ser chamada de "Sam Raymundo Nonnato" e, em 1850, a pequena povoação foi elevada à categoria de vila<sup>30</sup> (VIANA, 2018, p. 19).

Segundo Oliveira, J. (2011) é com o desenvolvimento populacional/demográfico e urbanístico que "[...] na segunda metade do século XIX, a vila de São Raimundo Nonato ganha as primeiras formas urbanísticas, escolas, praças crescendo [Sic] de belas casas, pontuam o desenho urbanístico da vila" (OLIVEIRA, J., 2011, p. 53). A economia de subsistência, principal força motriz desse contexto, se baseava no cultivo do milho, do feijão, do arroz e principalmente da pecuária (OLIVEIRA, J., 2011).

Esse processo de expansão promovido pelo estado, se alicerça no derramamento de sangue indígena pela disputa por espaço (território). A formação e consolidação da Vila de São Raimundo Nonato, como destaca Oliveira, J. (2011), recai ainda sobre "[...] o trabalho escravo [...] [que desenvolveu] um papel importante na consolidação do povoamento da vila" (OLIVEIRA, J., p. 53).

De acordo com Viana (2018, p. 19), alguns eventos demarcaram bem sobre a atuação do sistema escravista brasileiro, e assim "novos" dispositivos emergem em decorrência do declínio do sistema de migração forçada de escravos vindos de África, onde na segunda metade do século XIX, é promulgada, entre outras ações, a atuação da:

---

<sup>30</sup> O dispositivo legal que estabelece determinada ação, é a lei provincial de número 257 de 12 de agosto de 1850 (VIANA, 2018).

[...] Lei Eusébio de Queiroz [...] [em 1850, que em linhas gerais] proibiu efetivamente o tráfico atlântico de escravos africanos e, consequentemente, provocou a intensificação do tráfico interno. Em regiões com condições econômicas limitadas, como São Raimundo Nonato, os proprietários passaram a depender cada vez mais da reprodução interna de suas escravarias para a manutenção das posses. Nas décadas seguintes, vieram a Lei do Ventre Livre (1871), que, entre outras medidas, determinou que todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquela data seriam considerados livres; a Lei dos Sexagenários (1885), que concedeu liberdade aos escravos maiores de sessenta anos e estabeleceu outras regulamentações para extinção gradual da escravidão, e, finalmente, a Lei Áurea (1888), que aboliu a escravidão (VIANA, 2018, p. 19-20).

As intensas transformações ocorridas no século XIX, como as descritas acima e as do século XX, colocam a até então a vila de São Raimundo Nonato, no mapa dos intensos processos históricos, sejam eles, sociais, econômicos e demográficos.

Quando em agosto 1850, a então freguesia passa a ser “Villa São Raymundo”, estabelecendo certos processos, que podem ser envolvidos em uma crise econômica na qual a centralidade da criação bovina<sup>31</sup> não se constitui como uma renda satisfatória em primeiro plano, em que novas alternativas são almejadas com intuito de sanar essas questões econômicas.

Sobre essa perspectiva Oliveira, J. (2011), discorre que por mais que seu crescimento tenha se desenvolvido progressivamente, a vila de São Raimundo Nonato enfrentava diversas problemáticas que se esbarraram na consequente:

[...] dificuldade em seu crescimento [...] [vila], acentuado pelas baixas na produção da pecuária que já não tinha tanta força como em seu início, faz com que a população de São Raimundo Nonato veja no extrativismo da maniçoba a possibilidade de impulsionar a economia local (OLIVEIRA, J., 2011, p. 59).

Pela grande adesão ao extrativismo do látex da maniçoba<sup>32</sup>, Viana (2018), salienta que esse recurso “[...] provocou transformações na economia e, por conseguinte, na organização social” (VIANA, 2018, p. 128).

A respeito dessa matéria prima de fundamental importância para a economia piauiense, Oliveira, J. (2011), destaca “[...] que a produção econômica da borracha da maniçoba não impulsionava o crescimento somente de São Raimundo Nonato, tendo

<sup>31</sup> Os tempos os iniciais de fixação da economia pecuária “[...] ocorreu sob o signo da luta armada pela posse da terra. As lutas de arrendatários e posseiros contra os sesmeiros foi a expressão máxima do valor da terra no quadro histórico da economia implantada no Piauí, onde a posse dos meios de produção e do capital se transformaram nos elementos fundamentais da manutenção da propriedade” (SOUZA, 2008, p. 6).

<sup>32</sup> Árvore pertencente ao gênero *Manihot*, classificada na família Euforbiáceas.

assim florescido outras regiões do seu entorno que posteriormente vieram a ser elevada a condição de cidade” (OLIVEIRA, J., 2011, p. 61).

Esse fator de exponencial econômico, deve-se sobretudo ao valor comercial a essa matéria prima, muito valorizada e “[...] explorada com fins comerciais pelas indústrias automobilísticas e elétricas entre o final do século XIX e o início do século XX” (SULLASI et al. 2016, p. 184). Mesmo a maniçoba tendo uma qualidade de cunho inferior a matéria prima que a região norte do país possuía, como a seringueira, essa manipulação pode favorecer o estado e a região Nordeste em um alta colocação a nível internacional (LAMDIM; OLIVEIRA, A., 2014).

Com as discussões apresentadas a respeito de processos, sejam elas históricos, culturais e da própria formação do território piauiense, que Serapião e sua família são incumbidos, da qual fazendo parte dessas trajetórias reafirma suas existências nessa região.

#### **4.1 Serapião e suas andanças: De Jacobina/Ba à São Raimundo Nonato/PI**

É no contexto de expansão da colonização tardia da região sudeste do Piauí que a família Negreiros passa a ocupar os territórios da Vila de São Raimundo Nonato. Segundo narrativas do Padre José Herculano de Negreiros<sup>33</sup>, descendente de Negreiros, discorre sobre esse processo de ocupação, onde na segunda metade do século XIX a respectiva família, liderada por Manuel Felipe de Negreiros - avô de Serapião José de Negreiros (Figura 3) – teria vindo de Jacobina, na Bahia, com seus filhos para São Raimundo Nonato. Entre os filhos, Antônio Luis de Negreiros, casado com Margarida Maria de Jesus, pais de Serapião. A família, com a ajuda do então coronel Manoel Rubens de Macêdo se estabelece na região denominada Junco<sup>34</sup> (NEGREIROS, 2014).

---

<sup>33</sup> Informação concedida durante entrevista para realização do vídeo-documentário: Histórias Costuradas da Lagoa de Fora, produzidas no âmbito do projeto História, Memórias, Seres e Coisas: uma biografia do povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí.

<sup>34</sup> No inventário de Antônio Luis de Negreiros (Pai de Serapião) datado de 10 de setembro de 1903, esse determinado lugar aparece nos respectivos documentos como “logar Junco”.

**Figura 3 - Serapião José de Negreiros**



Fonte: <https://www.familysearch.org/photos/artifacts/147878009>.

Sobre a configuração arquitetônica da vila na qual Serapião e sua família acompanharam, Oliveira, J. (2011), descreve como um contexto para qual na segunda metade do século XIX se distribuía como sendo “[...] uma pequena vila de cerca de quarentas casas, uma capela de taipa, um cemitério, alguns currais, chiqueiros e roças” (VIANA, 2018, p. 27).

Essa distribuição ou melhor redistribuição pelas áreas subjacentes do território, fez que com a população na área central da vila fosse pouco expressiva numericamente, prevalecendo o rural sobre o urbano. Sobre isso, Viana (2018), argumenta ainda que nesse período, a ocupação dessa região, como por exemplo a dos anos de:

[...] 1884, em vista das informações fornecidas pela Câmara Municipal, residiam, na sede do município, aproximadamente 500 pessoas. Embora os dados apresentados não sejam fruto de censo ou arrolamento da população e tratem-se de estimativa feita pelos vereadores ao governo provincial, eles demonstram que a sede da vila era pequena e, mesmo com o aumento da população registrado entre as quase duas décadas que separaram 1866 e 1884, a população urbana era reduzida em comparação com a população residente na zona rural (VIANA, 2018, p. 33).

Com isso, percebe-se a inserção de Serapião e sua família em um contexto essencialmente rural<sup>35</sup>, justificado pela atuação em outras áreas que não a sede do poder, e suas jurisdições, onde:

[...] a grande maioria da população vivia dispersa pelas caatingas, chapadas e serras, distribuída entre fazendas, sítios e roças do município. A caracterís-

---

<sup>35</sup> O termo utilizado versa com a inserção de Serapião e sua família em contextos rurais piauienses, ao passo que arranjos são “tramados”, sejam eles econômicos, sociais e demográficos, visto que Serapião e seu núcleo familiar desenvolvem suas dinâmicas sociais, espaciais, entre outras, em áreas rurais, versando com a internalização do rural sobre o “urbano”, vista em perspectivas do contexto da época.

tica rural, dispersa e rarefeita da população piauiense, está relacionada à estrutura econômica, ao processo de povoamento e às formas de acesso à terra (VIANA, 2018, p. 24).

Com o estabelecimento inicial na vila São Raimundo Nonato, Serapião, juntamente com a sua família, segundo as narrativas, constitui-se como um criador de animais, como por exemplo, o gado bovino, seja para cortes e derivados do leite.

Em certo dia, ele (Serapião) sai a procura de um animal perdido, e com o hábito sertanejo e comum dos contextos rurais, percorre vastas regiões e lugares, campeando pelas proximidades e adjacências do que na atualidade se comprehende como (município) de São Raimundo Nonato.

As narrativas apontam que, Serapião, ao deparar-se com os potenciais recursos desse lugar que denominou de uma lagoa “**Ás forá**”, escolheram ser esse o local da sua fixação e começo da geração da família Negreiros na comunidade.

Conhecida oficialmente (levando em consideração os documentos) como “Chapada da Lagôa de Fora” e/ou “Lagôa de Fora”<sup>36</sup>, foi ao longo de tempo e como produto dele, sofrendo novas reformulações, sendo atualmente mais conhecida como Comunidade/povoado/localidade<sup>37</sup> Lagoa de Fora. No contexto de Serapião e sua família, esse território compreendia e pertencia a “Fazenda Genipapo”<sup>38</sup>, assim como consta nos documentos (inventários séc. XIX e XX)<sup>39</sup> analisados e presentes no Laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí.

Serapião fixa-se na porção próxima a lagoa (que nomeia a comunidade), em média vertente, muito favorecido pelos recursos hídricos, haja vista ser uma lagoa que em estações chuvosas se acondiciona água por tempo determinado ao longo do ano (Figura 4 e 5).

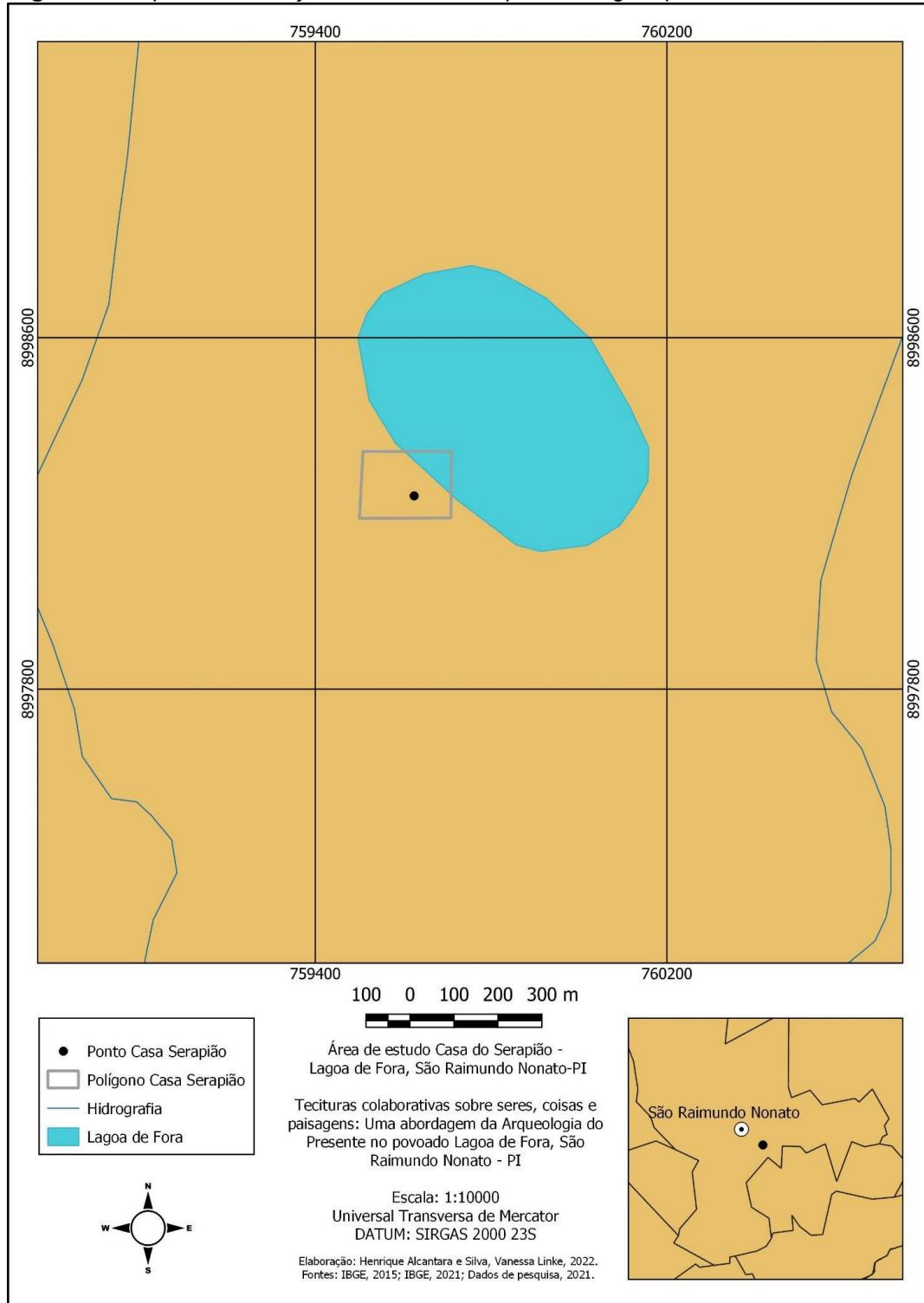
<sup>36</sup> Através de análises nos documentos históricos (inventários do Século XIX e XX) contidos no Laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), reconheceu-se o uso dessas determinadas nomenclaturas para designar esse território.

<sup>37</sup> Para essa pesquisa optou-se pela utilização do termo Comunidade.

<sup>38</sup> Através da Lei Provincial nº 35, datada de 27 de agosto de 1836, ocorre nesse respectivo ano a transferência da sede da vila de São Raimundo (anteriormente localizada em “Confusões”) para a “Fazenda Genipapo”. (VIANA, 2018).

<sup>39</sup> Material documental encontrado no Laboratório de História (LABHIST) da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

**Figura 4 - Mapa de localização da casa de Serapião e a lagoa que nomeia a comunidade**



Fonte: Henrique Acantara e Silva e Vanessa Linke (2022).

**Figura 5 - Lagoa que nomeia a comunidade (Lagoa de Fora)**



Fonte: Acervo do autor (2022).

No documento abaixo apresentado é possível perceber a relação dos bens deixados por Serapião após sua morte em 1952, no inventário datado de 22 de março de 1953 (século XX) no qual estipula o quantitativo de terras - glebas<sup>40</sup> - deixadas por ele. Nesse material é possível perceber a existência de cacimbas, casa de farinha, e a sua própria residência, elementos esses que corroboram com as narrativas locais, servindo de contextualização de como se configurava a distribuição de terras, elementos arquitetônicos, paisagísticos.

Segue a transcrição de parte do inventário de Serapião José de Negreiros (Figura 6 e 7), de inventariante a senhora Ana Rosalina das Virgens (esposa de Serapião), onde percebe-se o quantitativo de bens deixados:

Numa gleba de terra no lugar Lagôa de Fora, da fazenda Genipapo, deste município, com área de setecentos e vinte e seis hectares (726,00,00), defundida em ação judicial de demarcação e divisão de terras e transcrita no Registro de Imóveis desta Comarca sob nº 1.451, que estimo em quatro mil trezentos e cinquenta seis cruzeiros que saem Uma gleba de terras no lugar Lagôa dos Veados da fazenda Genipapo, deste município, com área de dois hectares (2,00,00), defundida em ação judicial de demarcação e divisão de terras desta Comarca sob nº 1451, que estimo em doze cruzeiros. Mais trinta e quatro hectares (34,00,00) de terras, em conjunto no T. Preto, dentro da fazenda Genipapo, deste município defendidos em ação judicial de demarcação e divisão de terras, que ficaram para inteiro pagamento de prinhão correspondente as duas glebas acima descritas registradas no Registro de Imóveis desta Comarca, sob nº 1451, préstimo em cento e quarenta, digo: em duzentos e quatro cruzeiros, que saem. Uma casa de taipa, com três vãos, coberta de telhas, com uma porta e duas janelas de frente, construção própria [...] no lugar Lagôa de Fora, da fazenda Genipapo, deste município, que estimo em seiscentos cruzeiros que saem. Uma casinha aberta, para montagem de oficina de beneficiar mandioca, ligada a casa acima descrita, tendo roda,

<sup>40</sup> Segundo a Lei Lei nº 6.766, de 1979, em seu artigo 2º, entende-se por “gleba como sendo o terreno que não foi objeto de parcelamento aprovado ou regularização em cartório” (Fonte: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/Mensagem\\_Veto/1999/Mv0153-99.htm#:~:text=30%20do%20projeto%2C%20ao,gleba%2C%20passando%20a%20ser%20lote.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/Mensagem_Veto/1999/Mv0153-99.htm#:~:text=30%20do%20projeto%2C%20ao,gleba%2C%20passando%20a%20ser%20lote.))

cefador, forno e prensa muito usados que estimo em trezentos cruzeiros, que saem. Um barreiro para (?) pluvial, cercado de madeira, construção própria, localizada no lugar Lagôa de Fora da fazenda Genipapo deste município, que estimo em duzentos cruzeiros, que saem. Uma cacimba de água nativa, como mineração regular, de construção própria, denominada de cacimba de Baixão, extremando com as cacimbas de Calisto Guerra de Araujo e Raimundo José de Negreiros, que estimo em duzentos cruzeiros que saem. São Raimundo Nonato, 22 de março de 1953. Elias Pio Mendes." (MENDES, 1953, p. 5-6).

**Figura 6** - Relação de bens presentes no inventário de Serapião datado do século XX (1953)

5	
	<i>Relação dos bens.</i>
	Muma gleba de terras no lugar Lagôa de Fora, da fazenda Genipapo, deste município, com a área de setecentos e vinte e seis hectares (726,00,00), defendida em ação judicial de demarcação e divisão de terras e transcrita no Registro de Imóveis desta Comarca sob nº 1.451, que estimo em quatro mil trezentos e cinqüenta seis cruzeiros que saem 4.356,00
	Muma gleba de terras no lugar Lagôa dos Veados, da fazenda Genipapo, deste município, com a área de dois hectares (2,00,00), defendida em ação judicial de demarcação e divisão de terras e transcrita no Registro de Imóveis desta Comarca sob nº 1.451, que estimo em doze cruzeiros 12,00
	Mais trinta e quatros hectares (34,00,00) de terras, em conjunto no S. Preto, dentro da fazenda Genipapo, deste município, defendidos em ação judicial de demarcação e divisão de terras, que ficaram para inteiro pagamento do proprietário correspondente as duas glebas acima desenhadas registrados no Registro de Imóveis desta Comarca, sob nº 1451, que estimo em cento e quarenta, dígo: em duzentos e quatros cruzeiros, que saem 204,00
	Muma casa de Taipa, com três vãos, coberta de telhas, com uma porta e duas janelas de frente, construção própria, si- Somma = 4.572,00

Fonte: Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (1953).

**Figura 7** - Relação de bens presentes no inventário de Serapião datado do século XX (1953)

4. 542,00	Transporte.
	ta no lugar Bagão de Fora, da fazenda Genipapo, deste município, que estavam em seiscentos cruzeiros, que saem
600,00	Uma casinha aberta, para montagem de Oficina de beneficiar manganês, ligada à casa acima descrita, tendo roda, cefados, forno e prensa muito usados, que
300,00	estavam em trezentos cruzeiros, que saem um barril, para água pluvial, cerca de madeira, construção própria, localizada no lugar Bagão de Fora da fazenda Genipapo deste município, que estavam em duzentos cruzeiros, que saem
200,00	Uma caciumba de águas nativa, com mineração regular, de construção própria, denominada Caciumba do Baixão, entrelaçado com as caciumbas de Cadix, Guerra de Araujo e Raimundo José de Negreiros, que estavam em duzentos em
200,00	zeiros, que saem
5. 872,00	Soma
	São Raimundo Nonato, 22 de Março de 1953. Elias Pio Meirelles.

Fonte: Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (1953).

Com as dinâmicas de assentamento nessa região, Serapião José de Negreiros e sua esposa Ana Rosalina das Virgens<sup>41</sup>, conhecida popularmente como “Mãe/Sinhá Dona”, constituem família, para qual oficializam matrimônio no dia 05 de novembro de 1893 (informação contida no caderno de certidões de casamento nº 6 nas fls. 3-4, presentes na Cúria Diocesana de São Raimundo Nonato<sup>42</sup>), na então recente igreja Matriz de São Raimundo Nonato, cuja data de construção se dá em 1876, edificação essa que simbolizava os avanços (mesmo que lentos) de um ideal de progresso, marcados pela sua imponência frente a outras edificações (Figura 8 e 9).

No documento abaixo apresentado é possível perceber aspectos descritivos, como datas (1893), idade do casal, nomes dos referidos pais, testemunhas. Serapião

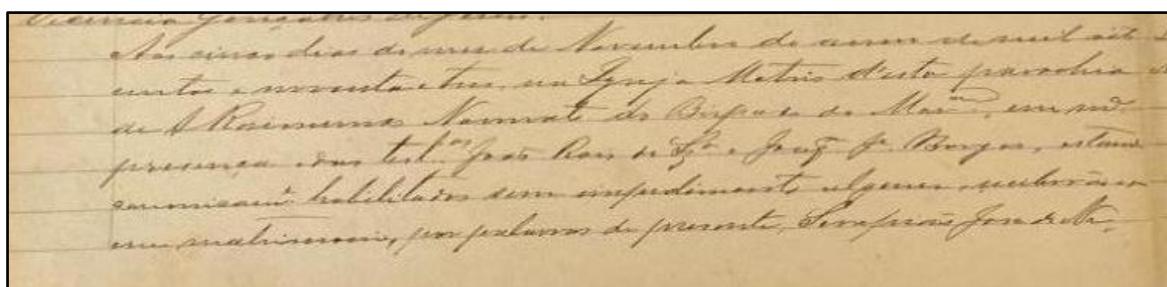
<sup>41</sup> Filha de Raimundo Nonato dos Santos e Maria da Conceição, Ana Rosalina das Virgens, nasceu em 19 agosto no ano de 1885.

<sup>42</sup> SÃO RAIMUNDO NONATO (PI). Cúria Diocesana da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato. Certidão de Casamento [de] Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina das Virgens. Certidão registrada às fls. 3-4 do livro n. 6. Data de casamento: 5 nov. 1893.

casa-se com Ana Rosalina aos vinte e dois anos de idade, ela envolvida em um enlace matrimonial mais recente em idade, no qual tinha dezoito anos, segue a transcrição livre do documento:

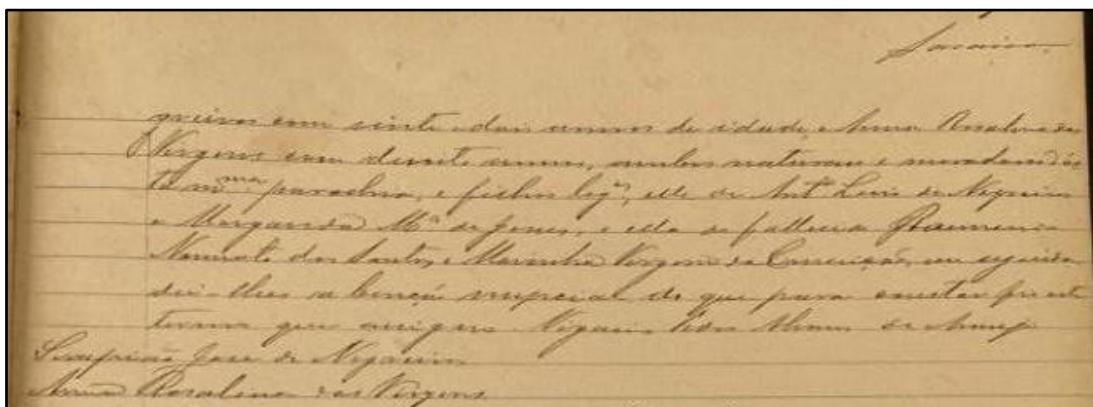
Aos cinco dias do mês de novembro do anno de mil oitocentos e noventa e três, na Igreja Matriz d'esta parochia de São Raimundo Nonato do Bispado do Maranhão, em sua presença e das testemunhas João Reis da Silva e José de Menezes, estando canonicamente habilitados, sem impedimento algum, receberão-se em matrimônio, por palavras do presente, Serapião José de Negreiros com vinte e dois anos de idade, e Ana Rosalina das Virgens com dezoito annos, ambos naturais e moradores desta mesma parochia e filhos legítimos, ele de Antônio Luís de Negreiros e Margarida M<sup>a</sup> de Jesus, e ela do falecido Raimundo Nonato dos Santos e Maria das Virgens da Conceição, em seguida dei-lhes a bênção nupcial, do que para constar fiz este termo e assino. Vigário Pedro de Araújo Serapião José de Negreiros Ana Rosalina das Virgens". **Fonte:** SÃO RAIMUNDO NONATO (PI). Cúria Diocesana da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato. Certidão de Casamento [de] Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina das Virgens. Certidão registrada às fls. 3-4 do livro n. 6. Data de casamento: 5 nov. 1893. (Transcrição livre do autor da pesquisa, com colaboração/apoio de Edson de Oliveira Silva).

**Figura 8** - Caderno nº 6, p. 3 constando o registro de casamento de Serapião e Ana Rosalina



Fonte: Cúria Diocesana/Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI (1983).

**Figura 9** - Caderno nº 6, p. 3 constando o registro de casamento de Serapião e Ana Rosalina



Fonte: Cúria Diocesana/Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI (1983).

Serapião e Ana Rosalina, constituíram uma família numerosa, chegando ao todo em uma prole de treze filhos<sup>43</sup>, sendo eles: **Aquilina Virgem da Conceição, Bruno José de Negreiros, Cornélio José de Negreiros, Elisa Virgem da Conceição, Filomena Virgem da Conceição, Joana Virgem da Conceição, Joana Batista da Conceição, João Gualberto de Negreiros, Marcelino José de Negreiros, Maria Virgem da Conceição, Petronília Virgem de Negreiros, Silvestre José de Negreiros e Ursulino José de Negreiros.** Desse quantitativo de filhos, somente oito deles (**destacados em negrito**) se estabeleceram e fixaram residência na comunidade, após enlaces e arranjos matrimoniais. Os quantitativo restantes de filhos espalharam-se pelas círcunvizinhanças da Comunidade, como a Queimadinha, Junco, fazenda Cavaleiro.

A existência de Serapião e seu núcleo familiar perpassa ainda pelas dinâmicas de transformação que ocorriam em seu contexto, como a elevação da então vila em município, no ano de 1912, mediante a lei nº 669, de 25 de junho do respectivo ano, essa mudança possibilitou diversas atuações da população nesse território, assim como Serapião, que já fixado na comunidade Lagoa de Fora, transita entre o rural e o urbano, entre “interior” e a então recente cidade.

Como traço da sua manipulação e conformação no território, consta-se assim nos documentos oficiais (Diário Oficial da União)<sup>44</sup>, que Serapião serviu ao 158º Batalhão da Infantaria na Comarca de São Raimundo Nonato, em 28 de maio de 1910, atribuído a si, a função de alferes<sup>45</sup>, tendo sua nomeação oficializada dois anos antes da elevação da Vila São Raimundo em município. Pelo cruzamento de datas, Serapião possuía cerca de 39 anos de idade quando foi nomeado ao Batalhão da Infantaria, servido a função acima descrita (Figura 10).

---

<sup>43</sup> Salienta-se nessa pesquisa, que segundo as narrativas locais e comunitárias em Lagoa de Fora, é possível perceber em diversos discursos a existência de um quantitativo de cerca de quatorze filhos, mas para o recorte desse trabalho, e baseando nos documentos (Inventários) datados do século XX, encontrados no Laboratório de História (LABHIST), na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), onde é possível encontrar uma listagem (nominata) de todos os filhos e filha de Serapião e Ana Rosalina, sendo esses treze filhos, adotou-se seguir esses documentos no que tange a quantidade de descendentes diretos (filhos e filhas) de Serapião e Ana Rosalina.

<sup>44</sup> **Diário Oficial da União:** seção 1, [Brasília], pág. 12. Acesso em: 15 de mai. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1683688/pg-12-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-28-05-1910/pdfView>.

<sup>45</sup> “[militar] antigo posto militar, equivalente ao atual de segundo-tenente; militar que detém esse posto [...] [antigo] responsável pelo carregar da bandeira de um regimento; porta bandeira”. Fonte: <https://www.dicio.com.br/alferes/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

**Figura 10** - Ocupação de Serapião, listada no Diário Oficial da União do dia 28 de maio de 1910

Tenente, Francisco Lino dos Santos ;
Alferes, Francisco Baldoino de Castro e
Manoel Fernandes Braga.
2ª companhia — Capitão, Manoel Luiz da
Silva ;
Tenente, João Dias da Silveira ;
Alferes, Serapião José de Negreiros e Her-
mogenes Dias da Silva.
3ª companhia — Capitão, Constantino Mar-
tins dos Santos ;
Tenente, Luiz Manoel da Silva ;
Alferes, Cesarino Martins dos Santos e Ma-
noel Joaquim de Souza.
4ª companhia — Capitão, Salustiano Fer-

Fonte: Diário Oficial da União (1910).

A partir da sua existência na região, novas configurações são dadas a esse lugar, para qual Serapião e sua família manipulavam a paisagem, desenvolvendo dinâmicas de deslocamento, mecanismos para manutenção da sua presença nesse território. No que compete a sua residência (espaço doméstico), segundo os documentos oficiais esse espaço doméstico se constituía em “[...] uma casa de taipa, com três vãos, coberta de telhas, com uma porta e duas janelas de frente, construção própria”<sup>46</sup>.

Na atualidade, na área da casa de Pai Pião e Mãe Dona, é possível identificar materiais e (elementos de sua ocupação), que ajudam a compor a história de formação da família Negreiros em Lagoa de Fora, assim como características para se construir e compreender aspectos do povoamento da cidade de São Raimundo Nonato, visto a época e contexto da qual Serapião e sua família vivenciaram. No terreno onde consistiu na habitação desse núcleo familiar é possível perceber a presença de materiais de uso doméstico, fragmentos de cerâmica utilitária (Figura 11), fragmentos de louças (Figura 12), entre outras tipologias, como materiais metálicos, vítreos, assim com partes estruturais da sua unidade doméstica.<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Informações contidas do inventário de Serapião José de Negreiros, de inventariante a senhora Ana Virgem da Conceição, documento datado do século XX (22 de março de 1953), presente nos arquivos do Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

<sup>47</sup> Material evidenciado mediante prospecção de superfície, realizado no âmbito da disciplina de Métodos e Técnicas Arqueológicas IV (cadastrada no código ARQL0065), para o semestre 2022.1, do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial, na Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara em São Raimundo Nonato, Piauí, desenvolvida como parte do Projeto História, Memórias, Seres e Coisas: uma biografia do povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí.

**Figura 11** – Fragmento de cerâmica utilitária encontrado na área que correspondeu a ocupação de Serapião e sua família em Lagoa de Fora



Fonte: Acervo UNIVASF (2022).

**Figura 12** - Fragmentos de louça encontrada na área que segundo as narrativas seria o quintal da casa



Fonte: Acervo UNIVASF (2022).

A configuração paisagística da comunidade foi sendo construída centrada na figura de Serapião e sua família. A localização geográfica dos seus filhos seguia de forma próxima da lagoa e consequentemente da residência dos seus pais.

Essencialmente rural, e como aponta as narrativas orais, Serapião era criador de gado, sendo considerado um conhecedor dos lugares e paisagens, manipulando além disso, a extração dos recursos e derivados da mandioca, caracterizado esse espaço como “[...] uma casinha aberta, para montagem de oficina de beneficiar mandioca [...] tendo roda, cefador, forno e prensa”.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Informações contidas do inventário de Serapião José de Negreiros, de inventariante a senhora Ana Virgem da Conceição, documento datado do século XX (22 de março de 1953), presente nos arquivos do Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

Segundo as narrativas locais as atividades desempenhadas por ele, seguiam-se com a utilização de matérias primas, como ervas e plantas nativas da região, como por exemplo, a babosa no preparo dos seus xaropes e chás, conhecidos como “inguentos” (Figura 13). Essas garrafadas, descritas pelas narrativas como uma maneira pela qual Serapião utilizava-se para tratar diversas mazelas, como gripes, resfriados, problemas intestinais, e variadas possibilidades, mantendo presente essa prática por longos anos. Seu falecimento, assim como consta nos inventários do século XX, se dá no dia 1 de junho de 1952, que pelo cruzamento de datas, teria 81 anos de idade.

**Figura 13 - Babosa (Aloe vera) encontrada na área da casa de Serapião José de Negreiros**



Fonte: Acervo UNIVASF (2022).

Dando continuidade à geração da família Negreiros em Lagoa de Fora, esse território na atualidade corresponde a uma comunidade que se desenvolveu amplamente e demograficamente, atingido segundo estimativas, cerca de 150 unidades domésticas<sup>49</sup>, espalhadas pelos “bairros”<sup>50</sup> ou subdivisões da comunidade, sendo esses: Centro, Lagoa de Cima, Lagoa do Meio, Paturi, Baixa, Chapadinha dos Cajus, Recanto e Pedra Vermelha (Figura 14).

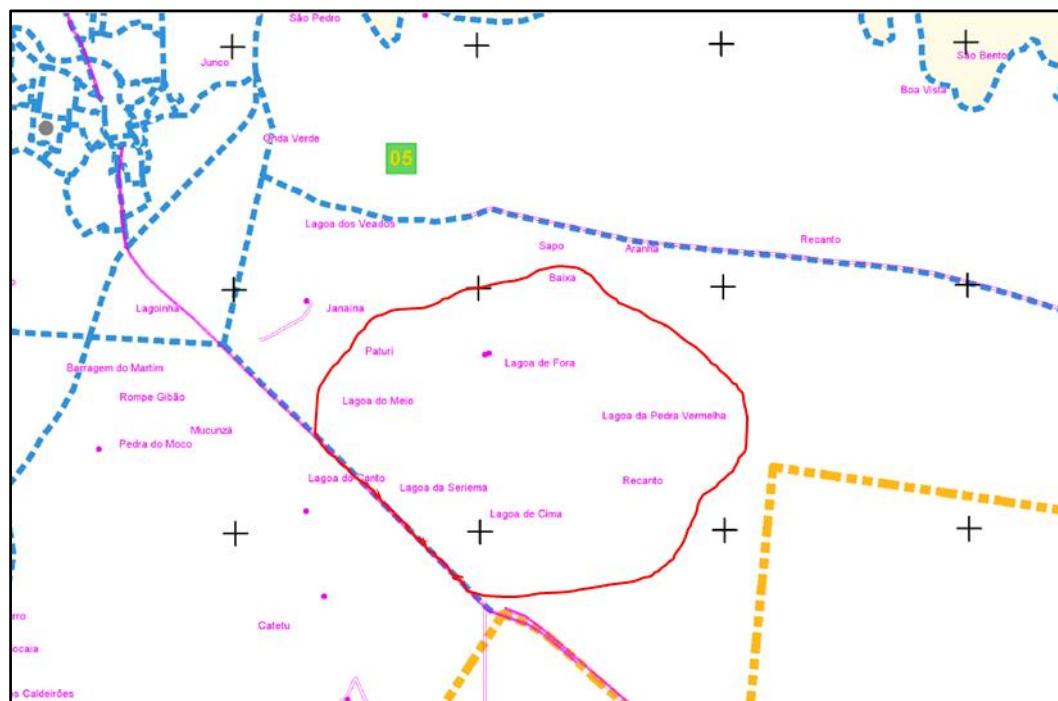
Relevante dizer, na conformação das relações e da paisagem da comunidade, é que somente a partir dos anos 2000 que chegam para fazer parte de sua história pessoas não relacionadas ao seu fundador, Serapião. Até este momento, e ainda hoje de forma preponderante, a comunidade era toda formada por descendentes de Pai

<sup>49</sup> Esse quantitativo em números de unidades domésticas, foram obtidos seguindo análises espaciais da comunidade (via Google Earth), de acordo com a arbitrariedade do autor da referida pesquisa, que estabelece com critérios próprios tais inferências.

<sup>50</sup> Esses “bairros” constituem-se como uma forma de localização geográfica amplamente aceita pelos setores da comunidade, sendo por eles escolhidos e seguidos, com características próprias de diferenciação de cada área e delimitação dos limites.

Pião e Mãe Dona. Importante também dizer, que os laços matrimoniais estabelecidos na comunidade parecem priorizar os casamentos endogâmicos, com membros da própria família – casamentos entre primos. Estas questões dão a tônica de uma comunidade estabelecida e mantida ao longo do tempo por laços de consanguinidade.

**Figura 14 - Configuração do território de Lagoa de Fora com suas subdivisões internas**



Fonte: IBGE (2010) adaptado pelo autor (2023).

Esses núcleos familiares se desenvolveram por essa região, tendo assim, como Serapião uma atividade econômica de subsistência baseada no cultivo e manuseio da terra - as roças, segundo as narrativas são os “fios” que conduzem o sustento familiar, com o plantio de culturas como o feijão (*Phaseolus vulgaris*), o milho (*Zea mays*), mandioca (*Manihot esculenta*), mamona (*Ricinus communis L*), abóbora (*Cucurbita*), melancia (*Citrullus lanatus*), maxixi (*Cucumis anguria*), amendoim (*Arachis hypogaea*).

Esse manejo com o solo ocorria/ocorre principalmente em períodos de “inverno”, onde consequentemente as chuvas são mais abundantes e ou de certa forma supriam as necessidades do solo e envolvendo sempre a família no trabalho com a terra.

A respeito da contextualização ambiental da comunidade temos que, a comunidade Lagoa de Fora pertence ao Território Serra da Capivara<sup>51</sup>, fazendo parte da cidade de São Raimundo Nonato. Do bioma caatinga<sup>52</sup>, sua vegetação (flora) apresentam espécies do tipo xeromórficas<sup>53</sup>, designadas em arbóreas e arbustivas. As classificadas em arbóreas, dessa região são formadas por: angico (*Anadenanthera colubrina*), aroeira (*Schinus terebinthifolia*), umbuzeiro ou “imbuzeiro” (*Spondias tuberosa*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), jurema preta (*Mimosa tenuiflora*), umburana de cheiro (*Mimosa tenuiflora*), umburana de Cambão (*Commiphora leptophloeos*), angico de bezerro (*Pityrocarpa moniliformis*), marmeiro ou “mameleiro” (*Croton blanchetianus Baill*), canafistula ou “canafista” (*Peltophorum dubium*), favela (*Cnidoscolus quercifolius*), barriguda (*Ceiba glaziovii*).

Percebemos como essas paisagens se articulam com a Comunidade Lagoa de Fora, à medida em que muito da vegetação acima elencada versam com os cotidianos de transformações do território uma vez que são empregadas essas espécies no cotidiano local, seja com os umbuzeiros, do marmeiro utilizados como subsídio de ração para os animais, como as cabras e bodes, o gado. A umburana de cambão, se consolida como uma valiosa matéria prima para confecção de diversas materialidades do dia a dia rural, como portas, janelas, mesas, utensílios usados nas casas de farinha, cochas de madeiras etc. Podemos perceber o uso por exemplo do caroá (*Neoglasiovia variegata*), tipo de bromélia que era muito utilizada na comunidade a partir das suas fibras para confecção de redes de dormir, objetos para armazenar alimentos e outras funcionalidades, como as “capangas”, que são espécies trançadas.

---

<sup>51</sup> O Território Serra da Capivara é “[...] composto por 18 municípios: Anísio de Abreu, Bonfim do Piauí, Campo Alegre do Fidalgo, Capitão Gervásio Oliveira, Caracol, Coronel José Dias, Dirceu Arcanjo, Dom Inocêncio, Fartura do Piauí, Guaribas, João Costa, Jurema, Lagoa do Barro do Piauí, São Braz do Piauí, São João do Piauí, São Lourenço do Piauí, São Raimundo Nonato e Várzea Branca”. Fonte: <https://vivaosemiarido.org.br/serra-capivara>. Acesso em: 01 abr. 2023.

<sup>52</sup> O bioma, “[...] abrange 11% do território nacional, ocupando uma área de 844.453 Km<sup>2</sup>. Apresenta clima semiárido e possui vegetação com poucas folhas e adaptadas para os períodos de secas, além de grande biodiversidade. A Caatinga ocupa a totalidade do estado do Ceará e parte do território de Alagoas, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe”. Fonte: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-caatinga>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>53</sup> São espécies de “[...] plantas que vivem em regiões com pouca água. São plantas adaptadas ao clima seco. Estas adaptações são: caules carnudos para armazenar água, folhas menores e mais coureáceas (rígidas), às vezes cobertas por uma camada de cera para diminuir a evaporação, e folhas reduzidas a espinhos, além de raízes longas”. Fonte: <http://www.klimanaturali.org/2013/03/características-das-plantas-xeromórficas.html>. Acesso em: 01 abr. 2023.

As espécies do tipo arbustivas, destacam-se: o cansação (*Cnidosculus pubescens*), pinhão roxo (*Jatropha gossypiifolia L.*), quebra-facão (*Croton conduplicatus*), jitirana (*Ipomoea purpurea*), carqueja (*Baccharis trimera*), etc.

A vegetação dessa região ainda é classificada em cactáceas, grupo compreendido por espécies, como: Xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), mandacaru (*Cereus jamacaru*), quipá (*Tacinga inamoena*), coroa de frade (*Melocactus zehntneri*) (Figura 15), entre outras. Em tempos de chuvas escassas e poucas pluviosidades, considerando que a região está no semiárido, se tinha o costume de queimar as árvores de mandacaru para servir de ração para aos animais, para assim passarem essa época do ano sem chuvas, e, portanto, sem o pasto abundante do tempo de “inverno”<sup>54</sup>.

**Figura 15 -** Cactáceas (Coroas de frades) sob rochas na região da comunidade Lagoa de Fora



Fonte: Acervo do autor (2023).

A fauna silvestre presente na região na qual insere a comunidade, é bastante diversificada, com espécies terrestres e não terrestres. Os animais pertencentes ao primeiro grupo, destacam-se o tatu (*Tolypeutes matacus*), a raposa (*Vulpes vulpes*), o gambá (*Didelphis albiventris*), gato do mato (*Leopardus tigrinus*), veado (*Cervidae*), etc. Para o grupo aviário, temos: o cabeça-vermelho (*Paroaria dominicana*), corrupião ou sofreu (*Icterus jamacaii*), periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*), gavião (*Nnumidameleagris*), urubu (*Coragyps atratus*), são algumas das espécies que compõem a região.

No que compete aos aspectos geológicas da área de estudo, temos que ela se encontra em “[...] dois domínios geológicos, a Província Estrutural da Borborema, representada pela Faixa de Dobramentos do Riacho Pontal, e do domínio sedimentar,

---

<sup>54</sup> Regionalmente os tempos das chuvas são chamadas de “inverno”.

representado pela Bacia do Parnaíba" (SANTOS, 2007, p. 21). De clima seco e semiárido quente, e pertencente ao bioma caatinga, possui irregularidades nas precipitações pluviométricas chuvosas, com média anual de 650 mm (GEO PARQUES DO BRASIL, 2012).

De acordo com os estudos produzidos pelo CPRM (2004)<sup>55</sup>, o município de São Raimundo Nonato, atinge níveis de temperaturas mínimas que vão de 18 °C a máximas que chegam à 36 °C, esse índices de chuva revelam ser a comunidade um local de temperaturas quentes, e com pouca precipitação chuvosa, assim como revela Paes (2022), é embalados nessas questões de gerência de recursos que a comunidade elabora planos estratégicos para suprir essas deficiências por falta de água, como a perfuração de cacimbas e barreiros, assim o armazenamento dos recursos hídricos perduram longos períodos. Outra característica fisiográfica apresentada pelo estudo, são os aspectos do solo, que:

[...] em grande parte provenientes da alteração de gnaisses, filito, mármore, quartzito, xisto, arenitos, siltitos e folhelho, são rasos ou pouco espessos, jovens, às vezes pedregosos, ainda com influência do material subjacente. Dentre os solos regionais predominam latossolos álicos e distróficos de textura média a argilosa, presença de misturas de vegetais, fase caatinga hipoxerófila (grameal) e/ou caatinga/cerrado caducifólio. Secundariamente, solos podzólicos vermelho-amarelos, textura média a argilosa, fase pedregosa e não pedregosa, com misturas e transições vegetais, floresta sub-caducifólia/caatinga, além de areias quartzosas, que compreendem solos arenosos essencialmente quartzosos, profundos, drenados, desprovidos de minerais primários, de baixa fertilidade, com transições vegetais, fase caatinga hipoxerófila e/ou cerrado sub-caducifólio/floresta sub-caducifólia (Jacomine et al., 1986) (CPRM, 2004, p.3).

Com relação aos aspectos do solo, e vinculando a comunidade, temos que segundo as narrativas, existem locais específicos para plantio de determinadas espécies, e que a agricultura do milho, é descrita como o manejo mais complexo de se obter no território de Lagoa de Fora, explicado pelas narrativas em função de um solo empobrecido de nutrientes e minerais para esse cultivo. Ainda segundo as narrativas, as áreas mais planas do relevo, e sem a presença de seixos em quartzo, as chamadas "chapadas" por essas características são as mais aceitadas para cultivo da mandioca por exemplo, ao contrário do milho, que mesmo nas persistências de seu plantio, ele era nas áreas mais adjacentes das casas, as áreas com mais seixos de quartzo, os pedregulhos.

---

<sup>55</sup> Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

Com relação aos aspectos hidrológicos, Santos (2007), descreve como uma área que se encontra [...] na sub-bacia do rio Piauí-Canindé, que pertence à bacia do rio Parnaíba. A área drenada pela bacia do rio Parnaíba ocupa 75% do Piauí, 19% do Maranhão e 6% do Ceará” (SANTOS, 2007, p. 15). A respeito do relevo, a região, possui características, como:

[...] superfícies tabulares reelaboradas (chapadas baixas), relevo plano com partes suavemente onduladas e altitudes variando de 150 a 300 metros; superfícies tabulares cimeiras (chapadas altas), com relevo plano, altitudes entre 400 a 500 metros, com grandes mesas recortadas e superfícies onduladas com relevo movimentado, encostas e prolongamentos residuais de chapadas, desníveis e encostas mais acentuadas de vales, elevações (serras, morros e colinas), com altitudes de 150 a 500 metros (CPRM, 2004, p. 3).

Essas características e aspectos da região, somam-se ainda aos domínios do tipo hidrogeológicos, para qual se dividem em: “[...] rochas cristalinas, rochas sedimentares e coberturas colúvio-eluviais” (CPRM, 2004, p. 5). Com relação ao relevo da comunidade, temos que a distribuição das áreas se localiza desde a alta vertente, passando média, até porções mais rebaixadas do relevo, como a baixa vertente.

Afim de apresentar algumas políticas públicas de acesso a beneficiamento e direitos humanos na comunidade Lagoa de Fora, onde direcionados e embasados em vertentes de aproximação entre campo e cidade nas mais diversas perspectivas, o Governo Federal desenvolve mecanismos de produtividade, qualidade de vida e acesso as políticas públicas, elencando para esse setor (o campo – espaço rural), algumas alternativas para dirimir os impactos e danos que a estiagem causa na vida e produção dos agricultores.

Com foco principalmente na população do Nordeste brasileiro, o Governo Federal implementa no ano de 2002 o “Garantia-Safra (GS)<sup>56</sup>, vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Essa política pública promulgada por esse setor beneficia diversos moradores da Comunidade Lagoa de Fora, por exemplo.

Além do cultivo de plantas (culturas agrícolas), acima mencionados, a comunidade ainda conta com a criação por parte de alguns núcleos familiares, de animais

---

<sup>56</sup> “O Garantia-Safra (GS) é uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que tem como objetivo garantir condições mínimas de sobrevivência aos agricultores familiares de Municípios sistematicamente sujeitos a perda severa de safra por razão do fenômeno da estiagem ou excesso hídrico”. **Fonte:** <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-o-garantia-safra>.

como, aves, suínos, bovinos, caprinos e ovinos, além dos equinos, prática que envolve em sua maioria o conhecimento das áreas, caminhos e carreiros da comunidade.

Na comunidade são percebidas redes de trocas nas relações que conectam os seres, é pelo compartilhamento dos pastos, os fundos dos pastos que as criações de animais a solta se consolidam. Os “sinais” empregados nos animais mantém vivas essas redes relacionais, que movem parentescos, e de distinção fácil para quem “labuta”, fazendo parte dessas dinâmicas, onde nos simples olhares para o animal, o criador analisa ou mesmo subentende quem seja o seu respectivo dono. O laboro e a criação a solta permanece a tempos as dinâmicas de ocupação e transformação do território, mesmo que ao passar dos anos sua presença se enfraqueça (ACHA, 2016, ZAMBRINI, 2016).

Pertencente ao semiárido piauiense, a comunidade envolve-se em climas e temperaturas quentes, e com poucas precipitações chuvosas, permanecendo em longos períodos de estiagem, o que prejudica em sua totalidade não somente a propagação e cultivo de culturas agrícolas, mas consequentemente o armazenamento de água, seja em reservatórios naturais como as lagoas, caldeirões<sup>57</sup>, e superfícies modificadas, como as cacimbas<sup>58</sup>, barreiros e barragens.

Em eco a esses indícios, e visando combater essas características naturais de falta ou problemática no abastecimento de água, cria-se alguns programas de construção de cisternas, com foco principalmente no Semiárido Nordestino. No ano de

---

<sup>57</sup> Conhecidos como caldeirões, são designadas as depressões em rochas presentes em algumas áreas da comunidade, que após chuvas armazem água por longos períodos (a depender do tamanho), que podem ser consumidas por animais, e quando cercadas (por arames farpados e madeiras), se observa a utilização por humanos. De profundidades e tamanhos variados, fazem parte dos aspectos e configuração da comunidade Lagoa de Fora.

<sup>58</sup> As cacimbas são locais cavados no solo, cuja finalidade são os processos “minatórios” de água, suas profundidades e espessuras são variadas e dependem do comportamento da água. Pode possuir paredes e revestimentos em blocos de pedras, com elementos em madeira em sua transversalidade interna, assim com a utilização manual dos carretéis e vasilhas para manuseio com a água.

2001, a Articulação para o Semiárido (ASA), com apoio de diversas ONG's (Organizações Não Governamentais), liderados pela Cáritas Diocesana<sup>59</sup>, estabelecem o “Projeto 1 Milhão de Cisternas<sup>60</sup> (P1MC)”, ação que beneficiaria áreas rurais. Em 2003 o Governo Federal cria o Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e outras Tecnologias Sociais (Programa Cisternas)<sup>61</sup>, mais uma ação do governo para subsidiar o armazenamento dos recursos hídricos.

O Governo Federal além proporcionar a criação desses reservatórios no Semiárido Nordestino, estabelece no ano de 2012 a criação do programa “Operação Carro-Pipa<sup>62</sup>, ação que distribui água potável nas residências da comunidade e em outras áreas do país.

Os barreiros, assim como as cisternas constituem como um importante reservatório de captação de água, e como política pública se fez presente até alguns anos atrás na comunidade, com a presença de programas que auxiliassem na construção e manutenção dos mesmos, com apoio e verbas advindas da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), houve ampla coberta de criação dessas estruturas na região, até a implantação de outros mecanismos, ampla urbanização e globalização ocasionando em certas medidas a sua não utilização e manutenção.

Todas essas políticas públicas empregadas pelo Governo Federal e com apoio de órgãos públicos, como o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de

<sup>59</sup> “Cáritas Diocesana é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário”. **Fonte:** <https://diocese-sjc.org.br/caritas-diocesana/#:~:text=A%20C%C3%A1ritas%20Diocesana%20C%C3%A9lia,%20uma,e%20do%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel%20solid%C3%A1rio>.

<sup>60</sup> “A cisterna de placas é um tipo de reservatório d’água cilíndrico, coberto e semienterrado, que permite a captação e o armazenamento de águas das chuvas, aproveitadas a partir do seu escoamento nos telhados das casas, através de calhas de zinco ou PVC”. **Fonte:** <https://fazfacil.com.br/reforma-construcao/cisterna-de-placas/>.

<sup>61</sup> Programa “[...] instituído pela Lei Nº 12.873/2013 e regulamentado pelo Decreto Nº 8.038/2013), tem como objetivo a promoção do acesso à água para o consumo humano e para a produção de alimentos por meio da implementação de tecnologias sociais simples e de baixo custo. O público do programa são famílias rurais de baixa renda atingidas pela seca ou falta regular de água, com prioridade para povos e comunidades tradicionais. Para participarem, as famílias devem necessariamente estar inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal.” **Fonte:** <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/acesso-a-agua-1/programa-cisternas>.

<sup>62</sup> Operação Carro-Pipa ou programa emergencial de distribuição de água potável, que tem por finalidade garantir um dos direitos fundamentais do cidadão brasileiro que é o acesso à água potável, em especial a população do semiárido nordestino durante o período de seca, desde de 2012 o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), representado pela Secretaria Nacional de Defesa Civil (SEDEC), em parceria com o Ministério da Defesa (MD) e o Exército Brasileiro (EB), representado pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) e Comando Militar do Nordeste (CMNE)”. **Fonte:** <https://fateclog.com.br/anais/2022/599-1074-1-RV.pdf>.

São Raimundo Nonato, conduzem de certa forma ao acesso a uma vida com certa qualidade, proporcionado sobretudo a produção e incentivo a uma agricultura e pecuária de melhor aproveitamento, e uma melhor gestão dos recursos hídricos.

A respeito das atividades desenvolvidas ao longo da trajetória histórica da comunidade, outra grande importante conquista para essa região, foi a construção em 1986 da “Associação dos Pequenos Produtores e Produtoras da Comunidade de Lagoa de Fora”, que através dessa houve beneficiamento, desde a distribuição de sementes, a criação e manutenção de espaços produtivos, como a casa de farinha comunitária, promoção e contribuição no estabelecimento de luz elétrica nas unidades domésticas da comunidade (PAES, 2022).

A casa de farinha, desde sua essência configurada para ser comunitária, desenvolve papel fundamental na manutenção das práticas da farinhada e manuseio com a mandioca. São pelos laços familiares que se configura o acesso às dependências do local. Seu papel social é indiscutível no âmbito da comunidade.

Pelo histórico de manejo com abelhas para produção de mel, se estabelece a “Casa do Mel” na comunidade beneficiando assim os apicultores da região, mediante apoio e custeio dos membros da Associação dos Pequenos Produtores da Comunidade de Lagoa de Fora (PAES, 2022).

Hoje, o modo de vida da comunidade de Lagoa de Fora se baseia em atividades estritamente rurais, plantio e criação de animais, mantém-se ainda em funcionamento, mas a partir, sobretudo, da década de 1980, parte da população estabelece vínculos de trabalho na cidade, com prestação de serviços. Antes deste tempo, tais relações se estabeleciam de forma menos premente. Assim, tem-se hoje na comunidade poucas famílias que vivem estritamente da produção rural. A maior parte das famílias possuem vínculos formais e informais de trabalho com a cidade, ficando a produção agrícola e de criação de animais como renda complementar e estritamente voltado ao consumo familiar.

Acompanhando como se deu e desenvolveu o rural e a ruralidade nesse contexto, podemos perceber através das intensas dinâmicas de manejo com o solo (a terra em sentido mais amplo), como essa prática constituiu-se ativa na comunidade, mesmo que de maneira menos predominante, visto a sua essência rural. Sobre os processos e “engrenagens” que movem as questões sociais da comunidade, é possí-

vel perceber esses espaços rurais como condizente a uma integralidade, prevalecendo aspectos específicos e diferenciados, baseados na terra na família e no trabalho (WANDERLEY, 2001).

Na comunidade Lagoa de Fora, em comum com outros contextos se constrói a “perda” e/ou enfraquecimentos das práticas rurais e espaços socialmente rurais, movidos pelas proximidades dos distanciamentos entre campo/espaços rurais e cidades, traduzidos pelos processos de desenvolvimento, que levam/levaram setores rurais a se mudarem para os centros urbanos, transformando assim seus modos de vida, mesmo que não houvesse diretamente esses deslocamentos fixos, além dos longos períodos de estiagem que acometem o semiárido piauiense, prejudicando a “labuta” ou manejo com solo.

Esse ciclo de término entre categorias, expressados entre espaços rurais e urbanos, condiz com o continuum rural-urbano, pertencentes a duas perspectivas, tendo na primeira a diferenciação e radicalização entre essas duas categorias, colocadas em oposição de progresso, onde a urbanidade se faz presente como polo em/de progresso, e o meio rural em amplos atrasos, perspectiva contraditória onde em segunda afirmativa coloca em certa igualdade e também proximidade entre essas duas vertentes (WANDERLEY, 2001).

Ao passo que homogeneidades e o fim de ciclo continuum rural-urbano reverberam em novas discussões, permanece traços característicos dessas duas categorias, onde [...] reiteram diferenças significativas, que têm repercussão direta sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais de indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade” (WANDERLEY, 2001, p. 33). Nesse sentido Wanderley e Nazareth (2001), argumentam que por mais significativas essas diferenças, elas se fundamentam:

[...] não mais ao nível do acesso aos bens materiais e sociais, que seriam, então, de uma certa forma, similarmente distribuídos entre os habitantes do campo ou da cidade, nem mesmo no que se refere ao modo de vida de uns e de outros. As diferenças vão se manifestar no plano das “identificações e das reivindicações na vida cotidiana”, de forma que o “rural” se torna um “ator coletivo”, constituído a partir de uma referência espacial e “inserido num campo ampliado de trocas sociais” (WANDERLEY, 2001, p. 33).

Assim, percebemos na comunidade Lagoa de Fora que os argumentos de um contexto em que os campos do urbano em certas medidas tomam conta das relações nesses espaços comunitários, onde as pessoas e grupos que necessitavam/necessitam transitar entre essas duas categorias (rural e urbano), são movidas pelas intensas

relações, com isso e ao longo do tempo essas fronteiras sociais, econômicas e históricas cada vez ficam mais intensas.

#### **4.2 Serapião e a fé Católica: A presença dos oratórios, rezas e manifestações culturais**

Serapião, nas narrativas locais, é visto como uma figura religiosa, que tinha o costume de sempre aos domingos participar das missas na igreja Matriz de São Raimundo Nonato, disposto em seu cavalo, participava ativamente das dinâmicas religiosas, possuindo em sua residência diversos santos católicos, presentes no seu oratório, simbolizado e professando a fé católica.

Na pesquisa realizada por Negreiros (2014), a senhora Maria do Carmo Guerra de Negreiros, detalha as práticas religiosas e sociais da qual Serapião era movido:

Meu pai era neto de Serapião e sempre repassou a mim e meus irmãos que Serapião era uma pessoa de grande sabedoria, aprendeu a fazer remédios caseiros, sendo muito religioso sabia muitas rezas e usava-as para curar os que tinham Fé. Dentro das possibilidades e devido à necessidade atuou como parteiro fazendo muitos partos naquele tempo. Meu pai ainda falava que Serapião era muito católico, aonde ia todos os domingos montado a cavalo para assistir à missa em São Raimundo Nonato (NEGREIROS, Maria do Carmo, 2014) (NEGREIROS, 2014, p. 21).

Percebemos, que nas narrativas orais, Serapião professava a fé católica, seja na sua casa, seja na igreja, isso pode ser visto e percebido na atualidade e na configuração da sua descendência na Comunidade Lagoa de Fora. Essa fé ao longo do tempo foi se moldando pelos “usos dos oratórios”, “os dias de santos”, “as rezas e penitências”, as “novenas e pagamentos de promessas” (NEGREIROS, 2014).

A respeito disso, Negreiros (2014), salienta que “[...] no início dos anos 1960 por ausência da igreja na comunidade, essa fé era professada com mais profundidade, principalmente nas casas das famílias, onde todos seguiam um catolicismo popular” (NEGREIROS, 2014, p. 21). A partir de novas configurações sociais, no ano de 1968, constrói-se na comunidade a primeira igreja católica (Figura 16), para qual se cultua como padroeiro até os dias atuais, a santidade de São Serapião<sup>63</sup> (Figura 17).

---

<sup>63</sup> Para detalhamento da escolha do padroeiro, narrativas locais, processo de construção da primeira igreja da comunidade (ver) pesquisa de: NEGREIROS, Luiz Alex Guerra. **O catolicismo popular na Comunidade Lagoa De Fora, zona rural de São Raimundo Nonato - PI (1968-2014)**. 50 p. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Estadual do Piauí UESPI, São Raimundo Nonato/PI, 2014.

**Figura 16 - Igreja católica de São Serapião**



Acervo do autor (2023).

**Figura 17 - Imagem sacra do padroeiro São Serapião**



Fonte: Acervo do autor (2019).

Com o passar dos anos, além da paisagem física se transformar, culturalmente se percebe o avanço da presença do catolicismo na comunidade, notavelmente pela instalação de duas novas igrejas, sendo elas: Igreja de São Sebastião e igreja de São José.

Reportando a fala de Maria do Carmo, citada anteriormente, e diversas narrativas locais, temos que Serapião, era uma figura importante para seu contexto, desenvolvendo atividades como de parteiro, curandeiro, rezador.

Nesse contexto de práticas que sobrevivem e resistem ao tempo, na comunidade Lagoa de Fora, existem a presença de eventos culturais, que para além da sua importância cultural, revelam ser ainda marcadores religiosos e de fé, como o reisado e as rodas de São Gonçalo, que reproduzem saberes e tradições por muito tempo.

São algumas dessas manifestações artísticas e religiosas que se constroem e remontam a história desse território.

No “*ora viva e arreviva*<sup>64</sup>”, das rodas de São Gonçalo repetidos vezes são narradas histórias de devoção e fé. Na comunidade ao longo dos anos diversas rodas em devoção e estima a essa santidade, foram manifestadas, motivadas pelo pagamento de promessas e devoções o que gera na prática encontros, elevam e mantém laços (Figura 18 e 19).

**Figura 18 - Rodas de São Gonçalo na Comunidade Lagoa de Fora**



Fonte: Acervo UNIVASF (2023).

**Figura 19 - Rodas de São Gonçalo na Comunidade Lagoa de Fora**



Fonte: Acervo UNIVASF (2023).

O reisado, outra prática presente na comunidade, segue atualmente “viva”, antes passando por anos sem atuação, se reverbera nas novas gerações que buscam, sobretudo manter presentes as práticas religiosas, sociais e culturais. No “Oh de casa, oh de fora [...] somos de cantadores de Reis”<sup>65</sup>, se mantém atuante as tradições e

---

<sup>64</sup> Refrão do hino a São Gonçalo. “Ora viva e arreviva! Viva o São Gonçalo, viva!”

<sup>65</sup> Trecho do cântico aos Reis magos. “ao Santo Reis”.

devoções aos reis magos, que segundo o cristianismo remonta ainda desses ao encontro de Jesus de Nazaré, sendo celebrado anualmente dia 06 de janeiro (Figura 20).

**Figura 20** - Reisado na Comunidade Lagoa de Fora



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LOxdxwwe9Nw>.

## 5 MATERIALIDADES E NARRATIVAS: AS PRIMEIRAS CASAS EM LAGOA DE FORA

As casas em Lagoa de Fora sob a perspectiva dos “filhos da terra”, demonstram como esse território se forjou ao longo dos anos, e como essa configuração espacial se consolidou na figura de Serapião José de Negreiros.

Amparados pelas narrativas acerca das unidades domésticas, temos algumas vozes que ecoam nesse processo, e que fazem parte dessa pesquisa, pela colaboração nas etapas do referido trabalho. Todos os entrevistados, ou melhor – os colaboradores - são residentes desse contexto, manifestantes de lembranças, memórias, afetos, afeições e vivências sobre a comunidade. As narrativas foram ao longo desse processo de pesquisa se entrelaçando, assim como as similaridades nas mais diversas perspectivas.

### 5.1 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Aquilina Virgem da Conceição

Aquilina Virgem da Conceição, teve seu núcleo familiar próximo a casa de Serapião e Ana Rosalina, e concomitante a lagoa da comunidade, local de recursos hídricos. O espaço doméstico, que em tempo de vivências e estruturas habitadas, é descrito como uma casa de tamanho variado, com presença de quartos, salas, cozinha, casa de farinha.

Com o passar dos anos, e com o presente abandono da edificação a mesma veio ao arruinamento e desaparecimento das suas feições. Com as etapas de evidenciações arqueológicas, as prospecções em superfície e do tipo não interventivas possibilitaram observar diversas materialidades no terreno correspondente a casa de Aquilina Virgem. Sua inserção na paisagem é de forma elevada, tendo em vista a localização da lagoa da comunidade. A mesma possui vegetação típica do bioma catinga, com espécies de árvores, como o angico, mandacaru, capins, jurema preta, umburana, plantas rasteiras, marmeiro (Figura 21).

Baseando-se nas narrativas, relevos (perfis de elevação) e distribuição das materialidades, estabeleceu área da casa com aproximadamente 12 metros (leste/oeste) x 15 metros (norte/sul).

A área que correspondia a casa de farinha estabeleceu-se em aproximadamente 5 metros (norte/sul) x 7 metros (leste/oeste). Cuja separação e intermediação entre essas duas áreas se desenvolveu em 8 metros de distância.

Na atualidade a área é movida pelos intensos processos antrópicos, naturais e pela ação e pisoteio de animais (Figura 22), sendo utilizada como principal função o pasto para eles. Sua área total corresponde a 279 metros. Com os dispositivos de heranças familiares a respectiva área é de posse de seus herdeiros, onde possuí delimitação e cercamento da área.

Por meio do caminhamento no terreno foi possível identificar elemento materiais que em toda sua conjuntura fizeram parte das estruturas desses espaços domésticos, como por exemplo, os fragmentos de telha (Figura 23), fragmentos de tijolos (Figura 24), objetos metálicos (Figura 25).

**Figura 21** - Área correspondente a casa de Aquilina Virgem da Conceição



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

**Figura 22** - Pisoteio do terreno por animais



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

**Figura 23** - Fragmento de telha evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem



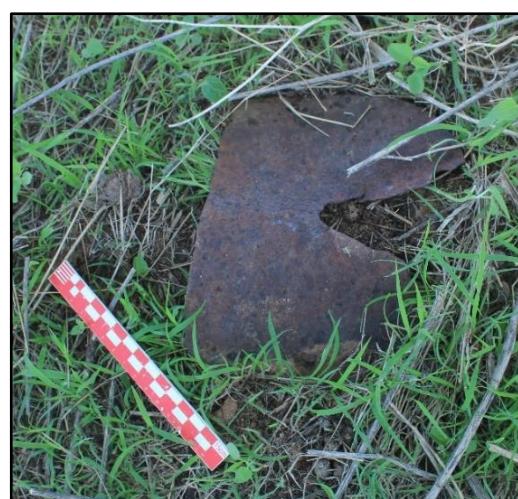
Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

**Figura 24** - Fragmento de tijolo evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

**Figura 25** - Material metálico evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

**Figura 26** - Estacas em madeira na área que corresponderia a casa de farinha da unidade doméstica



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

Nas prospecções em superfície, acompanhados pelo senhor Berílio, foi evidenciado pelo mesmo na área do terreno a presença de um bloco de arenito, que segundo ele se trataria de uma “pedra de moer fumo”, muito utilizada para tal destinação, e como parte das dinâmicas espaciais da casa de Aquilina Virgem da Conceição. Percebe-se elementos transformativos na mesma, corroborando com as narrativas de Berílio (Figura 27).

**Figura 27** - Bloco de arenito evidenciado na área correspondente a casa de Aquilina Virgem



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

Todas as materialidades encontravam-se em proximidades, seguindo as narrativas apresentadas a respeito da configuração espacial da casa. A concentração em maior porcentagem de evidenciação de materiais ocorreu na porção que corresponde à estrutura da casa de Aquilina Virgem, da qual resta o montículo de paredes desmanchadas.

## 5.2 Narrativas Memoriais

Filha do casal Serapião José de Negreiros e Ana Rosalina das Virgens, Aquilina Virgem da Conceição, casou-se com Manoel Paes Landim, criando segundo as narrativas todos os seus filhos no espaço doméstico, que se localizava tanto próximo as seus pais, como também dos seus irmãos.

De acordo Alzira Paes Landim (78 anos) e Bartolomeu Paes Landim (69 anos), netos de Aquilina Virgem, e que por longos anos mantiverem suas memórias e afetividades vivenciadas e presenciadas nas dinâmicas dessa habitação, assim narram que a casa de Aquilina e Manoel, como um espaço doméstico, onde a:

[...] a casa, no tempo velho era feita de taipa... de madeira, que arodiava de enchimento de pau [...] amarrado de vara e enchido somente de barro... todo de barro, e reboca do jeito que quisesse por dentro, por fora não (Alzira Paes, 2023, Informação verbal)<sup>66</sup>.

Sua arquitetura em toda sua extensão era em taipa de mão preenchida com varetas ou “paus”, e enchida/preenchida com barro amassado e captado no próprio quintal. Segundo Alzira, as construções de antigamente [...] de primeiro faziam as casas eram assim, uma sala aqui, outra ali, cruziadinha véia assim” (Informação verbal). Assim essa distribuição espacial desse núcleo familiar se estabelecia com a presença de duas salas, dois quartos, uma dispensa para armazenamento de alimentos, ferramentas etc., e possuía em toda sua extensão um piso era em barro batido. Sobre isso, Alzira detalha mais aspectos da casa:

[...] porque de primeiro as salas não eram lisas, a gente passava no meio, era de canto, uma sala lá, outra sala aqui e a parede no meio. A primeira sala nós entrávamos, quando entrasse na sala [...] e passava para essa outra sala [...] e a dispensa lá atraisinho [...] a cozinha ficava por fora [...] a casa tinha dois quartos, duas salas grandes, a sala do meio era grande que era a do paiol, aí fora essas duas tinha a cozinha que era por fora, e tinha a dispensinha, que era baixinha mais até que era grandinha (Alzira Paes, 2023, Informação verbal).

Ambos os colaboradores, salientam a existência de uma casa de farinha, localizada na porção esquerda da casa, colado na estrutura da casa, e os produtos adquiridos da extração da mandioca, como farinha eram acondicionados em um paiol, apresentado como sendo um espaço grande, cuja localização dava-se na segunda sala da casa, descrito ainda como um espaço que não era feito em vara, e produzido em tábua de madeira, da qual usavam-se a árvore como a umburana-de-cheiro, gerando assim uma espécie de baú:

---

<sup>66</sup> Entrevista cedida por Alzira Paes Landim e Bartolomeu Paes Landim, em 24 de maio de 2023.

[...] Naquele tempo a gente fazia aquele paiozão de farinha [...] o paoi era de tabua de umburana de cheiro [...] era quase o tamanho do quarto, as tabonas colocadas umas em cima das outras, apregadas, fichadas, que ficavam um bauzão [...] aí era só fazer a farinha e jogar dentro [...] a casa de farinha era do lado da dispensa [...] os paus era encostado da parede da casa (Alzira Paes e Bartolomeu Paes, 2023, Informação Verbal).

A casa de farinha, e seus beneficiamentos são apresentados como soluções para enfrentar os longos períodos de escassez de recursos, sendo assim um importante mecanismo de sustento familiar.

Pertencendo as dinâmicas da casa, o curral das vacas localizava-se na porção direita, bem perto da unidade doméstica. A criação de cabras, bodes e ovelhas fazem parte do sustento e subsistência da família. Além da mandioca, são descritas nas narrativas a existência de roçados de milho, feijão, abóbora.

Questionada sobre as vontades e sentimentos que levavam a mesma a manipular e transitar pela casa dos seus avós, Alzira descreve que tinha muito gosto e apreço em visitá-los, onde recebia o carinho deles, sendo a neta mais velha da família.

O senhor Berílio de Negreiros Paes (70 anos)<sup>67</sup>, um dos colaboradores da pesquisa, estabelece assim a senhora Alzira e o senhor Bartolomeu, como um importante interlocutor, que atuante nas dinâmicas sociais e espaciais desse núcleo familiar, residiu nesse espaço doméstico dos sete meses até os vinte e quatro anos de idade na casa dos seus avós, mesmo casado com a senhora Maria Amélia de Negreiros Paes, pode por algum tempo permanecer como membro ativo seja na sua atuação como agente modificador do espaço, mas também como certos protagonismos nos discursos familiares.

Além disso o casal criou e educou dois dos seus filhos na casa dos respectivos avós, por alguns anos. O senhor Berílio, em eco as informações apresentadas, soma-se a elas e contribuem para melhor panorama das primeiras ocupações da Comunidade Lagoa de Fora.

Na descrição dos espaços que competiam a casa, todos os colaboradores salientam a existência de roças, onde o cultivo da mandioca, do feijão, da abóbora, da mamona, do amendoim, forma esses os manejos com a terra que faziam parte das

<sup>67</sup> Salientamos a importante contribuição do senhor Berílio de Negreiros Paes, na condução das informações obtidas via suas narrativas e oralidade, elas foram em suma essenciais em todas as etapas da pesquisa, desde o reconhecimento das áreas de potenciais arqueológicos, até as mais diversas informações sobre a contextualização e inserção histórica da comunidade, a exemplo do campo prospectivo realizado com sua presença em 13 de outubro de 2022, e as posteriores conversas ao longo da pesquisa.

atividades sociais desse núcleo familiar, o cultivo do milho não prevalecendo em larga escala, justificado pelo solo ineficiente para tal cultura. Os roçados, segundo sr. Berílio eram em sua maioria em terras que se localizavam onde na atualidade se estabelece como sendo o cemitério da Comunidade<sup>68</sup>.

Atentando a essas afirmações, as narrativas apontam para a criação de vacas, galinhas, porcos, cabras, por parte desse núcleo familiar.

Indagados sobre a ausência ou existência do compartimento banheiro, os colaboradores apresentam esse local de uso familiar como sendo fora das dinâmicas internas da casa, sendo utilizados outros dispositivos para tal ação, em alternativa a utilização da mata próxima.

### **5.3 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Bruno José de Negreiros**

Da mesma forma que Aquilina Virgem da Conceição, Bruno José de Negreiros, estabeleceu residência na comunidade Lagoa de Fora, nas terras dos seus pais Serrapião e Ana Rosalina, e bem próximo ao núcleo familiar dos mesmos, no local/bairro que na atualidade corresponde a uma das subdivisões da comunidade, a Lagoa do Meio. Casado com Ana Rosa, mais conhecida localmente como “Janú”, permaneceu até a seu falecimento, onde segundo as narrativas, criou seus filhos e filhas.

Na atualidade o espaço sociável do casal e sua família sofreu intensas modificações antrópicas e naturais, como o revolvimento do solo, erosão, entre outros agentes (Figura 28).

**Figura 28 - Área da casa com leve elevação topográfica e com presença de árvores nativas da região**



<sup>68</sup> Pelo dispositivo de heranças familiares, após a morte dos seus pais (Aquilina e Manoel), recebe o referido terreno, o senhor Camilo Paes Landim. Em doação comunitária, passa ser esse local de instalação do cemitério da comunidade, onde os primeiros sepultamentos datam de 1967. Em concordância com projeto de Lei nº 04/2019, de outubro de 2019, e em acordos comunitários, estabelece na presente data o nome de Camilo Paes Landim como nomeação desse espaço.

Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

A área do terreno é composta por vegetação nativa, com espécies como umbuzeiros, juazeiros, marmezeiros, gramíneas, malva, entre outras, o que justifica a presença de animais na área e o pisoteio do solo. Nas narrativas de Berílio de Negreiros Paes<sup>69</sup>, algumas árvores que hoje conformam a espacialidade do local, faziam parte das dinâmicas do espaço doméstico de Bruno José e sua família, sendo elas os umbuzeiros e juazeiros.

Pensando na relação entre esses elementos e como eles se distribuíam na paisagem, se mediu a distância entre as árvores e a casa, para distância entre a casa estabeleceu-se em aproximadamente 13/14 metros. A área da casa, levando em conta critérios de materialidade, narrativas e relevo, se consolidou em aproximadamente 14,5 metros (leste/oeste) x 16 metros (norte/sul).

Através de caminhamento prospectivo não interventivo, foi possível a identificação de materialidades presentes na área do terreno, como os fragmentos de cerâmica utilitária de modo artesanal e de produção local, dispersos em quase toda a extensão do referido terreno, além da presença de fragmentos de telhas (material de oaria) também de produção local, com diversos tipos de queimas identificadas (completa e incompleta). Os dois fragmentos acima descritos foram identificados entre o que corresponderia a área da casa e a frente dela, como aponta as narrativas (Figura 29).

**Figura 29** - Fragmentos de cerâmica utilitária e telha presentes na área da casa



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

---

<sup>69</sup> Entrevista cedida por Berílio de Negreiros Paes, em 13 de outubro de 2022.

O caminhamento na área ainda possibilitou a identificação de materiais fragmentados e utilitários de uso doméstico (Figura 30). Sua dispersão se deu nas porções centrais da casa, e com pouca incidência.

**Figura 30** - Fragmento de um utilitário de cozinha presentes na área da casa



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

Na área intermediária que segundo as narrativas corresponderia a casa e casa de farinha foi evidenciado um frasco em vidro, em modo de produção artesanal, de técnica em sopro de molde, com a presença de inscrições em relevo na parte externa localizado na base do frasco. Esse elemento indica o ano de produção da peça, aqui identificado como 1884. Além desse objeto de uso doméstico, foram evidenciados diversos outros fragmentos de vidros, sejam eles industriais e artesanais em área do terreno (Figura 31).

Próximo e na mesma área onde foi evidenciado esse frasco de vidro é possível perceber a concentração de outras tipologias, como fragmentos de cerâmica utilitária, tijolos, vidros industriais, louças (Figura 33). Esse foram evidenciados em uma área intermediária entre a casa e a casa de farinha. A distância entre ambas as estruturas se estabeleceu em aproximadamente sete/oito metros, sendo a área da casa de farinha distribuída em aproximadamente 12 metros (norte/sul) x 13 metros (leste/oeste).

Essa medição se deu a partir de inferências de campo, levando em consideração a área da casa, descrita pelas narrativas, e área que corresponderia a casa de farinha, sendo essa última percebida no solo através de um leve relevo em relação ao piso geral do terreno (montículo), onde em concomitância com a oralidade foi de perceptível notoriedade. Tomando hipóteses de arruinamento e acúmulo de sedimentos das respectivas paredes de delimitação desse espaço doméstico, assim como área

do forno, ambas regiões detentoras em sua construção de elementos como o barro e tijolos.

**Figura 31** - Frasco de vidro encontrado na área da casa de Bruno José de Negreiros



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

Os materiais metálicos compõem as dinâmicas de deslocamento e distribuição no terreno, esse de pouca incidência nas áreas da unidade doméstica, permanecendo assim sua incidência na área, que segundo as narrativas corresponderia a casa de farinha (Figura 32).

Essa área em toda sua extensão é composta por uma saliência no relevo em comparação com superfície ampla e plana do terreno. Segundo sr. Berílio esse leve relevo poderia ser restos estruturais da casa de farinha, vista a utilização de materiais em barro para erguimento da estrutura em si da casa e de elementos como o forno, corroboração com os padrões de espessuras das casas de farinha.

**Figura 32** - Material metálico evidenciado na área da casa de Bruno José de Negreiros



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

As louças em fragmentos são elementos que compuseram as dinâmicas presentes na residência, sua incidência se deu em partes do terreno, em particular na área de elevação, um montículo com leve acentuação (Figura 33).

**Figura 33** - Fragmento de louça evidenciado na área da casa de Bruno José de Negreiros



Fonte: Henrique Alcântara e Silva (2022).

A distribuição dos materiais na superfície em sua maioria predominou nas áreas que correspondiam a casa de farinha e a habitação do casal, além de áreas intermediárias que conectam as duas estruturas.

#### 5.4 Narrativas Memoriais

Da mesma forma que Aquilina Virgem da Conceição, Bruno José de Negreiros, estabeleceu residência na comunidade Lagoa de Fora, nas terras dos seus pais Serapião e Ana Rosalina, e bem próximos ao núcleo familiar dos mesmos, no local/bairro que na atualidade corresponde a uma das subdivisões da comunidade, a Lagoa do Meio. Casado com Ana Rosa, mais conhecida localmente como “Janú”, permaneceu até a seu falecimento, onde segundo as narrativas, criou seus filhos e filhas.

Nas narrativas do Senhor Berílio de Negreiros Paes, a casa/espaço doméstico de Bruno José e sua família, seguia a “planta” arquitetônica da época, da qual descreve como sendo casas de “dois vãos”, na presença de compartimentos como duas salas, uma primeira interligando aos demais cômodos, inclusive a segunda subsequente sala, a existência de dois quartos, sendo do casal e outro dos filhos.

Buscando um panorama geral, Berílio e Amélia de Negreiros Paes (71 anos), descrevem a casa desse núcleo familiar como sendo em taipa de mão, com enchimento de barro, acondicionados em varetas de madeiras dispostas com proximidade para o encaixe e fixação do barro. O Senhor Berílio salienta o processo de fabricação de casas em taipa de mão, onde a estrutura da casa se parte em inicial etapa de

construção pela fixação das madeiras (as forquilhas) de sustentação do telhado com madeiras e telhas, passado essa etapa, se inicia a transversalidade e cruzamento de varetas de madeira, fixadas umas nas outras, nas respectivas forquilhas, dando processo a preenchimento do barro amassado.

Presente ainda nas narrativas, apresentam a casa como sendo em piso de barro batido, pelo qual o seu revestimento – o reboco se dava pelo trabalho de passar as mãos na tentativa de suavizar as imperfeições das paredes.

Ambos os colaboradores/interlocutores salientam a existência da casa farinha presente na casa, descrevendo-a como sendo um espaço localizado ao lado da residência do casal, coberto em telhas grosas que cobria toda a extensão dela, inclusive os locais de raspagem da mandioca e o forno, e demais espaços vinculados a esse espaço doméstico. Esse último aparato – o forno - se apresenta como sendo produzido em barro, com inserção de lajedos em pedras e rebocado em barro amassado, com espaços em sua porção final de acesso para inserção de lenha para combustão, e aquecimento dele.

Nos seus atributos, são apresentadas as questões dinâmicas da labuta como a mandioca, para qual o espaço destinado a essa função, é narrado como uma casa de tamanho “comum” a época, com objetos que permeavam as atividades de manuseio ligadas a extração da farinha, tapioca, farinha de borra. Utilizando-se de mecanismo como alguidares<sup>70</sup> de barro, espátulas de madeira, pratos de medição, cuias de cabaças, e as cochas<sup>71</sup>, todos de produção e confecção manual.

As casas da comunidade, assim como a de Bruno José, são descritas por Belílio como estruturas que possuíam espaços que interligavam cômodos, como as salas e quartos. Outro mecanismo presente na casa se dava na existência do paiol, local esse feito muitas vezes em varetas cruzadas e cobertas em esteiras de caroá, que percorriam as dimensões do solo até o telhado, local destinado ao armazenamento de farinha por longos períodos (meses), que em certos anos quando a produção era em tamanho grande, permanecia até as próximas safras e arrancas de mandioca.

<sup>70</sup> Alguidares são utensílios domésticos muito utilizados para armazenamento de líquidos e alimentos. No contexto em tela, os alguidares seguiram sendo mencionados com sendo parte integrante de espaços, como as casas de farinhas, onde poderiam ser utilizados por exemplo, como objeto de armazenamento do líquido extraídos da mandioca.

<sup>71</sup> Entende-se por cochas, e com base nos dados da pesquisa, os dispositivos de armazenamento de alimentos extraídos da mandioca, como a massa, crueira, entre outras funcionalidades, sendo empregada nos espaços domésticos das casas de farinha. Sua fabricação pode ser, por exemplo em madeira, e em alguns casos de tijolos.

Outro espaço social e familiar presente na casa, e mencionados nas narrativas de Berílio e Maria Amélia, são as roças e roçados. Esses espaços eram mecanismos de produção de alimentos, como feijão, amendoim, abóbora, mamona, em poucas áreas o cultivo do milho. Essas roças, segundo as narrativas localizam próximo ao traçado da casa, e nas adjacências. Além das práticas de cultivo e manuseio com solo, a criação de gado, bodes e galinhas mantinham as dinâmicas econômicas e de subsistência da família.

### **5.5 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade Doméstica Cornélio José de Negreiros**

De localização mais afastada em vista seus irmãos, Cornélio José de Negreiros. Residiu por alguns anos onde corresponde à porção denominada de Baixa. Sua casa e terreno, localizava-se em porções com leves rebaixamentos do solo, indo de uma superfície plana à declives (Figura 34).

**Figura 34** – Área do terreno correspondente a casa de Cornélio José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

Agnelo Alves de Negreiros (69 anos)<sup>72</sup>, sobrinho de Cornélio, descreve a área como de intensas modificações ao longo dos anos, as últimas grandes transformações paisagísticas e fisiográficas foram as realizadas a cerca de seis anos atrás, onde consideráveis porções do terreno que foram revolvidas por intermédio de maquinários. Essa ação, gerou a escassez de materialidades no local, tendo sua distribuição comprometida. Á área total do terreno descrita e apresentada por

---

<sup>72</sup> Entrevista cedida por Agnelo Alves de Negreiros, em 19 de junho de 2023.

contemplar o espaço doméstico (casa) e o espaço transformativo (casa de farinha) correspondem em uma área de aproximadamente 40 metros quadrados.

Nas narrativas de Agnelo Alves, alguns elementos da antiga habitação poderiam ser vistos em novas construções nas áreas da casa, citando a perfuração do solo para instalação de uma cisterna, na qual foram evidenciadas estruturas do que seria o forno da casa de farinha da residência, a referida habitação localiza-se na porção mais elevada do terreno, da qual foi construída um espaço doméstico nas proximidades e área da antiga habitação de Cornélio e família (Figura 35).

**Figura 35** - Espaço doméstico construído sobre os restos estruturais da casa de Cornélio José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

Com o revolvimento intenso do solo constantemente, aliados ao reaproveitamento de materiais da antiga habitação, se observou a baixa distribuição e presença de materialidades que ajudam na composição das dinâmicas estruturais de Cornélio. Se evidenciou com as prospecções arqueológicas não interventivas na área alguns poucos fragmentos, como materiais construtivos, telhas e tijolos de adobes (Figura 36 e 37), bloco de micaxisto (Figura 38).

**Figura 36** - Fragmento de material construtivo (telha) no terreno de Cornélio José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 37** - Fragmento de material construtivo (telha) no terreno de Cornélio José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

Os blocos de pedras encontrados nas áreas da casa se localizam na porção mais elevada do terreno, e dispostos onde estaria, segundo as narrativas localizado a casa de farinha, importante espaço doméstico de Cornélio e seu núcleo familiar, na qual esses blocos de micaxisto, segundo o sr. Agnelo, eram utilizados na fabricação do forno da casa de farinha (Figura 38).

**Figura 38** - Bloco de micaxisto encontrado no terreno onde corresponderia a casa de Cornélio José



Fonte: Acervo do autor (2023).

A vegetação que atua em concomitante com as ações antrópicas reverberam nas mudanças no solo, sejam nas suas inserções e incorporações a esse espaço antes tido como doméstico, hoje na atualidade segue sendo ocupado, mas com limitações que não abrangem a totalidade da área original de ocupação. As espécies vegetais da caatinga que fazem parte desse grupo são, o marmeleiro, espécies rasteiras, como a malva, umbuzeiros. Ressaltando que o terreno passou por revolvimento do solo e supressão da vegetação nativa.

## 5.6 Narrativas Memoriais

Filho do casal Serapião e Ana Rosalina, Cornélio José de Negreiros, estabeleceu residência, segundo as narrativas em partes mais afastadas e distantes do seus pais e irmãos, mesmo que ainda no território da comunidade Lagoa de Fora. Segundo Agnelo Alves de Negreiros, a trajetória de residência e fixação do senhor Cornélio e sua família nessa região se consolidou em processo rápido, pelo qual na atualidade o local onde localiza-as os vestígios da sua ocupação é disposto no “bairro” Baixa.

A gestão do espaço e as dinâmicas de manuseio com a terra, animais e seus recursos, segundo Agnelo se desenvolveu em intensos usos desses artifícies, porém em datas não precisas pelos interlocutores, o senhor Cornélio juntamente com sua família migrou para outras regiões, como a serra e posteriormente o Distrito Federal (Brasília), da qual, as narrativas indicam sua morte já nesse último contexto.

Segundo as narrativas, o sr. Cornélio, em parcerias ou acordos, vende sob a utilização da moeda da época, sua casa e seus “serviços” para o seu sobrinho, o senhor Tomaz José de Negreiros, que por longos anos residiu em sua casa, e suas adjacências, como o manuseio da casa de farinha.

Indagados sobre o processo de desmancha da mandioca, o senhor Agnelo, descreve que o antigo morador (residente), assim como o seu pai (Tomaz), lidaram e manusearam as práticas da extração da mandioca e seus processos transformativos.

Após certo tempo, aproximadamente 57/58 anos atrás, Tomaz constrói uma nova residência nas proximidades da antiga casa, com aproveitamento de matérias primas dessa casa, como telhas, linhas, portas, janelas e madeiras. Agnelo, narra que mesmo depois do abandono por quase completo da antiga unidade doméstica, Tomaz e seus filhos utilizavam a casa de farinha para manuseio com a mandioca, o reaproveitamento dos espaços.

Com relação as configurações espaciais, Agnelo salienta as poucas lembranças que detém sobre esse contexto, mesmo tendo sido nascido na mesma, e permanecido por alguns anos. Sobre o tamanho da casa, destaca que a mesma “meia grandona”, para qual sua planta arquitetônica era erguida em taipa de mão com enchimento, que ao longo dos anos à medida que seu desgaste ia acometendo, se renova assim então essa residência, e com piso em barro batido.

Sobre as atividades desenvolvidas por esse núcleo familiar, as narrativas indicam a existência de uma casa de farinha em tamanho padrão para a época, possuindo forno de barro batido, e demais aparatos para manuseio e extração da mandioca, cuja plantação se dava pelas redondezas e adjacências da casa, assim, segundo o sr.

Agnelo [...] tinha a casa de farinha, era grande, tinha aquela parede, com muito lajedo de pedra (Informação verbal).

### **5.7 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Marcelino José de Negreiros**

Marcelino José de Negreiros, casou-se e estabeleceu residência na comunidade Lagoa de Fora, escolheu como localização o lugar (bairro) que hoje corresponde a Lagoa do Meio. O terreno na atualidade não possui delimitações como cercas ou qualquer outro dispositivo de bloqueio de pessoas ou animais.

Através de caminhamento na área que segundo as narrativas se consolidou como sua residência, foi possível identificar elementos que competiam elementos arquitetônicos da sua habitação, como uma concentração de telhas (fragmentadas ou intactas) localizadas na porção central do terreno (Figura 39 e 40).

**Figura 39** - Concentração de telhas (inteiros e fragmentados) no terreno de Marcelino José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 40** - Concentração de telhas fragmentadas no terreno de Marcelino José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2022).

Na área do terreno se observou a presença de materialidades como os tijolos de adobes (Figura 41), lajes de pedras em micaxisto (Figura 42) que poderiam indicar aspectos que faziam parte das dinâmicas de composição de espaços domésticos como a casa de farinha e a própria residência.

A distribuição desses materiais predominou em áreas que segundo as narrativas serviu de local para instalação da casa. A distribuição de materiais, cerâmico foi evidenciado para além da área casa, mas também em outro importante espaço doméstico, a casa de farinha. A distância entre a leve e acentuada área de relevo da casa de farinha, e a grande concentração de material de olaria se estabeleceu em 14 metros, levando em consideração essa associação com as narrativas locais.

**Figura 41** - Concentração de tijolos de adobes no terreno de Marcelino José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 42** - Concentração de blocos em micaxisto (lajes de pedra) no terreno de Marcelino José de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2022).

### 5.8 Narrativas Memoriais

Presente nas dinâmicas ocupacionais da comunidade, Marcelino José de Negreiros, estabeleceu residência próximo a localização dos seus pais, Serapião e Ana Rosalina, casado com Bernaldina Gomes de Negreiros, criou seus filhos e filhas, em um espaço doméstico, que segundo o senhor Berílio de Negreiros Paes e Maria Amélia de Negreiros Paes<sup>73</sup>, ele possuía dimensões físicas que se dividiam em espaços sociáveis, como a casa de farinha, curral, salas, e quartos, esses ambientes mais reservados.

Sobre os compartimentos, ou seja, as subdivisões da casa, ambos os colaboradores salientam a existência de um modelo arquitetônico, aqui entendido, como padrão na comunidade, assim a planta básica desse espaço se estruturou, segundo as narrativas, em duas salas de médio tamanho, dois quartos, uma cozinha, essas conectada a parte final da planta da casa.

Outros espaços são descritos, e com presença na área, como a dispensa, local esse dentro da feição da casa, que serviria como alternativa para armazenamento de alimentos, utensílios domésticos, ferramentas de uso rotineiro. Segundo com os espaços sociáveis e estruturais da casa, Berílio e Maria Amélia, descrevem que, assim com as demais casas dos seus irmãos e pais, Marcelino possuía em seu terreno uma casa de farinha. Local, apresentado pelos interlocutores como sendo de movimentadas e intensas ações e dinâmicas familiares.

Nas narrativas, essa distância entre casa de farinha e casa (espaço doméstico) era separado por uma área aberta, aqui descritas pelos colaboradores, como sendo

<sup>73</sup> Entrevista cedida por Berílio de Negreiros Paes e Maria Amélia de Negreiros Paes, em 13 de outubro de 2022 e 26 de junho de 2023.

denominada de terreiro, suas materialidades eram compostas por dispositivos e ferramentas que auxiliavam no processamento da mandioca, com presença de alguidares, cochas, cuias, espátulas em madeira, rodos em madeira para manuseio com farinha no forno.

Esse último elemento, é apresentado como sendo erguido em barro, com superfície em blocos de pedras e coberto por barro. Suas dimensões ocupavam consideráveis porções da área desse respectivo espaço, possuindo ainda duas ou três orifícios para inserção da madeira para combustão.

Em afinco com as descrições, ambos apresentam os detalhes configurativos desse espaço doméstico, colocando-o como uma localização nos fundos da casa, ou seja, no quintal da residência. Ambas as estruturas, sejam elas a própria residência, e a casa de farinha, foram erguidas na técnica de taipa de mão, sendo essa configurada pela colocação de barro na sustentação e elevação dela, e com a utilização de madeiras, que segundo Berílio, a mais utilizadas para produção do telhado era o angico, devido a sua resistência. O piso da casa é descrito como em terra/barro batido, e as dimensões verticais e horizontais dessa habitação era considerada como sendo de porte mediano.

## **5.9 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Petronília Virgem da Conceição**

A porção onde na atualidade encontra-se as ruínas e materialidades da habitação de Petronília Virgem da Conceição e de Avelino de Negreiros Sobrinho é de intensas modificações naturais e antrópicas, visto que a área não possuía cercas e barreiras de delimitação, sendo de livre acesso (Figura 43). Os filhos do casal, Inez Maria de Negreiros (68 anos)<sup>74</sup> e João de Negreiros Sobrinho (76 anos)<sup>75</sup>, descrevem o referido local com riquezas de detalhes e pontos significativos que auxiliam na compreensão dos padrões de ocupação da comunidade, esses percebidos em certos aspectos da materialidade presente no local.

---

<sup>74</sup> Entrevista cedida por Inez Maria de Negreiros, em 09 de maio de 2023.

<sup>75</sup> Entrevista cedida por João de Negreiros Sobrinho, em 09 de maio de 2023.

**Figura 43** - Área que correspondeu a casa de Petronília Virgem da conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

Correspondente ao local casa, com medições foi possível estabelecer uma estimativa de dimensões desse espaço físico, consolidando-se em 10 metros (norte/sul x e 14 metros (leste/oeste). Área que possui leves e acentuados relevos, tomados em relação as outras porções do terreno.

As áreas descritas pelos colaboradores como pertencente a casa de farinha seriam os locais para qual dispunha de materiais como tijolos de adobes, como pode-se perceber na configuração da estrutura do forno de lenha empregado no processamento da farinha de mandioca. Esse espaço doméstico é possível na atualidade percebê-lo, e com apoio das narrativas inserir na paisagem do terreno. A elevação da área em que designaria em partes essa estrutura, corresponde assim a aproximadamente 5 metros (norte/sul x 5 metros (leste/oeste) (Figura 44 e 45).

**Figura 44** – Restos estruturais em barro na área da casa de farinha de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 45** - Materiais construtivos presentes na área da casa de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

As telhas – materiais construtivos foram evidenciados em fragmentadas formas, dispostas em áreas do terreno, sendo descritas como parte de estruturas correspondente a casa, compondo assim o telhado tanto da mesma, bem como da casa de farinha. Sua produção corresponde a uma produção regional. As intensas modificações no solo e as dinâmicas espaciais de distribuição das áreas, fazem com que certos aspectos da materialidade sejam intensamente transformados e comprometidos. As movimentações dessas tipologias são promovidas por agentes e ações antrópicas, como os animais e agentes naturais, como o escoamento de água proveniente das chuvas (Figura 46).

**Figura 46** - Concentração de fragmentos de telhas no terreno de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

Na área do terreno que correspondeu a ocupação de Petronília é possível observar a presença de diversas tipologias de materiais presentes na região da unidade doméstica do casal, como os fragmentos cerâmicos de cerâmica utilitária de produção artesanal e local (Figura 47 e 48), além dos fragmentos de louça (Figura 49).

**Figura 47** - Fragmento de cerâmica utilitária evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 48** - Fragmento de cerâmica utilitária evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 49** - Fragmentos de louças evidenciadas na área da casa de Petronília Virgem da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

Os materiais ferrosos evidenciados no terreno corroboram com as narrativas, onde as mesmas colocam o senhor Avelino como produtor e manuseador de ferramentas em ferro, empregadas nos seus trabalhos com a materialidade (Figura 50).

**Figura 50 - Material ferroso evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição**



Fonte: Acervo do autor (2022).

Alguns elementos materiais em vidro foram identificados mediante prospecções arqueológicas, esses materiais correspondem a materialidades, como os frascos de vidro (Figura 51), entre outras designações de mesma tipologia.

**Figura 51 - Material vítreo evidenciado na área da casa de Petronília Virgem da Conceição**



Fonte: Acervo do autor (2022).

O senhor João de Negreiros, ao detalhar sobre os ofícios do seu pai, narra a existência de uma oficina de ferreiro, onde se constituía o local para qual Avelino de Negreiros manipulava suas atribuições, sejam elas as de ferreiro, carpinteiro, flandreiro, mecânico. Esse local localizava-se na lateral esquerda da casa.

## 5.10 Narrativas Memoriais

Petronília Virgem da Conceição, filha de Serapião e Ana Rosalina, estabeleceu residência na região da Comunidade Lagoa de Fora, bem próximo da localização de seus pais, casando-se com Avelino de Negreiros Sobrinho, na qual desenvolveram dinâmicas sociais, familiares e econômicas nessa região (Figura 52).

Segundo Inez Maria de Negreiros, filha do casal, a senhora Ana Rosalina, sua avó, após a morte do seu esposo Serapião, passou a residir na casa da seus pais até seu falecimento em 1960. Com a pouca idade e convívio, Inez Maria, conta os poucos detalhes de sua avó, e narra aspectos arquitetônicos, estruturais e memoriais da sua infância e adolescência na casa, até seus dezessete anos de idade, momento em que envolvida pelo enlace matrimonial passa a residir na casa do seu esposo, Antônio de Negreiros Paes.

**Figura 52 - Petronília Virgem da Conceição e Avelino de Negreiros Sobrinho**



Fonte: Manoel Luiz de Negreiros Sobrinho e Maria Delza de Negreiros [20—].

Indagados sobre o modo de produção e manuseio das técnicas construtivas empregadas na construção da casa, a senhora Inez Maria e seu esposo Antônio de Negreiros Paes (74 anos), salientam que toda sua estrutura foi erguida em taipa de mão, possuindo um “reboco”, que segundo o senhor Antônio, era um elemento que por muitas vezes confundia quem de longe olhasse, levando a considerar como sendo erguida em tijolos.

As matérias primas para elaboração da unidade doméstica, são expressas pelo casal, como sendo todas de produção local, seja na confecção das linhas e caibros para o telhado, seja as telhas artesanais produzidas na região, e o próprio barro para o “inchimento” da taipa de mão e as varetas para fixação do barro, todos elementos locais. Sobre a madeira empregada no telhado, o senhor Antônio, destaca como aproveitamento e consequentemente o uso de matérias primas advindas de árvores da região, como o angico e aroeira, e a utilização de “varas brancas” descritas como sendo em formato arredondado. Sobre as telhas, elas são atribuídas a formas de obtenção fora do contexto e de produção local.

O Senhor João de Negreiros Sobrinho, filho do casal, conta que sua permanência na casa dos seus pais se deu até mais ou menos dos vinte aos vinte e dois anos de idade, período em que viveu as dinâmicas de transformações estruturais da casa, narrando que por volta dos seus quatorze/quinze anos de idade, seu pai (Avelino), modificou unicamente a parte frontal da casa, saindo assim do modo taipa de mão para tijolos.

Em eco com as informações da sua irmã (Inez Maria), o senhor João, detalha aspectos do “reboco” que possuía a casa, segundo ele, essa técnica não se encaixava muito no que se designaria por um reboco tradicional, visto que, segundo ele esse reboco:

[...] não era apareiado, como se dizia, mas ele [...] [Avelino] passava a mão no barro, depois a colher, ficava uma paredinha bonitinha, mas não era rebo-cada (Inez Maria, 2023, Informação verbal)<sup>76</sup>.

Sobre a distribuição dos cômodos, a senhora Inez e o senhor João, revelam ser uma residência que comportava algumas divisões de cômodos:

[...] eu sei que ela [...] [a casa] tinha na frente uma sala meia grande [...] aí depois da sala tinha um corredorinho ou bequinho, aí tinha o quarto grande, que era o quarto dos velhos, mais na frente tinha outro... uma dispensa, que era de guardar as coisas... feijão. E quarto... tinha mais outro do outro lado do corredor, que era o que papai fazia o paiol de farinha (João Sobrinho, 2023, Informação verbal).

A segunda sala, localizada na parte medial da planta da casa, é descrita como um local, que segundo a Inez Maria, foi um espaço que passou por uma reforma, onde seu pai, a dividiu em duas partes, sendo utilizada para um novo quarto, verbalizada como sendo do seu irmão João e sua cunhada, a senhora Helena, após o enlace matrimonial do casal.

Presente nas narrativas, o “paiol”, descrito como um local para armazenamento da farinha, fazia parte da configuração do espaço doméstico, é apresentado para esse contexto como sendo um espaço dentro da estrutura da casa, erguida em varas de madeira com a presença de uma esteira trançada de fibras no chão, servindo de suporte para depósito da farinha, sendo um espaço reservado único e exclusivo para tal destinação.

Em certo momento, e sem precisão exata do período, o senhor Avelino, aqui descrito como um profissional que sempre se reinventava nas suas atribuições como marceneiro, ferreiro, pedreiro, flandeiro, modificou sua residência, construindo para

---

<sup>76</sup> Entrevista cedida por João de Negreiros Sobrinho, em 09 de maio de 2023.

isso uma oficina ao lado da casa para trabalhar com seus ofícios, descrito por João, como “um profissional que aprendia sem ninguém ensinar” (Informação verbal)<sup>77</sup>.

A cozinha, cômodo de importante dinâmica social da casa, é descrita como um local de pequenas dimensões, na qual existia um fogão a lenha de altura razoável com “chapa”, segundo as narrativas, esse modelo de fogão passou por uma reforma, adotando-se assim uma espécie de “trempe”, descrita como uma superfície em ferro com suporte oval para acondicionamento das panelas.

Sobre a configuração do espaço/unidade doméstica, as narrativas colocam a existência de outro espaço físico presente nas dinâmicas sociais e econômicas da residência, se tratando assim da casa de farinha, para qual é descrito como sendo ao lado da casa, possuindo estrutura toda em taipa de mão e com cobertura em telhas cobrindo boa parte da extensão da área, sendo a do forno e local para “rapar a mandioca”. O forno é apresentado como sendo de boa qualidade, para qual o senhor Ave-lino, sempre destinava importantes reparos, como a validação do piso, como a utilização de barro coletado pela região da lagoa.

A prensa é descrita por os colaboradores como sendo algo particular de modo, que existia diferentemente do convencional um “braço de madeira com parafuso”, que facilitava a locomoção e extração dos derivados da mandioca.

Indagados sobre o processo de queima e coleta da madeira para uso no forno, os colaboradores salientam as dificuldades empregadas nessa tarefa, para qual devido a espessura do forno em barro, o tempo de aquecimento necessário do forno era de tamanho grandeza, disparando assim de muitos recursos de madeira. Relatam que as “cargas” de lenha, para essa tarefa eram inúmeras e incontáveis, e que tinham que diariamente por todo o período de extração da mandioca, exercer antes do clarear do dia a coleta desse importante recurso para a família e a comunidade no geral.

Segundo João de Negreiros Sobrinho, o contexto rural da época, a escassez de água, e os poucos recursos foram desafios e lutas que sua família vivenciou, produto do tempo, na qual relata ainda as facilidades dos tempos atuais, e o acesso com mais rapidez as políticas públicas vigente, sobretudo na comunidade.

Questionados sobre o contexto agricultável, percebemos uma diversidade no manejo com o solo – as rocas e roçados, como por exemplo no cultivo das culturas do feijão, milho, das abundantes safras da mandioca, das roças de caju, alguns pés

---

<sup>77</sup> Entrevista cedida por João de Negreiros Sobrinho, em 09 de maio de 2023.

de manga, ata, banana, destacando ainda o empobrecimento do solo para o cultivo do milho, esclarecendo ser essa cultura complicada de ser manejada, por demandar um solo rico em nutrientes e com abundantes chuvas.

Comum do contexto rural, existiam, segundo as narrativas a lida com animais como o gado, galinhas, o bode, produzindo sustento da família, seja na alimentação, seja nas trocas e comércio para com eles.

### **5.11 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica João Gualberto de Negreiros**

Sobre a configuração atual da casa, as irmãs, “as marias”<sup>78</sup> (Maria Delza de Negreiros, 64 anos e Maria Amélia de Negreiros Paes, 71 anos)<sup>79</sup> narram como a casa na atualidade se configura. Do ponto de vista arquitetônico, a mesma, segundo as narrativas das interlocutoras a casa é composta por quatro quartos, dois na parte esquerda da planta, e outros dois na parte direita, antecedido por uma sala, para qual ambas as porções são envoltas por um corredor amplo, que acompanha o traçado da respectiva.

A cozinha, espaço doméstico, localiza-se na porção final do corredor (Figura 53 e 54). As extensões da casa estabeleceram-se em (parte frontal em aproximadamente 10 metros) e as laterais (aproximadamente 15 metros).

**Figura 53 - Corredor central interligando cômodos na casa de João Gualberto de Negreiros**



Fonte: Acervo do autor (2023).

<sup>78</sup> Termo utilizado e apresentado com leves sorrisos pelas interlocutoras, em alusão a família ser composta em sua maioria por mulheres, sendo quase todas com nomes prosseguídos e antecedidos por “Marias”, exemplo: Maria Amélia, Maria Delza, Maria Zenaide etc.

<sup>79</sup> Entrevista cedida por Maria Delza de Negreiros e Maria Amélia de Negreiros Paes, em 08 de maio de 2023.

**Figura 54** - Quarto na casa de João Gualberto de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

A unidade doméstica, muito fruto e produto do seu tempo, possui aspectos característico da sua época e contexto, como por exemplo as paredes na sua configuração não alcançam o traçado final (que interliga paredes e telhado), as casas (espaços domésticos), assim como a casa de João Gualberto possui altura mediana, e sua espaceialidade vertical percorre assimetrias que vão da mais alta verticalidade a porções mais rebaixadas, como é o caso da cozinha, que localiza-se nas extremidades dessa habitação (Figuras 55 e 56).

**Figura 55** - Configuração arquitetônica da casa de João Gualberto de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

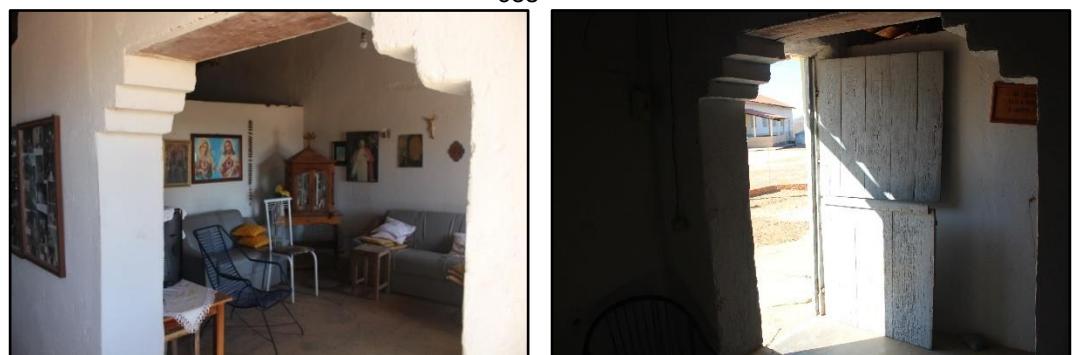
**Figura 56** - Espaço doméstico – cozinha – na casa de João Gualberto de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

De paredes espessas, fruto de camadas e duplicitade de tijolos, possui reboco em todas as dimensões internas e algumas partes externas. As narrativas ainda a respeito desse ideal de preservação indicam reformas mais recentes, como a substituição das varas do telhado (ainda dos tempos iniciais de ocupação) por ripas de madeira, mantendo as telhas originais (Figura 57 e 58).

**Figura 57** - Vista para a sala e exterior da casa de João Gualberto evidenciando aspectos arquitetônicos



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 58** - Detalhes arquitetônicos da lateral esquerda (a frente do jardim) da casa de João Gualberto



Fonte: Acervo do autor (2023).

Do ponto de vista da conservação, a unidade doméstica é bem conservada, zelada e cuidada pelas filhas do casal (João Gualberto de Negreiros e Joana Maria de Negreiros) – as marias. Maria Delza de Negreiros (64 anos) e Maria Amélia de Negreiros Paes (71 anos), indagadas e movidas pelas suas lembranças foram questionadas pelos motivos e motivações que levaram/levam constantemente as mesmas a manterem e preservarem a estrutura da casa (a única habitação dos filhos de Serafíao erguida na atualidade).

As narrativas a respeito desse ideal de preservação indicam reformas mais recentes, como a substituição das varas (ainda dos tempos iniciais de ocupação) por ripas de madeira, mantendo as telhas originais (Figura 59 e 60):

[...] ela [...] [a casa] estava muito destorada, a uns dois anos atrás, tinha muito goteira, os caibros já estavam muito estragados, o cupim já tinha comido as varas [...] muitas partes não era ripa, era vara... as varinhas, ainda do tempo que tinha construído [...] aí a gente trocou os caibros, as ripas, todas [...] a telha é a mesma, a gente fez questão de deixar a mesma.... ai com isso ainda vai durar uns cinquenta anos (Maria Delza, 2023, Informação verbal).

**Figura 59** - Detalhe arquitetônico contemplando o encurtamento das paredes e o telhado



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 60** - Detalhe arquitetônico evidenciando partes do telhado sob madeiras



Fonte: Acervo do autor (2023).

Apresentam com tudo isso, e com entusiasmos as suas lembranças e memórias, Mária Amélia, discorre seu desejo de manter “viva” a casa até quando suas forças

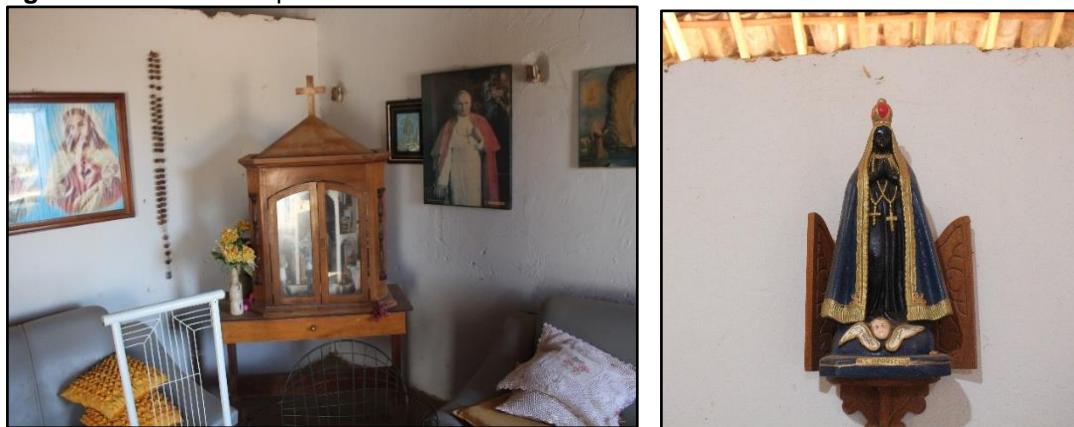
a conduzirem para os cuidados com a casa, relatando, que seu desejo era permanecer com mais presença na casa e nos cuidados. Em eco a essas afirmações, a senhora Maria Delza, salienta que isso (a preservação), é “nossa desejo”, conservando a estrutura como se encontra.

Maria Delza, lamenta a perda de estruturas físicas de outras unidades domésticas de seus núcleos familiares espalhadas pela região, a respeito disso salienta que:

[...] a gente vai conservar ela do jeito que ela está... e para a gente não ver acabar, por que é muito triste a gente saber que tinha a casa de um fulano ali, tinha a casa de cicrano ali... tinha... é muito triste... perguntar assim: onde era a casa do vovô ou do bisavô? a gente não sabe, assim de muita gente, o local era ali (Maria Delza, 2023, Informação verbal).

Maria Delza e Maria Amélia descrevem com o zelo que (elas) e suas irmãs depositam cuidados com a casa de seus pais, afirmindo que ela se encontra do jeito que sua mãe (Joana Maria de Negreiros) deixou quando partiu (faleceu), preservando seus santos e oratórios, onde “[...] aqui na sala tem santo, dentro do quarto dela tem santo, porque ela gostava muito de santo” (Maria Delza, 2023, Informação verbal) (Figura 61).

**Figura 61** - Oratório e quadros de santos na sala da casa de João Gualberto e Joana Maria



Fonte: Acervo do autor (2023).

Em contribuição e continuação das narrativas, Maria Amélia, argumenta que sim, é necessário preservar as lembranças, é “[...] preciso conservar ela [...] [a casa] sempre” (Informação verbal)<sup>80</sup>. Como parte dessas práticas de preservação que envolvem lembranças, memórias e afetos, as entrevistadas/colaboradoras, ainda mencionam a existência de rezas católicas (como o terço) a cada dia 20 de cada mês, data de falecimento da senhora Joana Maria de Negreiros, prática que essa que esse ano (2023) completa três anos. Sobre os laços memorias, as filhas de “Nanzinha”, as

<sup>80</sup> Entrevista cedida por Maria Amélia de Negreiros Paes, em 08 de maio de 2023.

marias, expressam seu carinho por sua mãe nos gestos, nos afetos e afeições, são pelos laços, pelos bordados e retalhos que são movidas as relações de parentesco e afetos.

No decorrer das falas das colaboradoras percebemos como os afetos familiares são construídos nesse núcleo familiar, em uma das histórias as interlocutoras narram a história das marias que bordam crochê, assim as filhas de dona “Nazinha” antes do seu falecimento teceram uma manta, onde cada retalho (em branco) foi bordado por uma filha, com seu respectivo nome, unidos pela técnica do crochê (em amarelo) (Figura 62).

A motivação segundo Maria Amélia e Maria Delza seria a de sua mãe, já com problemas de memória e saúde nunca esquece do amor e da presença das filhas em sua vida, e que sempre que olhasse para esse tecido enxergaria neles os nomes das filhas. Após o seu falecimento<sup>81</sup> a manta fica disposta em cima da cama de “Nazinha”.

**Figura 62 - Tecendo afetos e bordando laços: A manta de dona Nanzinha**



Fonte: Acervo do autor (2023).

Maria Delza, narra seu carinho pelas memórias que são transmitidas e presente no espaço físico da casa, como por exemplo a existência e manutenção de um pequeno jardim, cuidado e regado por água, zelo e afeto (Figura 63).

---

<sup>81</sup> Maria Joana de Negreiros faleceu em 20 de outubro de 2020.

**Figura 63 - Parte do jardim cultivado pelas “marias” no quintal da casa de João Gualberto**



Fonte: Acervo do autor (2023).

Maria Delza ressalta ainda a importância da casa dos seus pais para a sua história, e não somente a sua, mas a compressão desse espaço físico como um local de memórias que ajudam e servem de contribuição para lembranças e recordações dos seus familiares, salientando essa importância da materialidade nas construções dessas memórias, Maria Delza, argumenta a respeito da casa de seus pais, onde:

[...] daqui a pouco o tempo vai passando, e a gente vai esquecendo, se gente não ver [...] tem que ter alguma coisa material para a gente poder ver, para a gente lembrar mais forte" (Maria Delza, 2023, Informação verbal)<sup>82</sup>.

A colaboradora ressalta em suas narrativas, que seus netos, sempre que podem visitam a casa dos seus bisavôs, e enxergam nas materialidades presente na casa aspectos da existência deles (João Gualberto e Joana Maria) (Figura 64).

**Figura 64 - Bisnetos de João Gualberto e Joana Maria brincando no quintal/jardim da casa**



Fonte: Edson de Oliveira (2022).

<sup>82</sup> Entrevista concebida em 8 de maio de 2023.

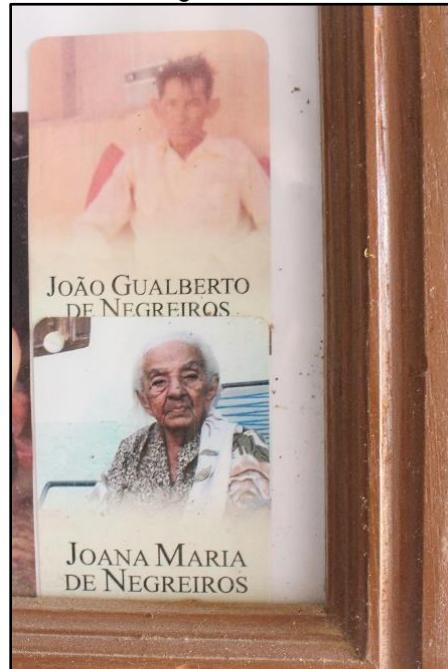
Percebe-se a configuração espacial apresentada pelas colaboradoras, que em suma corroboram para compreensão das arquiteturas vigentes dos contextos iniciais de povoamento da comunidade. Assim como as entrevistadas salientam a respeito dessa unidade doméstica, que ao longo da sua existência fez e permaneceu com reduto de uma família piauiense, que movidos pelas dinâmicas de manuseio do solo, da terra e dos benefícios que dela eram produzidos e fonte de sustento desse núcleo familiar.

### 5.12 Narrativas Memoriais

João Gualberto de Negreiros, um dos filhos de Serapião e Ana Rosalina, teve sua conformação residencial no território de Lagoa de Fora, criando sua família e no convívio de sua esposa, a senhora Joana Maria de Negreiros, carinhosamente conhecida por dona/tia “Nanzinha” (Figura 65). Sua unidade doméstica (casa), é descrita por duas de suas filhas, a senhora Maria Amélia de Negreiros Paes (71 anos) e Maria Delza de Negreiros (64 anos), como um espaço/lugar que ao longo dos anos e com as dinâmicas familiares resultou em transformações do que foi o desenho original e inicial de assentamento nessa área. Maria Delza argumenta a respeito desse espaço doméstico, onde:

“[...] a casa era diferente [...] [de como se encontra na atualidade] a mamãe contava que era somente um quarto e só uma areazinha aberta... e depois foi crescendo, aumentando, conforme as condições (Maria Delza, 2023, Informação verbal).

**Figura 65 - João Gualberto de Negreiros e Joana Maria de Negreiros**



Acervo imagético da casa de “Nanzinha” e João Gualberto [20--].

Maria Amélia e Maria Delza, salientam aspectos arquitetônicos submetidos a casa, que segundo elas, essas transformações dependiam das condições de cunho financeira, sendo elas o direcionamento dessas modificações.

Segundo as narrativas apresentadas, em sua consolidação inicial a sua forma era em taipa de mão, com enchimento, e com a presença de um reboco em modo artesanal, para qual o barro, apresentado como matéria prima, tanto para a fabricação dos tijolos de adobes, quanto para o reboco eram obtidas nas proximidades da área da casa, “feitos aqui mesmo [...] no muro” (Informação verbal)<sup>83</sup>. Sobre a casa, Maria Delza salienta que:

[...] essas paredonas eram tudo de taipa, as forquilhona, os pauzões... mais era tudo rebocadinho... tudo direitinho (Maria Delza, 2023, Informação Verbal).

Em certo momento, Maria Delza, salienta que a passagem do modo construtivo em taipa de mão para os tijolos de adobes, se deu incumbido desses processos econômicos, e que seguiam a mesma lógica de obtenção de matéria prima que era submetidas para a taipa, sendo descrita com área adjacentes à casa (Figura 66 e 67).

<sup>83</sup> Entrevista concebida em 8 de maio de 2023.

**Figura 66** - Detalhe arquitetônico na lateral esquerda evidência a técnica da sobreposição de tijolos



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 67** - Detalhe arquitetônico em tijolos na janela da lateral esquerda da casa



Fonte: Acervo do autor (2023).

Outra transformação sofrida na planta arquitetônica da casa, foi o rearranjo e mudanças ocorridas no primeiro quarto ao longo dos anos de ocupação desse espaço, descrito que essa configuração se deu a partir da abertura de uma porta através da janela frontal da casa, e após anos dessa mudança, novamente se reestruturou a mesma, passando assim voltar a seu traçado original – a janela. Isso revela como as transformações nesse espaço foram sendo adotadas conforme as dinâmicas do que ali habitavam (Figura 68 e 69).

**Figura 68** - Vista externa da casa contemplando a janela (do quarto) com intensas modificações arquitetônicas



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 69** - Vista interna do quarto evidenciando as intensas modificações arquitetônicas ao longo dos anos



Fonte: Acervo do autor (2023).

Sobre a fachada da casa, as colaboradoras da pesquisa, apontam para essa única mudança estrutural na parte frontal, mantendo as portas e janelas originais. Nas narrativas de Maria Amélia e Maria Delza, a família de João Gualberto e Joana Maria entraram em acordo para fazer a delimitação da área frontal da casa, como erguimento de um muro (Figura 70 e 71).

Indagadas ainda sobre a conformação da casa, em específico, onde estaria localizado o sanitário (banheiro), as colaboradoras apresentam esse espaço como não presente nas dinâmicas físicas da casa, localizando nas porções finais do quintal, descrevendo assim em uma estrutura que se tratava de um espaço de piso em lajedos de pedra, e envoltos por cercas de madeira enfileiradas.

**Figura 70** - Vista frontal da casa de João Gualberto de Negreiros

Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 71** - Detalhes das portas e janelas frontais da casa de João Gualberto de Negreiros

Fonte: Acervo do autor (2023).

Sobre a configuração dos espaços, apresentam a existência de uma dispensa, local esse destinado a reserva de utensílios domésticos, armazenamento de alimentos e demais funções pertinentes a dinâmica de uso dos espaços (Figura 72).

**Figura 72** - Vista frontal da entrada para a antiga dispensa - hoje - quarto interligado pela cozinha

Fonte: Acervo do autor (2023).

Interligado a casa, existia ainda, como apontam as narrativas, a presença da casa de farinha, local apresentado como um espaço/lugar em grandes proporções, colada na casa, que assim como a casa era coberto de telhas, sustentadas por madeiras de cortes artesanais e produzidos pelos mesmos e advindos de trocas e comércios, mais que em algumas porções desse espaço era coberto como pelas “latadas”<sup>84</sup>, segundo Maria Delza e Maria Amélia, essa casa de farinha:

[...] era grande, com uma parte coberta de telha e outra parte coberta de latada [...] ela pegava a casa, o forno fica só coberto pra casa, mais tinha o forno feito de pedra, rebocadinho [...] a cocha de aparar massa era... foi feita de cimento, até hoje está (Maria Delza e Maria Amélia, 2023, Informação verbal).

O forno, importante instrumento de para tratar e aproveitar a farinha era produzido em pedra, e com a presença de reboco em barro. Esse elemento presente na estrutura arquitetônica da casa de farinha é descrito pelas colaboradoras por possuir uma distância bem curta entre a mesma e a parede da lateral esquerda da casa, assim aponta-se que “[...] ficava só um beco assim pra casa” (Informação verbal), com a presença de uma “cocha de aparar massa”<sup>85</sup> para armazenar massas do processamento, era confeccionado em cimento.

Pelas intensas transformações com o contexto produtivo da farinhada e outros derivados da mandioca, narram as interlocutoras que faltava espaços para o armazenamento dessas matérias primas, assim estabelecia a construção e utilização de um espaço doméstico, chamado de paiol, de pequenas dimensões, uma “êra”<sup>86</sup> ou “êrazinha”, descrito como um local, que era:

[...] O papai fazia muita farinha, não tinha vasilha que coubesse, era no quarto [...] que agora a gente coloca o fogão, mas era de colocar a farinha, um quarto pequeno... uma ‘êra’, uma ‘êrazinha’... era um quarto pequeno, mas era bem rebocadinho que ele colocava a farinha [...] que era de porta partida [...] e ia jogando a farinha, jogando a farinha, até que enchia [...] um quartinho só pra isso, ninguém pisava dentro [...] jogava por cima da parede (Maria Delza e Maria Amélia, 2023, Informação verbal).

As colaboradoras da pesquisa apresentam esse espaço com essa única função, da qual membro algum da casa entrava, e “ninguém pisava dentro”. Esse espaço tido em épocas como sendo de armazenamento de farinha, na atualidade e poucos

<sup>84</sup> Cobertura similar a produzida em taipa e tijolos, possuindo cobertura em telhas, no caso da “latada”, sua estrutura é produzida em estacas de madeira, cuja cobertura pode ser de variadas maneiras, com a utilização, por exemplo de telhas, palmeiras, papelões, plástico, lonas, árvores trepadeiras etc.

<sup>85</sup> Depósito utilizado para armazenamento de líquidos e massas, a matéria prima empregada na sua produção geralmente era em madeira ou em outros casa de cimento, possuindo formato retangular.

<sup>86</sup> Termo utilizado e apresentado pelas entrevistadas/colaboradoras, e aqui entendido como sinônimo de lugar/espaço pequeno, de poucas e curtas dimensões.

depois do abandono das práticas das farinhadas, passou a ter outra destinação, como a colocação de um fogão, e se transformar em uma cozinha (Figura 73 e 74).

**Figura 73 -** Vista para o antigo paio – na atualidade um espaço (cozinha)



Fonte: Acervo do autor (2023).

**Figura 74 -** Vista interna para o antigo paio da casa de João Gualberto de Negreiros



Fonte: Acervo do autor (2023).

O sustento da casa perpassava pelas dinâmicas de extração dos derivados da mandioca (farinha, tapioca), a senhora Delza apresenta essa matéria prima como parte do “**sustento das marias**”, além da criação de porcos, galinhas (utilizadas para consumo interno), as plantações de bananas, feijão, milho. São essas as formas que segundo as colaboradoras da pesquisa salientam nas suas interlocuções.

### 5.13 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Joana Batista da Conceição

O local onde as narrativas apontam como sendo a casa de Joana Batista da Conceição e sua família, assim com as outras unidades domésticas, são espaços movidas por dinâmicas de novas ocupação e reaproveitamento do solo para diversas atividades rurais, no caso da área em questão trata-se de uma modificação tanto por agentes antrópicos quanto animais, como ovelhas, galinhas etc. (Figura 75).

**Figura 75** - Vista parcial da área da casa de Joana Batista da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

A área que corresponderia a casa de farinha é de perceptível visibilidade, com a presença de uma concentração de materiais construtivos, como telhas fragmentadas e restos estruturais do que possivelmente corresponderia as paredes e forno dessa unidade doméstica, assim a grande concentração desses materiais corrobora com e se alinha com as narrativas da colaboradora da pesquisa, a senhora Angélica Alves de Negreiros (54 anos)<sup>87</sup>. Sua área total seguindo a materialidade dispersa e a leve elevação topográfica do terreno se consolida em aproximadamente 8 metros (norte/sul) e 7,5 metros (leste/oeste) (Figura 76 e 77), e sua distância para a habitação (casa) se estabeleceu em cerca de 15 metros (Figura 78).

---

<sup>87</sup> Entrevista cedida por Angélica Alves de Negreiros, em 07 de maio de 2023.

**Figura 76** - Área da casa de farinha com a presença de materiais construtivos



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 77** – Fragmentos telhas na área que corresponderia a casa de farinha



Fonte: Acervo do autor (2022).

Na área que correspondente a esse espaço doméstico é possível observar seu traçado em tijolos de barro, onde Angélica Alves, salienta em suas narrativas que somente a primeira sala da casa foi reformada e passou-se então de taipa de mão para tijolos de barro (Figura 78 e 79). Após caminhamento prospectivo em toda a extensão do terreno foi possível perceber como se desenvolveu a distribuição dessa unidade doméstica, assim como outras áreas que faziam parte desse espaço, como a casa de farinha, e áreas de plantio. Estima-se que essa dimensão do traçado construído em tijolos de barro seja de cerca de pouco mais de 6 metros.

**Figura 78 - Traçado e delimitação em tijolos da área da casa de Joana Batista**



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 79 - Tijolos de barro da casa dispostos em técnica de sobreposição e duplicidade**



Fonte: Acervo do autor (2022).

Com relação as prospecções não interventivas realizadas na área que correspondeu a unidade doméstica de Joana Batista, foi possível perceber a presença de batedor “mão de pilão em seixo rolado de quartzo, onde a colaboradora Angélica Alves de Negreiros, ao acompanhar, descrever e apresentar as áreas e materiais da casa dos seus avós, ao depara-se com esse material, narra que sua avó (a senhora Joana) utilizava esse objeto para preparo (trituração) de alimentos, sementes, carnes etc. salientando ainda que a senhora Joana possui o hábito do processamento e Trituração de alimentos, descrito como um hábito comum da senhora.

**Figura 80** - Batedor “mão de pilão” em seixo rolado de quartzo utilizado para processar alguns alimentos



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 81** - Fragmentos de louças evidenciados na área que correspondia a casa de Joana Batista da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2022).

#### 5.14 Narrativas Memoriais

Joana Batista da Conceição, constituiu família na comunidade Lagoa de Fora, casada com o senhor Pedro Alves Pamplona, criaram seus filhos e filhas próximo ao núcleo familiar de Serapião e Ana Rosalina. A localização geográfica da unidade doméstica do casal se desenvolveu nas proximidades da lagoa que nomeia a comunidade, assim como das dinâmicas de sociabilidade e parentesco com seus pais. Segundo Angélica Alves de Negreiros (54 anos), neta do casal, a casa ou espaço/unidade doméstica desse, era em planta arquitetônica construída em sua maioria pela técnica de taipa de mão, com enchimento em barro batido, recolhido e amassado nas proximidades do local.

Sobre a configuração da casa, Angélica Alves salienta a existência de um único cômodo em tijolos de adobe, sendo esse a primeira sala, e por conseguinte os demais repartimentos era na técnica taipa de mão, coberta por telhas. Esse primeiro cômodo citado ainda possuía um reboco somente na sua parte interna, produzido a partir de

barro amassado, mas que restringia unicamente a ele mesmo. Angélica, narra com detalhes sua infância vivida nesse local, contemplando aspectos arquitetônicos e espaciais da casa, da qual conviveu boa parte da sua infância, citando ainda suas memórias afetivas, sentimentais e gastronômicas com sua avó e avô (Figura 82).

**Figura 82** - Angélica Negreiros e seus avós Joana Batista e Pedro Alves



Fonte: Angélica Alves de Negreiros [20--].

Sobre a descrição da unidade doméstica, Angelica apresenta a distribuição dos cômodos, sendo dois quartos (apenas um em piso cimentado), com janelas, portas de madeira, uma sala, uma cozinha, uma dispensa para armazenamento de alimentos, utensílios e ferramentas de uso doméstico, sendo esses dois últimos repartimentos localizados espacialmente no final da casa. Salienta ainda a existência de um banheiro nos fundos e não mais pertencendo a planta arquitetônica da casa, feito e varretas, coberto ou não.

A respeito da porção frontal da casa, Angélica apresenta essas características, como uma visão frontal de um espaço com duas janelas, uma porta na porção central, um “batente” ou espécie de uma mini calçada de apoio e acesso as dependências dela, onde na primeira sala existia uma mesa, bancos e cadeiras (os “tamboretes”), a presença ainda dos armadores de rede (os “tornos”).

As narrativas acerca da casa ainda colocam a existência de uma casa de farinha localizada na porção direita da casa, esse espaço é descrito como sendo de tamanho mediano, com a presença de elementos característicos, como forno de barro, cobertura em telhas suspensas em madeiras, existência de elementos, como as prensas, cochas em madeira e instrumentos utilizados para o desempenho e extração dos derivados da mandioca.

Essa matéria prima, aqui salientada, assim como na descrição das outras unidades domésticas presentes na comunidade, fazem parte das dinâmicas de subsistência e sustento familiar, que aliados com outras culturas de plantio e manuseio do solo, como o feijão, a batata, amendoim, maxixe, e em algumas poucas porções dos terrenos, o milho.

Em apoio a isso apresentam-se a criação de animais, como o bode, porcos, gado, são essas algumas alternativas e possibilidades que, segundo as narrativas auxiliam na manutenção e sobrevivência nesse contexto e época. Angelica, apresenta ainda que sua avó, gostava muito do plantio e manuseio de pequenas hortas ou canteiros, que segundo ela localizavam:

[...] no chão ou em alguidarzinhos as ‘muquequinhas’ de centro” (Angelica Negreiros, 2023, Informação verbal)<sup>88</sup>.

Angélica narra em sua fala as memórias e afetos, e indagada sobre elas, apresenta e descreve a importância que esse lugar teve na sua criação e infância, na qual tem muito carinho e afeto.

## **5.15 Feições, Materialidades e Vestígios: Unidade doméstica Ursulino José de Negreiros**

Ursulino José de Negreiros, residiu em conformidade com a paisagem próxima a de seus pais, a sua respectiva unidade doméstica é em todo o panorama paisagísticos, de materialidades e vestígios um das poucas que possuí severas mudanças em seu terreno. Antes, uma casa descrita como em planta padrão da época, segundo o senhor Berílio de Negreiros<sup>89</sup>, possuía quartos, salas e espaços de manejo com animais, roças e roçados.

---

<sup>88</sup> Entrevista cedida por Angélica Alves de Negreiros, em 07 de maio de 2023.

<sup>89</sup> Entrevista cedida por Berílio de Negreiros Paes, em 13 de outubro de 2022 e 26 de junho de 2023.

Na atualidade sua configuração foge do escopo original, e novas dinâmicas sociais e de reocupação familiar são percebidas, são os laços de parentesco, afetividade e dinâmicas econômicas que dão os certames a esse espaço, tido antes como doméstico, e particular, hoje (no presente), novas formas e funcionalidades ao terreno foram estabelecidas (Figura 83).

**Figura 83 - Farinhada na casa de farinha comunitária de Lagoa de Fora**



Fonte: Acervo do autor (2023).

A casa de farinha comunitária de Lagoa de Fora é de recente reconfiguração paisagística do terreno. Nas narrativas de Berílio e Maria Amélia essas dinâmicas sociais do espaço físico foram rearranjadas ao passo que em divisões e partilhas de terrenos mediadas por dispositivos como heranças familiares, Maria Amélia recebe em acordo e partilha o local que correspondia a casa de Ursulino José de Negreiros e sua família.

Por demandas sociais, diálogos entre (e) com os moradores, e embalados por um contexto em que as casas de farinhas em ambientes particulares se desfaziam aos poucos, se perdendo assim esse dispositivo em certas e controladas medidas. Ativados pela ideal comunitário, o casal (Berílio e Maria Amélia), resolve em decisão doar para comunidade, via a Associação dos Produtores e Produtoras de Lagoa de Fora, o referido terreno para essa nova construção.

Com recursos escassos, mais com parcerias, a citar o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São Raimundo Nonato, se consegue poucos, mas válidos recursos para elaboração desse projeto, mesmo que demandasse apoio coletivo, visto que as ordens orçamentárias somente contemplaria o erguimento da estrutura, e não a mão de obra. Em esforço conjunto (mutirão), ergue-se em aproximadamente 1990, a Casa de Farinha Comunitária de Lagoa de Fora.

**Figura 84** - Entrada de acesso a Casa de Farinha Comunitária de Lagoa de Fora



Fonte: Acervo do autor (2022).

Antes, espaço doméstico habitado em meados do final do século XX por Ursulino e sua família, que em busca de novas melhorias e com recursos resolve escolher outras porções de terras para construção de sua nova casa, onde na atualidade corresponde ao bairro de nome “Baixa”.

Segundo o sr. Berílio, a casa de farinha comunitária localiza-se exatamente e precisamente em cima da antiga estrutura da casa de Ursulino, e que a casa de farinha da época encontrava-se onde hoje é a habitação de Sérgio de Negreiros Paes (filho de Berílio e Maria Amélia de Negreiros Paes). Outro elemento presente e que fez parte das dinâmicas ocupacionais do terreno, é a presença de uma árvore, o umbuzeiro que se localizava na lateral da casa.

Pelas intensas transformações acima apresentadas, não é perceptível o reconhecimento de elementos que sirvam de aportes para inferências de interpretações de como configurava-se a habitação de Ursulino José de Negreiros e sua família, apegando-se a materialidade em superfície, presente assim os esses elementos somente nas oralidades e narrativas dos colaboradores.

Sobre as dinâmicas da casa de farinha comunitária de Lagoa de fora, as materialidades que os grupos familiares utilizam para manuseio com a mandioca podem ser encontrados no espaço, para qual a comunidade sempre zela por esse espaço de uso coletivo, onde os laços afetivos, as trocas relacionais são mantidas, além da subsistência advinda dos derivados da mandioca (Figuras 85, 86, 87, 88, 89 e 90).

**Figura 85** - Parte interna da casa de farinha com a presença de dois fornos a lenha



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 86** - Parte externa da casa de farinha contemplando os acessos para inserção da madeira (lenha)



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 87** - Materialidades/ferramentas (facões de madeira) empregadas nas farinhadas



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 88 - Materialidades/ferramentas (cuias e pratos) empregadas nas farinhadas**



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 89 - Cochas em madeira para armazenamento de massas obtidas no processo das farinhadas**



Fonte: Acervo do autor (2022).

**Figura 90 - Materialidades/ferramentas (vassouras) empregadas nas farinhadas**



Fonte: Acervo do autor (2022).

### 5.16 Narrativas Memoriais

A unidade doméstica de Ursulino José de Negreiros, se destaca como uma das poucas que segundo as narrativas de Berílio e Maria Amélia, possuíam uma dinâmica ocupacional mais diversificada, justificada pelo comércio da época, onde na residência, comercializava alimentos a granel, apresentado como produtos “grosseiros”. Ur-

sulino, casado com Durvalina Maria de Jesus, mais conhecida por alguns da comunidade como “Mãezinha Neném”, residiram na comunidade por longos anos, próximo a casa de Serapião e Ana Rosalina, e da lagoa da comunidade.

As narrativas acerca dessa unidade doméstica, apresenta-a como sendo construída em taipa de mão, preenchida por barro amassado, dispostos em varetas de madeira presas com cordas e fibras de caroá, com cobertura de telhas em suporte de madeira.

Sua distribuição estrutural, é apresentada com existência de alpendres, que segundo as narrativas eram os locais para armazenamento da maioria diversa de alimentos para comercialização, em conjunto a esses alpendres, existia uma sala que interligava seguintes quartos (ao todo dois), e mais uma seguinte sala. A cozinha, como espaço doméstico se alicerça aos fundos das casas em uma porção mais recuada.

O senhor Berílio, salienta que esse modelo de casa, em geral era percebido em todos os âmbitos da comunidade, predominando assim, em certas vertentes um padrão amplo e aceito, e sobretudo seguido. Com relação as dimensões verticais, as descrições colocam-na como de estatura média, possuindo piso em terra/barro batido, em todos os compartimentos.

Em composição a essas informações, a casa de farinha é colocada em evidência nas narrativas, pela qual sua estrutura física se consolidava em anexo a casa, cuja separação entre ambas as construções se dava, segundo Sr. Berílio por um longo terreiro, que aqui é entendido como parte interligada com o quintal, sem uma clara ou percebida delimitação, presentes ainda os giraus, onde se colocavam os alguidares, cuias, ambos utilitários para manuseio e tratamento com a mandioca, como por exemplo a manipueira<sup>90</sup>. Seus aspectos são dados em modelo construído em taipa de mão, com uma cobertura que se estendia somente para a parte do forno, ou seja, as outras dimensões desse espaço, como o local para raspagem e processamento não era contemplados por tal artífice.

---

<sup>90</sup> “A manipueira é um líquido de cor amarelada que sai da mandioca depois que ela é prensada, durante a processo de fabricação da farinha”. **Fonte:** <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-usar-corretamente-a-manipueira,f5f936627a963410VgnVCM1000003b74010aRCRD#:~:text=A%20manipueira%20%C3%A9%20um%20l%C3%ADquido,meio%20ambiente%20e%20ao%20homem.>

O forno, apresentado com único local que possuía cobertura, era construído em barro com revestimento em barro alisado, e com superfície em lajes de pedras cobertas por barro, e na porção final desse compartimento a existência de uma ou duas entradas para a lenha de madeira, e o aquecimento do forno para preparo da farinha de mandioca.

As materialidades descritas por Berílio e Maria Amélia, que faziam parte da casa de farinha são elencadas em instrumentos e ferramentas que auxiliavam nas dinâmicas de transformação da mandioca em seus derivados, como a tapioca, farinha, e farinha de borra, além das próprios cascalhos, as chamadas “crueiras”, alimentos descritos como ideal para animais, como porcos, sendo esses aparatos as cochas de madeira, os alguidares, os rodos longos de madeira para manuseio e revolvimento da farinha sob o forno, os pratos e medidas, que podiam ser em cias, barro e madeira, logo a padronização se estabelecia.

Sobre o comércio da época que gerenciava as ações sociais desse núcleo familiar, os colaboradores apresentam como sendo um mecanismo que envolvia a moeda época, os “mil réis”, assim apresentado, além das trocas entre mercadorias. A vendinha, nomeado pelos interlocutores (Berílio e Maria Amélia), possuía alimentos, como sal em pedra, café em grãos, rapadura, fumo, além do querosene. Alguns desses alimentos eram comercializados localmente em medidas, como os pratos, e o surrão de caroá<sup>91</sup>.

As narrativas sobre esse espaço doméstico distribuem o mesmo além de estruturas como a casa e casa de farinham, assim outros espaços faziam parte das movimentações desse grupo familiar, como o curral de vacas, o curral dos porcos, cuja localização era em porção abaixo da árvore umbuzeiro, que ainda na atualidade é possível perceber nas dinâmicas espaciais do terreno.

Esse curral dos porcos (espaço vinculado diretamente a unidade doméstica), segundo as narrativas era “cortado” por uma estrada que dividia a casa e o curral, essa via de acesso encaminhava, sobretudo as vizinho e o próprios donos da casa a outras partes da comunidade. Maria Amélia, narra nas suas interlocuções que utilizava

---

<sup>91</sup> O “surrão de caroá” é descrito como sendo uma unidade de medida presente na época, a qual corresponderia cerca de 32 pratos. O Senhor Berílio descreve essa unidade de medida como sendo mais ampla, e serviria para grandes medidas, devido sua capacidade de armazenamento possuía muito peso, o que segundo o interlocutor dificultava o manuseio fácil e ágil. Sua confecção se dava em matéria prima fibra de caroá, que eram trançadas em técnicas apreendidas socialmente e culturalmente.

esse caminho para deslocamento entre a sua casa, e a casa dos seus pais e avós e demais parentes.

A respeito das outras destinações e estruturas subjacentes a casa (espaço doméstico), Berílio e Maria Amélia apresentam as “labutas” do casal e núcleo familiar, onde as plantações – os roçados eram lugares que as culturas do feijão, amendoim, abóbora, mamona, mamão e palma faziam parte, o cultivo da palma é apresentado como pertencente a grandes porções de terra, e que serviam, segundo as narrativas para alimentação do gado.

O milho, outra cultura de cultivo, é descrita como menos presente, devido à dificuldade que o solo enfrentava para fornecer os subsídios necessários para sua produção, assim seu manejo era nos locais, aqui narrados como os “monturos”<sup>92</sup> ou fundos dos quintais.

A banana, fruta presente nas narrativas, é uma cultura de plantação em áreas rebaixadas do solo, em superfícies cavadas no solo, onde os colaboradores designam essa plantação em “Quinteiras de banana”. A localização dela se dava em porções dentro da dinâmica da casa, podendo ser em suma maioria nos quintais, ou em partes laterais das casas.

---

<sup>92</sup> Para “monturos”, são designados, e segundo as narrativas, os locais em fundos de quintais, ou em porções mais distantes do espaço doméstico, que segundo Berílio, o cultivo de milho era menos frequente, e por isso seu manejo se consolidava mais em uma tentativa, e por isso seu plantio não demandava desenvolvimento em áreas tidas como prioritária a outras culturas de manejo, com feijão, palma, abóbora, mamona.

## 6 DISCUSSÕES DE DADOS

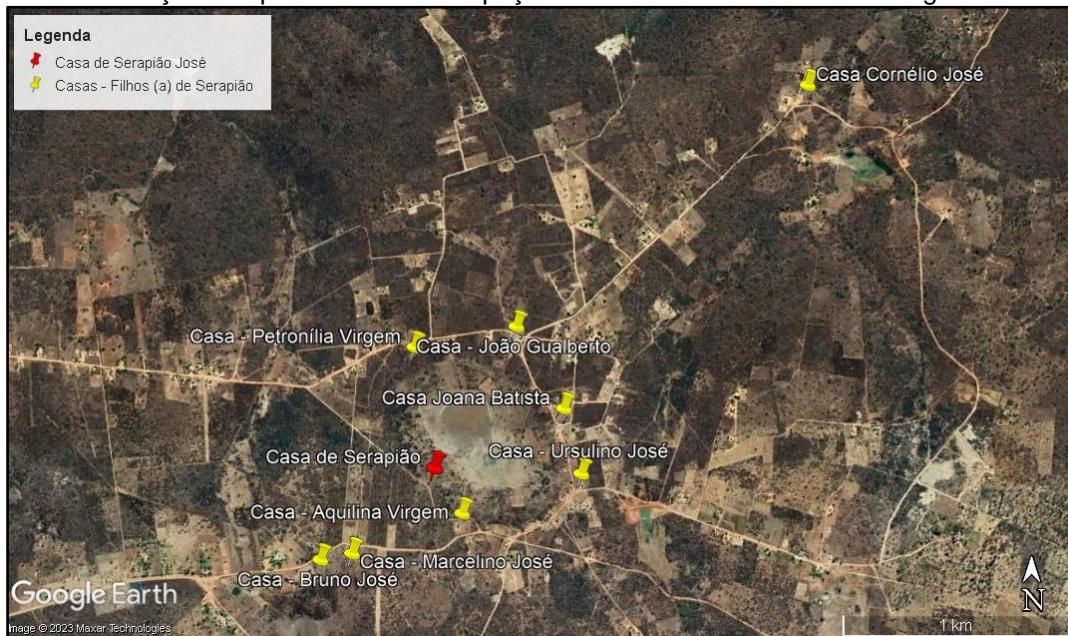
A partir dos resultados elencados e construídos mediante a pesquisa, revela-se como possível a atribuição de certos elementos que correlacionam com padrões de ocupação em áreas rurais da cidade de São Raimundo Nonato, região sudeste do Piauí, no contexto do século XIX e XX.

Os dados obtidos e analisados inferem a existência de características arquitônicas vernaculares e de distribuição das casas/espaços/unidades domésticas no território da comunidade Lagoa de Fora. Os espaços, particulares a si, e pertencentes a camadas sociais, verbalizam e externalizam técnicas construtivas repassadas de gerações para gerações, de padrões e dinâmicas de assentamento próximo a figura patriarcal de Serapião.

Na perspectiva da distribuição de terras e bens materiais, Serapião deixa em herança para seus filhos e filhas (via inventário), somente em Lagoa de Fora, cerca de “setecentos e vinte e seis hectares”. Esse dado é de suma importância para inferir a distribuição geográfica e ocupacional dessa região.

De grandes dimensões foram as áreas deixadas em herança por Serapião, assim percebe-se como forjou ao longo do tempo as habitações em Lagoa de Fora, que mesmo como essas expressivas abrangências de terras da comunidade, seus filhos e filhas escolheram povoar/residir em proximidades de Serapião e Ana Rosalina, e os recursos hídricos, como a das lagoas, os barreiros e cacimbas, exceto Cornélio José de Negreiros, que estabelece habitação no bairro baixa (Figura 91).

**Figura 91 - Distribuição das primeiras casas/espaços domésticos na comunidade Lagoa de Fora**



Fonte: Google Earth (2023).

Sob a ótica das discussões empregadas na arqueologia da paisagem é possível correlacionar como essa distribuição nesse território se desenvolveram, na medida em que há o entrelaçamento de questões sociais que envolvem a gerências de recursos, como a localização estratégica de Serapião e seus filhos, que residirem em sua maioria próxima a cursos de água.

Envolvidos nessa perspectiva que certas e prolongadas modificações se inter-relacionam na paisagem. Paes (2022), salienta em sua pesquisa, como a comunidade Lagoa de Fora geria/gere os recursos hídricos, apresentando por exemplo as técnicas para obtenção desse recurso historicamente, e que essas estratégias nem sempre se consolidaram como de fácil acesso, como por exemplo o deslocamento de membros da comunidade para outras áreas a procura das fontes de água. Essas conformações e transformações desse território foram ao longo dos anos se modificando, e novos mecanismos ganharam protagonismos, como adoção das cacimbas, barreiros.

Conforme consta nos documentos oficiais presentes nos inventários do século XIX e XX, sobre a casa de Serapião José de Negreiros, é possível inferir sobre as contribuições da arqueologia da arquitetura, padrões vernaculares presentes na gênese da comunidade, são descritos na casa do patriarca da comunidade. Esses padrões, são apresentados como por exemplo a utilização da técnica da taipa de mão empregada na construção da casa, descrita como em “três vãos”, terminologia que se

aplica e percebe-se nas narrativas orais da comunidade, como um modelo de distribuição dos cômodos similar a dos seus respectivos filhos.

Desde a época de Serapião, até seus filhos e filhas, a técnica vernacular inicial de construção das casas se consolidaram todas em modo taipa de mão, com a utilização de recursos naturais para sua elaboração, como o barro, madeira, fibras de caroá, o aproveitamento das varetas de madeira. Essa técnica se configura segundo as narrativas apresentadas produzidas com matérias primas obtidas e transformadas nos fundos de quintais, como obtenção do barro, confecção dos tijolos de adobes.

Em relação a espacialidade e distribuição dos cômodos, as narrativas colocam em evidências a existências de estruturas que possuíam importantes atuações nas dinâmicas desses espaços domésticos, como a paio para armazenamento da farinha de mandioca, a presença de pisos em barro batido, e a existência da dispensa. São esses espaços que as dinâmicas afetivas, familiares, e de assimilação dessas unidades se configuram.

Nas narrativas do Senhor Berílio, por exemplo, esse modelo de construção amplamente aceito e seguido se constituía de forma comum a esse contexto, e de fácil reprodução por todos da comunidade, por ser um modelo de habitação “simples” e de fácil propagação.

Esses modelos de arquitetura ao longo dos anos na comunidade foram sendo assimilados, e ressignificados, uma das técnicas empregadas na construção das casas em Lagoa de Fora, isso reverberando a técnica da utilização dos tijolos de adobes, se desenvolve na forma de não existir uma continuidade entre as paredes e o telhado, voltando para os padrões arquitetônicos das primeiras habitações da comunidade, percebemos essa maneira de construir na casa de João Gualberto de Negreiros, onde de todos os filhos e filhas de Serapião e Ana Rosalina, se constitui como a única habitação erguida, e em constantes dinâmicas sociais.

Como apresenta González-Ruibal (2001), as casas são espaços que em toda sua conjuntura e espacialidade configuram-se como elementos das mais complexas e profundas relações, são esses os locais de ressignificação das memórias, da “mística” das relações.

Percebe-se nas narrativas como as dinâmicas familiares dos núcleos que permeavam as configurações iniciais das ocupações se entrelaçavam na gerência dos características arquitetônicas da comunidade, que mesmo que invisíveis essas trocas

de conhecimentos dos modos e técnicas, existiam para isso a replicação de elementos, como os cômodos, que soma-se em todas ou quase todas a casas, cerca duas salas, geralmente de padrões grandes, dois quartos, uma cozinha ao final do traçado da casa, e em nenhuma unidade doméstica se reconheceu nas narrativas a existência de compartimentos como os banheiros, como parte interna da planta das referidas casas, que possuíam traços que por suas particularidades se constituíam, mas possuíam elementos que os colocavam em similaridades com o contexto em tela.

Eram nos terreiros e quintas que a casa (espaço doméstico) e as casas de farinha permeavam esses conjuntos e dinâmicas domésticas, assim com saliente Nascimento (2011, p. 88), “O terreiro é como uma extensão da casa”, são espaços sociáveis e de transição entre áreas, assim como os quintais, que podem “[...] compor todo o terreno de propriedade da família, a exceção do espaço da casa e do terreiro” (NASCIMENTO, 2011, p. 93).

São quintais que as narrativas conduzem as plantações, as hortas, a lida e manuseio com mundo natural, e aos fundos de quintais, os ditos “monturos” que as plantações de milho se desenvolvem.

As casas de farinha, embaladas pelo prisma da arqueologia da arquitetura reverberam como áreas que carregam todas as características transformacionais dos modos de vidas, e como esses núcleos familiares geriam as subsistências baseadas assim na extração dos derivados da mandioca.

É por meio das materialidades envolvidas que se percebem como existiam elementos comuns aos contextos de ocupação, seja nos fornos a lenha, e de fabricação, seja na sua distribuição espacial bem próximas das casas, além da materialidade que versava entre si, como as cochas de madeira, os alguidares de barro, são entre diversos elementos que conversam e transitam entre as narrativas e materialidades.

As casas de farinhas são espaços intrínsecos as dinâmicas internas das casas, e consolidam como um dispositivo importante subsistência. As narrativas memoriais colocam esse espaço como sendo de fundamental entrelaçamento entre os atores e agentes sociais com o respectivo espaço.

Pensar as casas de farinha como um lugar que interliga um espaço doméstico com um espaço transformativo, é estabelecer questões que vão além do cunho da subsistência, enveredando ainda com algo “vivo”, constituído de memórias, afetos, laços familiares, as labutas diárias com a mandioca e com as materialidades empregadas para seu uso e transformação.

O sr. Berílio de Negreiros, em suas narrativas salienta que no seu tempo e dos seus avós, as casas de farinha eram espaços íntimos dos núcleos familiares, e que por ser “comum” a todas as habitações desse contexto eram pouco frequente as interrelações entre núcleos familiares no que tange as farinhadas, e manuseio com a mandioca. Ao longo dos anos, percebe-se com a pesquisa, enraizadas em autoetnografia que as casas de farinha já não fazem parte do cotidiano das casas em Lagoa de Fora.

Em contramão a esse desaparecimento, reverbera assim ações envoltas na casa de farinha comunitária, localizadas “nos barros<sup>93</sup>” da casa de Ursulino José de Negreiros, e por suas dinâmicas comunitárias envolve diversas gentes e seres, em busca dos processos transformativos da mandioca.

A pesquisa em tela corrobora com as discussões apresentadas por Nascimento (2011), que argumenta a partir dos espaços domésticos, como eles se constituem como características marcantes dos processos transformacionais do território, e por meio deles consolidam-se em abordagens de apropriações das áreas, e como elas em seu conjunto geral integram ao todo, e se conectam a paisagem da comunidade.

A paisagem da comunidade Lagoa de Fora, assim como a trabalhada por Ingold (1993) se revelam-se como produtos que em suma carregam em seu íntimo as transformações vividas e sentidas por seres e coisas, onde os fluxos de contínuas modificações são alimentadas pelos intensos e conectados processos de aprendizados e experiência com o mundo a sua volta.

No contexto de Lagoa de Fora percebemos como os espaços domésticos eram (re) aproveitados como parte principal da habitação, como as casas de farinha, os curais, as áreas de cultivo e manuseio se com o solo – a terra – consolidavam-se nesses processos e dinâmicas de ocupação e parentesco.

O manejo com o solo, em eco com as discussões da arqueologia da paisagem se firma na medida que sua gênese se estrutura na gerência dos recursos hídricos, e como a seca e os períodos de estiagem influenciam/influenciam as dinâmicas de lida e tratado como a terra. São nas ações e nos desenvolvimentos de novas estratégias que se estruturam as configurações dessa paisagem.

---

<sup>93</sup> Expressão regional, que expressa “nos barros”, em alusão a um determinado lugar/espaço que um dia, em um dado tempo, foi erguida uma casa/habitação, sendo sobrepostas ou não por outras construções ao longo do tempo, e que como produto do tempo foi sendo desconfigurada e permanecendo somente nas memórias.

**Tabela 2** – Sistematização de dados com base nas narrativas dos colaboradores da pesquisa

Unidade doméstica	Casa de farinha	Paiol de farinha	Taipa de mão (casa e casa de farinha)	Plantações e uso da terra	Currais
Aquilina Virgem da Conceição	X	X	X	Feijão, milho, mandioca, abóbora	X
Bruno José de Negreiros	X	-	X	Feijão, milho, mandioca	X
Cornélio José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X
Marcelino José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X
Petronília Virgem da Conceição	X	X	X	Mandioca, caju, manga, banana, feijão, milho	X
João Gualberto de Negreiros	X	X	X	Banana, mandioca, feijão	X
Joana Batista da Conceição	X	-	X	Feijão, milho, mandioca, coentro, abobora, amendoim, maxixe, batata	X
Ursulino José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X

Ao longo da construção desse trabalho pude, enquanto pesquisador e morador desse contexto mergulhar nas minhas histórias, onde pude perceber traços dessas transformações desse território, as narrativas se consolidaram como um importante fio condutor dos debates inferências, assim a construção da pesquisa em tela proporcionou trazer uma panorama distributivos das casas, das estruturas a elas vinculadas, de como esses coletivos seguiram seus recursos, e como eles associam-se a dinâmicas sociais, paisagísticas e culturais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No referido trabalho, em linhas gerais se buscou a investigação a respeito do estudo das unidades domésticas dos primeiros descendentes diretos de Serapião José de Negreiros na comunidade Lagoa de Fora, foi possível tecer informações que revelam como eram as conformações, as distribuições e a espacialidade desses primeiros habitantes desse território, que em sua essência se configura em um modelo rural. O que possibilitou em consonância com a materialidade, as narrativas e mapeamentos, foi compreender como esse universo territorial configurou diversos aspectos dessa região, e como na atualidade se reverbera essas distribuições espaciais.

Em proposta com os objetivos da pesquisa, e alinhados com a metodologia estabelecida, se trouou viável a compreensão de como se distribuíam e organizavam os descendentes de Serapião, e quais as técnicas construtivas empregadas nos modos de fazer e construir na comunidade, bem como os artifícies sociais envolvidas nas dinâmicas de conformação desse território, assim como a manipulação da paisagem.

Após investigação teórico-metodológico pode-se observar como as técnicas arquitetônicas em Lagoa de Foram se articulam enquanto dispositivo socialmente experenciado, e sobretudo repassados de geração em geração.

É por meio dos subsídios teóricos da arqueologia do presente que são utilizados para se trabalhar, pensar e articular inferências sobre essas memórias, recordações, vivências e narrativas que se articulam como as primeiras habitações da comunidade, frutos da descendência de Serapião. São pelos vínculos distribuídos nas mais diversas esferas, seja com a paisagem e as materialidades que se constrói os espaços e lugares, ou seja, as gentes que fazem e significam estão em constantes ações e transformações com o mundo/contexto a sua volta, configurando assim pelos seus desejos (tantos coletivos, como individuais).

O trabalho em tela apresentando o contexto regional e local de São Raimundo Nonato, especialmente uma comunidade essencialmente rural possibilitou entre outras possibilidades interpretativas a compressão de como se desenvolveu a ocupação da comunidade Lagoa de Fora, centrados na figura de Serapião José de Negreiros, onde pouco se sabe sobre esse contexto antes da chegadas e forjamento desse território por parte da família Negreiros, sendo possível e através das materialidades e narrativas interpretar questões acerca desse contexto.

Com isso a pesquisa se debruçou a respeito das casas – espaços domésticos – dos filhos e filhas de Serapião e Ana Rosalina, assim foi possível entender como

funcionava as técnicas construtivas empregadas na elaboração dessas unidades domésticas, além disso através das narrativas compreender como as pessoas de Lago de Fora geriam esses espaços, além da inferência em como esses se distribuem no conjunto geral da paisagem.

Compreende-se que a pesquisa tem aporte teóricos e metodológicos que corroboram com a história do povoamento de áreas rurais em contextos piauienses e de semiárido, onde buscou dar voz e vez a atores sociais que historicamente são silenciados pelas narrativas oficiais, assim são trabalhados aspectos nos contextos vigentes das grandes figuras de importante atuação nos contextos, sobretudo de pequenas cidades e estados, privilegiou na pesquisa em tela características que versassem com as narrativas sobre um contexto socioeconômico de poucas ou média difusão nos documentos tidos oficiais.

As narrativas apresentadas no trabalho remontam a historicidade dos processos da comunidade, com isso a permanência dessas escutas ativas e questões sociais é forma de manter viva as história de formação, assim como salienta González-Ruibal (2006; 2008; 2009), arqueologia do presente colabora e enfatiza esses processos de escuta, e de lida como as “sociedade vivas”, que significam e ressignificam as materialidades (“os barros”, as estruturas, os monturos, os montículos) as paisagens (barreiros, cacimbas, a água, lagoas, os pastos, o solo), assim a comunidade segue vivenciados esses processos transformacionais.

A comunidade Lagoa de Fora, sobretudo a partir década de 2000, vem reverberando-se intensos processos de ocupações de todas as suas esferas, seja na densidade demográfica, na amplitude de políticas públicas, que cada vez mais colocam e rompem a dicotomia entre o rural e urbano, as barreiras entre ambas as categorias estão cada vez mais incipientes nos contextos de Lagoa de Fora.

Os processos ocupacionais por esse território, seja a longo prazo, por um ideal de urbanização, vincula em certas medidas riscos de apagamentos de narrativas, materialidades, movidas pela apropriação do território, que em sua essência deixou em controladas medidas de ser uma comunidade de descendentes diretos e indiretos.

Pensa-se e utiliza-se como exemplo claro desses arranjos ocupacionais, o terreno – área – onde localiza “os barros”, as materialidades da habitação de Serapião José de Negreiros, que em constantes acordos e enlaces de heranças na atualidade a área não pertence a comunidade – em si - o que ocasiona quebra abrupta do acesso integral das áreas que compõem a unidade doméstica do patriarca da comunidade.

Em suma essa falta de acesso ao pilar central das memórias e lembranças na comunidade, esbarra-se ainda no cercamento dessa área, o que compromete não somente as memórias, mas ainda o acesso aos bens hídricos, como as lagoas, as cacimbas, os barreiros, elementos fisiográficos que compõem as paisagens, como a áreas de pastos e a lida como os animais que historicamente estão ligados diretamente a vinda e fixação de Serapião, além da manutenção da vida na comunidade.

São essas questões que em suma revelam a contribuição e manutenção das histórias da vida sertaneja, onde reproduzindo narrativas, e evidenciando materialidades se registra parte dos patrimônios culturais em Lagoa de Fora, uma forma de não produzir silenciamentos e apagamento de histórias comprometidas pelos avanços da urbanização e quebra dos distanciamentos das categorias – urbano e rural.

Com estes cenários apresentados se considera os caminhos de pesquisas caminhos continuam em abertos para demais investigações e elaboração de novas perguntas e questionamentos, que versem sobre a formação do território de Lagoa de fora ao longo dos anos, assim outros aspectos podem ser levantados no que concerne a essas configurações ocupacionais, bem como revela-se para além dos filhos e filhas de Serapião, ampliando debates que tange outros coletivos, outras dimensões, além de explorar como certos padrões arquitetônicos e culturais foram apagando-se desse contexto, bem como outras variáveis.

## REFERÊNCIAS

- ACHA, Milena. Arqueologia da Paisagem. Considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. **Cadernos do Lepaarrq**, v. 18, n.35, p. 217-235, Jan-jun. 2021.
- ACHA, Milena. **Um estudo etnoarqueológico sobre o pastoreio em Santa María, Argentina.** 2016. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-30012017-111104/publico/MilenaAchaREVISADA.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- AGUIAR, Robério Bôto; GOMES, José Roberto de Carvalho. **Diagnóstico do município de São Raimundo Nonato.** Serviço Geológico do Brasil - CPRM, 2004. p. 1-20. Disponível em: [https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/16533/1/Rel\\_SaoRaimundoNonato.pdf](https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/16533/1/Rel_SaoRaimundoNonato.pdf). Acesso em: 26 abr. 2023.
- ANDRADE, Dayane Felix *et al.* A arquitetura vernácula nas casas de farinha de Sergipe. In: 3º SEMINÁRIO ARQUITETURA VERNÁCULA/POPULAR, -, 2021, Salvador. **Anais do Seminário Arquitetura Vernácula/Popular.** Salvador: Even3, 2021. p. 1-18. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqvernaculapop/386001-a-arquitetura-vernacula-nas-casas-de-farinha-de-sergipe>>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- ASHMORE, Wendy; KNAPP, A. Bernard (Ed.). **Archaeologies of landscape: contemporary perspectives.** Califórnia. Wiley-Blackwell, 1999.
- ASSIS, Rafael da Silva. Os índios do território Serra Da Capivara: História, memória e ensino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...].** Florianópolis: [s.n.], 2015, p. 1-9. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945018\\_61941dfc294814398c613306e80b13b0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945018_61941dfc294814398c613306e80b13b0.pdf). Acesso em: 27 abr. 2023.
- BAILÃO, Andre Sicchieri. Paisagem - Tim Ingold (conceito). In: BAILÃO, Andre Sicchieri. **Paisagem - Tim Ingold (conceito).** São Paulo: -, 2016. p. 1-5.
- BANDEIRA, Arkley Marques. Aproximações entre a etnografia arqueológica e os modos de fazer na comunidade quilombola de Itamatatiua, Alcântara–Maranhão. **Revista Arqueologia Pública**, v. 12, n. 1, p. 30-46, 2018.
- BEZERRA, Márcia. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 275-295, 2003.
- BEZERRA, Márcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 107–122, 2013. DOI: 10.20396/rap. v7i1.8635674. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635674>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- BEZERRA, Márcia. **Teto e afeto:** sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GK Noronha, 2017.

BEZERRA, Márcia; RAVAGNAGI, Luis Ricardo. "Se não tiver a minha bateia, quem vai dizer que sou garimpeira?": a memória, a identidade e as coisas no garimpo de Serra Pelada, Amazônia. **Illuminuras**, v. 14, n. 34, p. 355-360, 2013.

BOADO, Felipe C. **Del Terreno al Espacio**: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del paisaje. [S.l.:s.n.], 1999.

BRANDÃO, Juliana. Escavando Temporalidades. **Revista Habitus**-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 15, n. 2, p. 207-220, 2017.

COLWELL, Chip; DE ALMEIDA LOPES, Rafael. Arqueologia colaborativa não é o fim. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 34, p. 41-47, 2020.

CORRÊA, Marcus Vinicius de Miranda. **Da capela carmelita a catedral metropolitana de Manaus (AM)**: Uma Arqueologia da Arquitetura. 2005. 171f. Tese (Doutorado em Arqueologia e Etnologia) - Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2005.

CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "Arqueologia e patrimônio no século XXI": as perspectivas abertas pela arqueologia pública. **Encontro de História da Arte**, n. 3, p. 133-140, 2007.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: research as subject. In.: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvona (Eds). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 2000, p.733-768.

ELLIS, Carolyn; E., Tony; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**: -, [s. l.], v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A Arqueologia Pública na América Latina e seu contexto Mundial. **Fronteiras: revista de História**, Campo Grande, MS, v. 6, n. 11, p. 87-96, 2002.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, p. 1-22, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/5872>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Arqueologia do passado contemporâneo: uma olhada desde a Península Ibérica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. I.], v. 13, n. 2, p. 3-7, 2020. DOI: 10.31239/vtg. v2i13.16331. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/16331>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, Juan; DOMINGO, Ines; ASKARRÁGA, José; BONET, Helena. (Coord.). **Mundos tribales**: una visión etnoarqueológica. Valencia: Museo de Prehistoria, 2009. p.16-27.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Ethnoarchaeology or simply archaeology? **World Archaeology**, v. 48, n. 5, p. 687-692, 2016.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Time to Destroy: An Archaeology of Supermodernity. **Current Anthropology**, v. 49, p. 2, p. 247, 2008.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Etnoarqueologia da habitação na África Subsaariana: aspectos simbólicos e sociais. **Arqueoweb: Revista de Arqueologia na Internet**, v. 3, n. 2, p. 2, 2001.

HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane Pereira. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na Arqueologia. **Vestígios**, v.12, n. 2, p. 9-34, 2018.

LANDIM, Joseane Pereira Paes. **Serra Branca dos maniçobeiros**: um conjunto habitacional sob rocha que (sobre) vive na memória. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao\\_Joseane\\_P\\_P\\_Landim.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Joseane_P_P_Landim.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

LANDIM, Joseane Pereira Paes; OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. Caminhos da borracha: memória e patrimônio dos maniçobeiros do sudeste do Piauí. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2014, Teresina. **XII Encontro Nacional de História Oral**. Teresina: -, 2014, p. 1-11.

LANDIM, Joseane Pereira Paes; OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. Caminhos da borracha: memória e patrimônio dos maniçobeiros do sudeste do Piauí. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 13., 2014, Teresina. **XII Encontro Nacional de História Oral**. Teresina: -, 2014. v. 1, p. 1-11

LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 41-70. Disponível em: [https://educapes.ca-pes.gov.br/bitstream/capes/570203/2/P%C3%A1ginas%20da%20Hist%C3%B3ria%20do%20Piau%C3%AD%20colonial%20e%20provincial\\_livro\\_Cead%20%5BE-book%5D.pdf](https://educapes.ca-pes.gov.br/bitstream/capes/570203/2/P%C3%A1ginas%20da%20Hist%C3%B3ria%20do%20Piau%C3%AD%20colonial%20e%20provincial_livro_Cead%20%5BE-book%5D.pdf). Acesso em: 15 mar. 2023.

LINO, Jaisson Teixeira. A arqueologia da paisagem como enfoque teórico para o estudo arqueológico da guerra do Contestado. **Revista Tempos Acadêmicos**, Dossiê Arqueologia Histórica, Criciúma, n. 10, p. 58-67, 2012.

MACÊDO, Géssica Sousa. **Retalhos afetivos de tecidos coletivos**: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí. 2021. 183 p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato-Piauí.

MACHADO, Juliana Salles. História (s) indígena (s) e a prática arqueológica colaborativa. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 1, p. 72-85, 2013.

MAGALHÃES, Cecilia Elisa Alves. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 22, p. 16-33, 2018.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; AMARAL, Alencar de Miranda. (2022). As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Curitiba, v. 17, n. 2, e20200115, 2022. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0115.

MATOS, Manuela Xavier Gomes de. **Análise de estruturas em alvenaria**: modelo para análise e identificação dos processos construtivos e das etapas de execução de uma edificação de valor histórico/cultural. 2009. 242f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2009.

NAJJAR, Rosana. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 71-91, jan.-abr. 2011.

NAJJAR, Rosana; DUARTE, Maria C. Coelho. **Manual de Arqueologia Histórica em projetos de restauração**. São Paulo: IPHAN, 2002. 57 p. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man\\_ArqueologiaHistoricaProjetosRestauracao\\_1edicao\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man_ArqueologiaHistoricaProjetosRestauracao_1edicao_m.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023.

NASCIMENTO, Evelin Luciana Malaquias. **A Textura da Vida Diária: Materialidade e Paisagem no Cotidiano do Quilombo de Arques (Vale do Mucuri/MG)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011.

NEGREIROS, Luiz Alex Guerra. **O catolicismo popular na Comunidade Lagoa de Fora, zona rural de São Raimundo Nonato - PI (1968-2014)**. 2014. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual do Piauí UESPI, São Raimundo Nonato, 2014.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. 2007. 201 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, Jaime de Santana. **1912**: São Raimundo Nonato, um projeto de emancipação política. 2011. 103 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato/PI. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/38012674/1912\\_sao\\_raimundo\\_nonato\\_um\\_projeto\\_de\\_emancipacao\\_politica.pdf](https://www.academia.edu/download/38012674/1912_sao_raimundo_nonato_um_projeto_de_emancipacao_politica.pdf). Acesso em: 15 mar. 2023.

PAES, Samara Sandra de Negreiros. “**Essa água não via pezinho**”: estruturas materiais e narrativas sobre coleta de água em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí. 2022. 107 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e

Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2022. Disponível em: <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000026/000026aa.pdf>. Acesso em 13 mar. 2023.

PELLINI, José Roberto. Onde está o gato? Realidade, arqueologia sensorial e paisagem. **Revista Habitus** - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 9, n. 1, p. 17-32, 2011.

SALERNO, Virginia. Arqueología Pública: Reflexiones Sobre la Construcción de un Objeto de Estudio. **Revista Chilena de Antropología**, v. 27, n. 1, p. 7-37, 2013.

SANTOS, Janaina Carla. **O Quaternario do Parque Nacional Serra da Capivara e Entorno, Piauí Brasil**: Morfoestratigrafia Sedimentologia, Geocronologia e Paleoambientes. 2007. 182f. Tese (Doutorado em Geociências) - Centro De Tecnologia e Geociências Pós-Graduação em Geociências. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6387>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTOS, Nadja Ferreira. **Interface entre arquitetura e arqueologia na preservação do patrimônio cultural urbano**. 2009. 156f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) -Instituto Federal de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SANTOS, Raquel. Arqueologia da arquitetura: Olhar paredes, ver vivências. **Revista Arqueología Pública**, v. 9, n. 1, p. 60-72, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/download/8639469/7057>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SHAH, A.; ÁLVARES, L. P.; BENASSI, G.; OLEGÁRIO, A.; LANNA, M. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista de Antropologia da UFSCar**, [S. I.], v. 12, n. 1, p. 373–392, 2020. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/342>. Acesso em: 3 maio. 2023.

SILVA, Déborah Gonsalves. Família escrava e compadrio na freguesia de São Raimundo Nonato-PI (1872-1888). In: ANAIS DO VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL. ESCRITAS DA HISTÓRIA: VER SENTIR-NARRAR, 6., 2012, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: -, 2012. v. 6, p. 1-11.

SILVA, Fabíola Andréa; BESPALEZ, Eduardo; STUCHI, Francisco Forte. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. Amazônica-**Revista de Antropologia**, v. 3, n. 1, FALTA AS PÁGINAS, 2011.

SILVA, Fabíola Andréa; GARCIA, Lorena Luana Vanessa Gomes. Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na TI Kuatinemu, Pará. Amazônica-**Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1, p. 74-99, 2015.

SILVA, Lucas Vinicius Oliveira; ALENCAR, Camila Osugi Cavalcanti. CASA SERTANEJA COMO RETRATO DA ARQUITETURA VERNACULAR NORDESTINA: a valorização cultural por meio dos materiais e métodos construtivos. In: MOSTRA DE PESQUISA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2019, -, 2019, Fortaleza. **Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia**. Fortaleza: Even3, 2019, p. 1-10. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/mpct2019/158010-casa-sertaneja-como-retrato-da-arquitetura-vernacular-nordestina--a-valorizacao-cultural-por-meio-dos-materiais-e>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SOUZA, Newan Acacio Oliveira de. O urbano a serpentejar a Amazônia: intersecções entre Arqueologia e arquitetura vernacular. **Arche: Rev. Disc. Arqueologia**, Rio Grande, RS, v.1 n.1, p. 1-15, 2020.

SOUZA, Laize Carvalho; SILVA, Brahão Sanderson N. F. Arqueologia Pública: Um olhar sobre a interação social e a preservação de recursos arqueológicos no estado do Piauí. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 11, n.1, p.67-86. jun. 2017.

SOUZA, Laize Carvalho de. Arqueologia Pública e sua práxis social: uma contribuição necessária para a preservação de recursos arqueológicos e interação social. **Cadernos do Lepaarq**, v. 15, n. 30, p. 80-97, Jul-Dez. 2018.

SULLASI, Henry S. L.; FREITAS, Mariana; Matos, Manuela X. G.; Maior, Paulo M. S. Perfil tecnológico das construções de grupos maniçobeiros em sítios arqueológicos no Parque Nacional Serra Da Capivara, PI. **Clio Arqueológica**, Recife, v.31, n. 2, p. 190-210, 2016.

TEIXEIRA, R.; SALCEDO, Rosio Fernández Baca. A Configuração da Casa na paisagem cultural da cidade colonial nordestina. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL PATRIMÔNIOS, 2019, Ourinhos. **ANAIIS DO II SIMPÓSIO INTERNACIONAL PATRIMÔNIOS**: cultura identidades e turismo. Ourinhos: Unesp, 2019. v. 1. p. 1-25.

THIESEN, Beatriz Valladão. Antes da Poeira Baixar: Reflexões sobre uma arqueologia do passado recente. **Revista Memorare**, v. 1, n. 1, p. 222-226, 2013.

TRAMASOLI, Felipe Benites. "Haja hoje p/tanto hontem": apontamentos sobre a Arqueologia e o contemporâneo. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 186-209, 2017. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v30i1.518>.

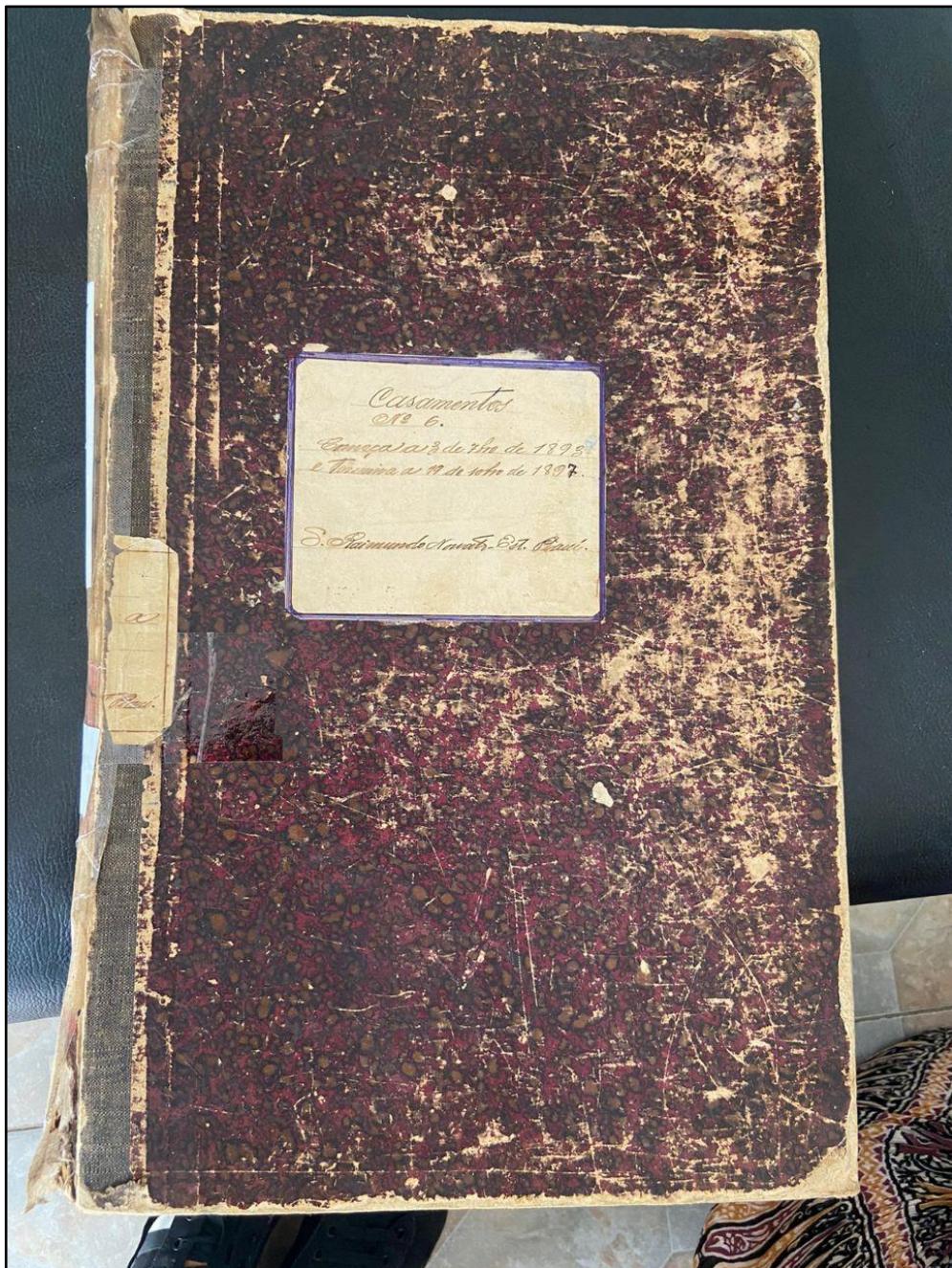
VIANA, Nayanne Magna Ribeiro. **Traquejos e labutas**: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX). 2018. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/872>. Acesso em: mar. 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, Norma (org.) ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 31-44.

WOLF, Sidnei; MACHADO, Neli Galarce. Arqueologia da Paisagem aplicada ao estudo de sítios arqueológicos Jê Meridionais nas Bacias Hidrográficas dos Rios Forqueta e Guaporé/Rs. **RAEGA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 45, n. 1, p. 268-280, 2019. DOI: 10.5380/ISSN: 2177-2738.

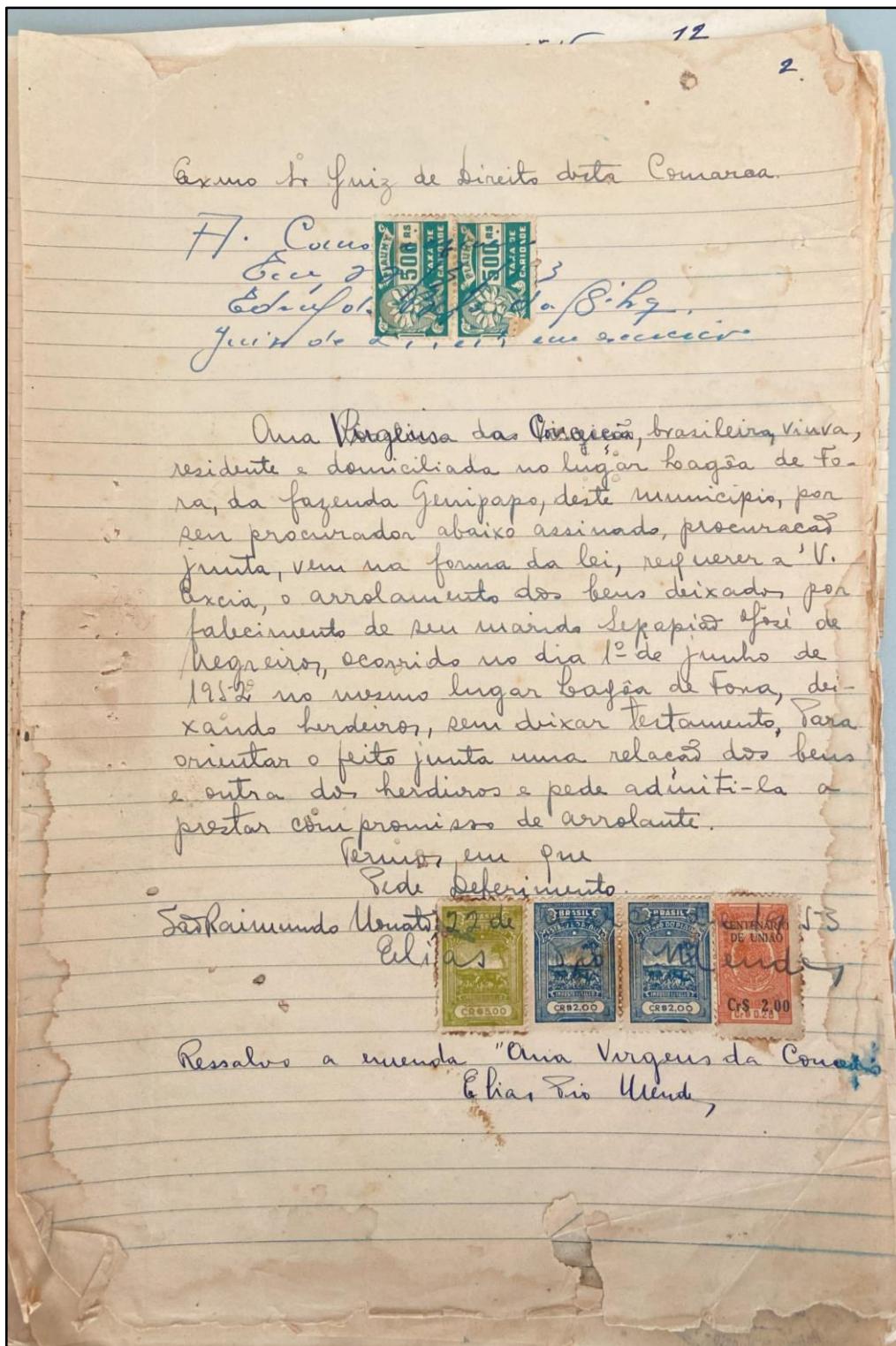
ZAMBRINI, Ariane Vasques. **As veredas do bode:** criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

**ANEXO A – LIVRO Nº 6 CONTENDO A CERTIDÃO DE CASAMENTO DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGREIROS E ANAROSALINA DAS VIRGENS**



Fonte: Acervo da Cúria Diocesana de igreja matriz de São Raimundo Nonato, Piauí

**ANEXO B - PROCURAÇÃO DA RELAÇÃO DE BENS PRESENTE NO INVENTÁRIO  
DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGREIROS (SÉCULO XX – 1953)**



Fonte: Acervo do Laboratório de História (LABHIST) da Universidade Estadual do Piauí

## ANEXO C – RELAÇÃO DOS HERDEIROS DE SERAPIÃO JOSÉ DE NEGRERIOS – NOMINATA

6

*Relação dos herdeiros:*

Mulher avôente - Ana *Vergesas das Engenharias*, com 58 anos de idade, residente no lugar *Lagoa de Faria*, da fazenda *Genipapez*, deste município.

Filhos:

- 1º) Bernardo José de Negreiros, casado, com 58 anos de idade;
- 2º) Manuel José Bandin, por cabeça de sua mulher *Apolinária Virgem da Conceição*;
- 3º) Romualdo Pots Bandin, por cabeça de sua mulher *Felomena Virgem da Conceição*;
- 4º) Henrique José de Negreiros, casado, com 52 anos de idade;
- 5º) Marcelino José de Negreiros, casado, com 50 anos de idade;
- 6º) Viterino Negreiro, por cabeça de sua mulher *Maria Virgem da Conceição*;
- 7º) Pedro Alves Tamplona, por cabeça de sua mulher *Isaura Batista da Conceição*;
- 8º) Consuelo José de Negreiros, casada, com 44 anos de idade;
- 9º) José Geraldo de Negreiros, casado, com 43 anos de idade;
- 10º) José Gonçalves da Conceição, por cabeça de sua mulher *Elias*;
- 11º) Avelino Negreiro, por cabeça de sua mulher *Petrônilia Virgem da Conceição*; (Todos residentes neste município).
- 12º) Silvestre José de Negreiros, falecido, representado por seus filhos:
- a) Raimunda Francisca de Negreiros,

casada com *Fareiss Gabriel de Miranda*, residente nesta cidade;

b) Miguel José de Negreiros, casado, com 51 anos, residente nesta cidade;

c) Rosália Gomes de Negreiros, casada com *Cornelio Alves Tamplona*, residente em *Porto Nacional-Goiás*;

d) Henédia Gomes Negreiros, casada com *Rafael Cores da Mata*, residente em *Porto Nacional-Goiás*;

e) Maria das Mercês, casada com *Leônidas Alves Tamplona*, residente nesta cidade;

f) Maria Francisca Negreiros, com 53 anos de idade, casada com *Gentilino Negreiros*, residente no lugar *Lagoa de Lima*, deste município;

13º) *Imaculada Virgem da Conceição*, falecida, representada por seus filhos:

a) Antonia Gomes de Negreiros, casada com *Fernando José de Souza*; com 28 anos de idade;

b) Aureliano Gomes de Negreiros, com 27 anos, solteiro;

c) Rosa Gomes de Negreiros, solteira, com 24 anos;

d) Gonçalo Gomes de Negreiros, com 23 anos de idade, solteiro;

e) José Gomes de Negreiros, solteiro, com 21 anos de idade;

f) Maria Gomes de Negreiros, solteira, com 20 anos de idade;

Todos residentes na fazenda *Canaleiro* disto município.

San Raimundo Nonato, 22 de março de 1953.  
Cílio Pio Mendes.

Fonte: Acervo do Laboratório de História (LABHIST) da Universidade Estadual do Piauí

**APÊNDICE A – PESQUISA DE CAMPO – ARQUIVO DOCUMENTAL - CÚRIA DIOCESANA DA IGREJA MATRIZ DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PIAUÍ**



Fonte: Acervo do autor (2023).



Fonte: Acervo do autor (2023).

**APÊNDICE B – ATIVIDADES DE CAMPO – PROSPECÇÕES NAS ÁREAS DE POTENCIAL ARQUEOLÓGICO NA REGIÃO DA COMUNIDADE LAGOA DE FORA**



Fonte: Acervo do autor (2022).



Fonte: Acervo do autor (2022).

## APÊNDICE C – TERMOS DE AUTORIZAÇÕES PARA COLETA DE INFORMAÇÕES ORAIS, DIRETOS DE IMAGEM E DADOS ETNOGRÁFICOS



Colegiado de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial  
**CARQUEOL**

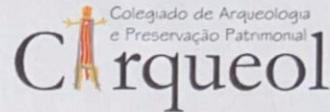
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente “Autorização”, eu,  
Agnaldo Alves de Negreiros, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 19 de janeiro de 2023.

Agnaldo Alves de Negreiros  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

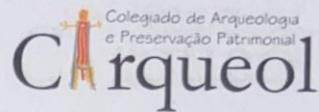
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,  
Algíra Palos Lardim, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 24 de maio de 2023.

Algíra Palos Lardim  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

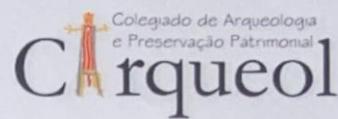
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,

Angélica Alves de Negreiros, autorizo o discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo, a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 07 de maio de 2023.

Angélica Alves de Negreiros  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

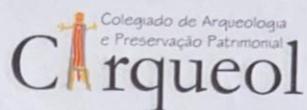
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente “Autorização”, eu,  
Antônio de Negreiros Ribeiro, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 09 de maio de 2023.

Antônio de Negreiros Ribeiro  
Assinatura



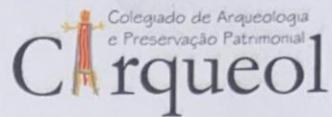
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente “Autorização”, eu,  
Bartolomeu Ribeiro Lins, autorizo o discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo, a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 24 de maio de 2023.

Bartolomeu Ribeiro Lins  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

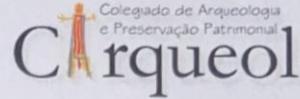
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,

*Nailton Negreiros Paes*, autorizo o discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo, a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 26 de Junho de 2023.

*Nailton Negreiros Paes*  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

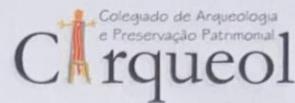
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,

Raimundo Nonato Soárez, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 09 de Mai de 2023.

Raimundo Nonato Soárez  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

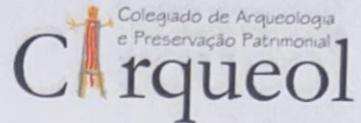
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,  
maria amélia de negreiros Paes, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 08 de maio de 2023.

maria amélia de negreiros Paes  
Assinatura



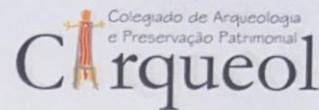
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA  
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente “Autorização”, eu,  
Maria Débora de Negreiros, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 28 de Maio de 2023.

Maria Débora de Negreiros  
Assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CAMPUS SERRA DA CAPIVARA

COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E CONTÉUDO**

Pelo presente instrumento, doravante simplesmente "Autorização", eu,  
Inez maria de negreiros, autorizo o  
discente NAILTON NEGREIROS RIBEIRO, pertencente a Universidade Federal  
do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, no curso de Arqueologia  
e Preservação Patrimonial – CARQUEOL, a utilização do meu nome, da minha  
imagem, dos dados produzidos, no todo ou em partes, em qualquer meio/veículo,  
a critério do autor do referido termo, a qualquer tempo e por período  
indeterminado, sem restrição de quantidade, qualidade e frequência, mesmo que  
para fins publicitários, sem que isso implique o autor do termo, Colegiado e  
Universidade, qualquer tipo de ônus e/ou contrapartida, não podendo haver  
venda ou troca econômica financeira de terceiros.

São Raimundo Nonato-Piauí, 09 de maio de 2023.

Inez maria de negreiros  
Assinatura